

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

SANDRO LUIZ MODESTO

**CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO
OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE
ECOFILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Vitória

2020

SANDRO LUIZ MODESTO

CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO
OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ECOFILOSOFIA
NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Espírito Santo, com área de concentração em Ensino de Filosofia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Abdalla Guerrieri

Vitória

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M691c Modesto, Sandro Luiz, 1975-
Contribuição das histórias em quadrinhos como objeto de aprendizagem para o ensino de Ecofilosofia no ensino fundamental / Sandro Luiz Modesto. - 2020.
204 f. : il.

Orientador: Mauricio Abdalla Guerrieri.
Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ecofilosofia. 2. Educação. 3. História em quadrinhos.. 4. Dialética. I. Guerrieri, Mauricio Abdalla. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 101

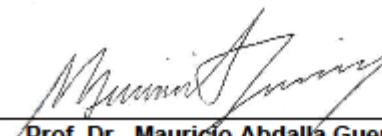
Sandro Luiz Modesto

Contribuição das histórias em quadrinhos como objeto de aprendizagem para o ensino de Ecofilosofia no ensino fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 04 de junho de 2020.

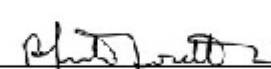
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Maurício Abdalla Guerrieri
Orientador e Presidente da Comissão (UFES)



Prof. Dr. Gilmar Francisco Bonamigo
Examinador Interno (UFES)



Prof. Dr. Antônio Donizetti Sgarbi
Examinador Externo (UFES)

Aos habitantes do planeta Terra, especialmente para
Almerinda, Vanda e Sofia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador do Universo pelo dom da vida e pela possibilidade de realizar esta obra em prol da criação.

Agradeço aos meus familiares: ao meu pai Valdeci (*in memorian*), à minha mãe Almerinda e aos meus irmãos Jane e Johnny por contribuir com minha formação com afeto e amor. Aos sobrinhos Eduarda, Guilherme e Gabriel, meu muito obrigado pelo carinho.

Obrigado, Vanda e Sofia, pelo incentivo, carinho e compreensão do isolamento durante o período de escrita.

Obrigado às comunidades escolares onde atuo: à Emef Prof. Cerqueira Lima e à direção de Maria Inês Libardi e Daniela Leal e a EEEFM Luiz Manoel Vellozo e à direção de Francinnê Guedes e a todos meus colegas de trabalho.

Obrigado aos colegas do magistério que lutam por uma educação de qualidade e para a emancipação dos jovens, especialmente a todos os professores das Práticas de Filosofia e Ciências Sociais que me incentivaram com nossas inúmeras conversas e troca de experiências, ao professor José Aarão por me acompanhar na pesquisa, à professora Juliana Elias e professora Tatiany Vasconcelos, pelo apoio e incentivo.

Obrigado a todos os meus alunos que se aventuram na experiência de aprender/ ensinar filosofia.

Agradeço à UFES e a todos os professores do Mestrado Profissional em Filosofia PROFFILO: Vidal, Jorge Augusto, Jorge Luiz, Bonamigo, Mauricio, Claudia e em especial a Marcelo Martins Barreira, pelo incentivo.

Obrigado ao meu orientador Prof. Dr. Mauricio Abdalla Guerrieri, por sua postura ética e dedicada ao me orientar e à banca de defesa: Prof. Dr. Antonio Donizeti Sgarbi e Prof. Dr. Gilmar Francisco Bonamigo, pelos valiosos ensinamentos.

A todos os alunos do Mestrado Profissional em Filosofia e em especial aos colegas da turma que iniciaram esta caminhada comigo: Alexon, Cláudio, Fábio, Josilaine, Ramando e Gislaine (*in memorian*) que foi modelo de dedicação e generosidade e infelizmente nos deixou durante nossa jornada. Obrigado, amigos.

Obrigado Denise Wanzeller Corrêa pelas correções nas normas da Língua Portuguesa.

Obrigado a Capes pelo incentivo através da bolsa.

Gratidão!

“Quadrinhos possibilitam sonhos.” (Moacyr Cirne)

“A missão da ecofilosofia é explorar uma diversidade de perspectivas sobre contextos e inter-relações entre a natureza humana. Promover relações mais profundas e mais harmoniosas entre o lugar, o eu, a comunidade e o mundo natural.” (Alan Drengson)

RESUMO

Esta dissertação é uma experiência de ensino de Ecofilosofia com história em quadrinhos em duas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental na Emef Professor Cerqueira Lima no município de Cariacica - ES onde o estudante conheceu os problemas da realidade socioambiental, posicionou-se criticamente diante dela e construiu as bases para a mudança. Os fundamentos teóricos são: a crítica de Marx e Engels à economia capitalista como exploradora do trabalho humano e da natureza, As Quatro Ecologias para pensar na totalidade das relações e o Cuidado como Princípio Fundamental para romper a crise ecológica e construir um novo *Ethos* de Leonardo Boff e o Princípio da Cooperação de Maurício Abdalla como alternativa à racionalidade vigente. Com a dialética como concepção metodológica e as histórias em quadrinhos como método, houve a produção de um processo pedagógico onde o aluno lê e cria sua história em quadrinhos sobre a problemática ambiental e uma solução para essa problemática. A análise dialética da criação dos alunos demonstrou que a concepção metodológica e o método adotado produziram sínteses significativas para a experiência de aprendizado de Ecofilosofia. Os resultados mostram que as histórias em quadrinhos contribuem para o ensino de Ecofilosofia no Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ecofilosofia. Dialética. História em quadrinhos.

ABSTRACT

This dissertation is an experience of teaching Ecophilosophy using comic book stories in two groups of the Sixth Grade of the Elementary School at Professor Cerqueira Lima in Cariacica - ES in which the student met the problems of the socioenvironmental reality, took a critical position in facing it and built the basis for changing. The theoretical fundamentals are: Marx and Engels criticism on capitalist economic system exploration of human labor and nature, As Quatro Ecologias to think about the totality of relations e as a Fundamental Principle to break the ecological crisis and build a new Ethos by Leonardo Boff and Princípio da Cooperação by Maurício Abdalla as an alternative to rationality. Using dialectic as methodological concept and the comic book stories as method, a pedagogical process was done where the student reads, creates and proposes a solution for the issue found in the comic book stories. The dialectical analysis of the students' productions showed that both methodological approach and method brought significant results for the experience of learning Ecophilosophy. The results show that comic book stories contribute for teaching Ecophilosophy in the Elementary School.

KEY WORDS: Education, Ecophilosophy, Dialectic, Comic book stories

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Impactos socioambientais recorrentes	30
Tabela 2 - Problemática ambiental	87
Tabela 3 - Leitura de história em quadrinhos de Ecofilosofia	90
Tabela 4 - Oficina para aprender a fazer história em quadrinhos	115
Tabela 5 - Criação das histórias em quadrinhos pelos alunos	117
Tabela 6 - Análise qualitativa/dados numéricos	156

LISTA DE SIGLAS

Abiplast – Associação Brasileira da Indústria do Plástico

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

Comcec - Conselho Municipal de Educação de Cariacica - ES

Emef – Escola Municipal de Ensino Fundamental

Enem - Exame Nacional do Ensino Médio

HQ – História em Quadrinhos

IPCC - *Intergovernmental Panel on Climate Change*

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

OMM - Organização Meteorológica Mundial

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

Plastivida – Instituto Socioambiental dos Plásticos

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

Pnuma - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

PPP – Projeto Político Pedagógico

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura

VALE – Companhia Vale do Rio Doce

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Exemplo de tira.....	66
Figura 2 - Modelo de Fanzine.....	66
Figura 3 - <i>A Contract With God</i> (1978) de Will Eisner	67
Figura 4 - Exemplo de Plano Geral ou Panorâmico.....	71
Figura 5 - Exemplo de Plano Total.....	71
Figura 6 - Exemplo de Plano Americano.....	72
Figura 7 - Exemplo de Plano Médio ou Aproximado.....	72
Figura 8 - Exemplo de Primeiro Plano (1º quadrinho na parte inferior à esquerda) e <i>close</i> (2º quadrinho e <i>close</i> nos olhos dos personagens.....	73
Figura 9 - Mais balões:	75
Figura 10 - Exemplo de balões de fala, em praticamente todos os quadrinhos, grito no 1º e 2º quadrinhos e legenda (retângulo na parte inferior da página)	76
Figura 11 - Exemplos de Onomatopeia.....	76
Figura 12 - No 2º quadrinho os corações são exemplos de metáfora visual, demonstrando o sentimento da personagem no 3º, há linhas cinéticas que dão a ideia de queda da personagem Susanita e o movimento da cabeça de Mafalda.....	77
Figura 13 - HQ 1: A solução drástica.....	119
Figura 14 - HQ 2 :Uma nova solução.....	119
Figura 15 - HQ 3: Reciclar, reutilizar e reduzir.....	122
Figura 16 - HQ 4: O protesto.....	123
Figura 17 - HQ 5: Poluição no mar.....	124
Figura 18 - HQ 6: A pergunta.....	125
Figura 19 - HQ 7 - Ação política – Ligando para a prefeitura 1.....	126
Figura 20 - HQ 8 - Ação política – Ligando para a prefeitura 2.....	127
Figura 21 - HQ 9 - Ação política - Ligando para a prefeitura 3.....	128
Figura 22 - HQ 10 - Ação política - Ligando para a prefeitura 4.....	129
Figura 23 - HQ 11 - Ação política - Ligando para a prefeitura 5.....	130
Figura 24 - HQ 12 - Ação política - Acabei com o lixo do mundo.....	131
Figura 25 - HQ 13 - O acordo.....	132
Figura 26 - HQ 14 - Conscientização 1 - Consumir menos.....	133
Figura 27 - HQ 15 - Conscientização 2 - Vamos salvar o planeta.....	134
Figura 28 - HQ 16 - Conscientização 3 - Machuca a mãe natureza.....	135
Figura 29 - HQ 17 - Conscientização 4 - A turma da natureza.....	136

Figura 30 - HQ 18 - Conscientização 5	137
Figura 31 - HQ 19 - Conscientização 6.....	138
Figura 32 - HQ 20 - Conscientização 7.....	139
Figura 33 - HQ 21 - Ação de um grupo na praia.....	140
Figura 34 - HQ 22 - Ação de um grupo na praia 2.....	141
Figura 35 - HQ 23 - Ação de um grupo na praia 3.....	142
Figura 36 - HQ 24 - Outras ações 1.....	143
Figura 37 - HQ 25 - Outras ações 2.....	144
Figura 38 - HQ 26 - O problema.....	145
Figura 39 - HQ 27 - Tratamento de lixo.....	146
Figura 40 - HQ 28 - O guincho que virou um carro.....	147
Figura 41 - HQ 29 - Não <i>taca</i> o lixo no chão.....	148
Figura 42 - HQ 30 - Bola reciclada.....	149
Figura 43 - HQ 31 - Ação policial.....	150
Figura 44 - HQ 32 - Consciência e ação.....	151
Figura 45 - HQ 33.....	152
Figura 46 - HQ 34.....	153
Figura 47 - HQ 35.....	153
Figura 48 - HQ 36.....	154
Figura 49 - HQ 37.....	154
Figura 50 - HQ 38.....	155
Figura 51 - HQ 39.....	155
Figura 52 - HQ 40.....	156

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Aluna criando sua história em quadrinhos	119
Fotografia 02 – Aluno criando sua história em quadrinhos	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 O QUE É ECOFILOSOFIA?	19
1.1 POR QUE É NECESSÁRIA A ECOFILOSOFIA PARA A REALIDADE SOCIOAMBIENTAL?	24
1.2 POR QUE É NECESSÁRIO ENSINAR/APRENDER ECOFILOSOFIA?... 26	
1.3 REALIDADE SOCIOAMBIENTAL CONTEMPORÂNEA	29
1.4 A REALIDADE SOCIOAMBIENTAL À LUZ DO PENSAMENTO FILOSÓFICO.....	35
1.5 MARX E ENGELS E A ECOLOGIA: CRÍTICA À ECONOMIA CAPITALISTA	37
1.6 O CUIDADO E AS QUATRO ECOLOGIAS DE LEONARDO BOFF	44
1.7 O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO	52
2 EDUCAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	59
2.1 ALFABETIZAÇÃO SOBRE QUADRINHOS	64
2.1.1 Formatos de história em quadrinhos	65
2.1.2 A Linguagem das Histórias em Quadrinhos	68
3 COMO ENSINAR ECOFILOSOFIA?	77
3.1 DIALÉTICA COMO CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DE ENSINO DE FILOSOFIA.....	77
3.2 A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO MÉTODO DIALÉTICO	80
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ECOFILOSOFIA	84
4.1 DESCRIÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR DA EMEF PROFESSOR CERQUEIRA LIMA E DAS PRÁTICAS DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS EM CARIACICA.....	84

4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ENSINO DE ECOFILOSOFIA PELAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS	86
4.3 EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES	155
4.4 AVALIAÇÃO DO PROCESSO	156
5 CONCLUSÃO.....	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
APÊNDICES.....	171
ANEXOS	199

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é uma experiência *de* Ecofilosofia e *com* Ecofilosofia. Ecofilosofar consiste em pensar filosoficamente a ecologia, a relação homem (ser consciente e cultural) e natureza (o conjunto de ecossistemas, a fauna, a flora e os minerais) e as cosmovisões humanas sobre a natureza.

A Ecofilosofia também denuncia criticamente o desrespeito do homem sobre o Planeta, mas anuncia apontamentos para possíveis soluções que nutrem a utopia de um novo mundo.

A educação como processo de socialização e de interpretação crítica deste mundo adota ou deveria adotar a Filosofia como sua parte essencial (e não só como disciplina). Aprender consiste em entrar contato com a realidade produzida historicamente, assimilá-la e pensar no novo, em uma nova realidade. O aspecto *Eco* dessa realidade passa por esse caminho. A Ecofilosofia sobre a qual trata esta dissertação semeia um aprender sobre a necessidade de mudanças em um mundo marcado por destruições nas relações sociais e relações com a natureza. Educar ecofilosoficamente é mudar relações.

O objetivo é demonstrar a contribuição das histórias em quadrinhos como objeto de aprendizagem para o ensino de Ecofilosofia no ensino fundamental. A história em quadrinhos foi escolhida, dentre os diversos instrumentos de aprendizagem, e trabalhada com pré-adolescentes do 6º ano do ensino fundamental com o objetivo de começar a mudar relações para criar princípios de uma educação emancipadora e transformadora desta realidade. A opção pelas histórias em quadrinhos foi feita por considerar uma leitura presente na vida de crianças e adolescentes, por ser agradável para essa faixa etária e ser um potencial de aprendizado.

Mas esse objeto de aprendizado precisa de um método. A dialética, na acepção com que será tratada nesta dissertação, é uma escolha que é considerada essencialmente filosófica e que pode ser aplicada no processo de ensinar e aprender, por abarcar a totalidade e fazer movimento entre o mundo concreto e a abstração.

Esta dissertação não é sobre um pensador específico. É um estudo temático sobre Ecofilosofia e seu ensino com os quadrinhos. Alguns pensadores foram referência para tratar da temática.

No primeiro capítulo, a Ecofilosofia foi definida pela origem do termo em Arne Naess (1973;1995) e o sentido que é dado neste trabalho, sua necessidade para a realidade socioambiental que é descrita com base em dados atualizados e a necessidade de ensinar e aprender como a filosofia pode iluminar a realidade socioambiental.

Ainda no primeiro capítulo, há as ideias e pensadores ensinados na Ecofilosofia: Karl Marx (1986; 2004; 2005; 2010) e Friedrich Engels (2007) e sua crítica ao capitalismo e a crítica ecológica presente em seus pensamentos, além da proposta socialista original como possibilidade de superação do desequilíbrio na relação homem e natureza na lógica burguesa.

Outro pensamento-base é o que está explanado nas obras “O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade” (BOFF, 2012b) e “As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral” (BOFF, 2012), ideias filosóficas que confrontam a problemática ambiental e apontam caminhos para superação. Por fim, a obra “O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade” de Mauricio Abdalla (2004) e contribuição de outros pensadores, que pensam em alternativas para a mudança da racionalidade vigente.

O segundo capítulo trata da relação entre histórias em quadrinhos e educação. A abordagem centrou-se nos aspectos históricos, pedagógicos e legais no Brasil e a alfabetização sobre quadrinhos, necessária para um processo de ensino/aprendizagem com quadrinhos.

Como ensinar Ecofilosofia, no terceiro capítulo, trata da concepção metodológica de ensino e da metodologia dialética relacionada à filosofia e às histórias em quadrinhos. O ensino de Ecofilosofia pode ter, nos quadrinhos, uma boa forma para desenvolver novas formas de pensar e intervir na realidade.

Por fim, o quarto e último capítulo é o relato de experiência da aplicação de história em quadrinhos no ensino/aprendizagem de Ecofilosofia para alunos das turmas de sexto ano, na Emef – Escola Municipal de Ensino Fundamental -

Professor Cerqueira Lima, em Cariacica - ES. O contexto de aplicação do processo pedagógico é descrito, seguido da exposição e análise das produções dos alunos.

A proposta desta dissertação se justifica pela necessidade de sairmos da crise socioambiental, mudando a racionalidade que causa catástrofes nas relações sociais e na natureza e tem a relevância de, nas aulas e experiências de filosofia em sala de aula, provocar a consciência socioambiental de crianças e adolescentes como demonstrada na realização da experiência pedagógica.

1 O QUE É ECOFILOSOFIA?

Para responder “o que é Ecofilosofia” é necessário esclarecer o significado de termos similares na Filosofia, para distingui-los, tais como Filosofia da Natureza, Filosofia Ambiental e a Ecosofia, embora extremamente vinculados à Ecofilosofia.

Embora a investigação filosófica sobre a natureza e sua relação com o homem tenha ganhado notoriedade na década de 1960, juntamente com a ascensão da própria Ecologia, desde seu início a Filosofia trata de questões ligadas à natureza a partir da Filosofia da Natureza ou Natural, como a cosmogonia e a investigação da *physis* pelos gregos antigos e que continua avançando desde então.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, o que chamamos hoje de ciência era chamada de Filosofia natural e a dimensão empírica passa a ter uma importância que antes não tinha no saber. Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton eram filósofos naturais e “contribuíram para uma visão dualista na qual a natureza é separada da essência humana e vista como algo objetivante e objetivável por meio de experimentos” (NASCIMENTO, 2010).

Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton “matematizaram” a natureza a ser descrita pela ciência. Francis Bacon organizou a teoria do método indutivo, que contribuiu para o domínio e controle da natureza. A oposição homem/natureza desse período afetou profundamente a ciência até hoje (CAPRA, 1982). A natureza era somente um objeto de estudo sem vinculação com o ser humano, o que não condiz com a proposta de Ecofilosofia apresentada aqui. Além disso, a proposta vai além da relação epistemológica com a natureza.

A Filosofia Ambiental ou Filosofia do Meio Ambiente tem proximidade com a Ecofilosofia, e que também é diferente da Filosofia da Natureza.

[...] o conceito de “natureza” está presente na Filosofia há muito tempo. Na tradição ocidental, por exemplo, os primeiros filósofos são chamados “os físicos” (do grego *phýsis*, “natureza”). Isso por dedicarem-se eles a perscrutar a Natureza em busca de seus princípios primeiros. E esse termo repetiu-se com frequência em toda a História da Filosofia. Ocorre, no entanto, que o sentido dado ao conceito “Natureza” não é o mesmo de “Meio Ambiente”. A Filosofia do Meio Ambiente não é o mesmo que a Filosofia da Natureza. Particularmente pelo fato de não se tratar a

“Natureza” no sentido de condição material da existência biótica (MEDAGLIA, 2005, p. 5).

Filosofia Ambiental ou do Meio Ambiente é um ramo da Filosofia que trata de questões ligadas ao meio ambiente, a partir de campos de investigação da Filosofia como ética ambiental, epistemologia, metafísica, política, etc.

O termo Filosofia Ambiental foi utilizado pela primeira vez, em 1970, pelo filósofo norte-americano, Baird Callicot como título de um curso ministrado na Universidade de Wisconsin. Callicot foi expoente do filósofo Aldo Leopold e sua ética da Terra, que difunde a Ética ambiental no meio acadêmico. Na década de 70, outros filósofos começaram com movimentos semelhantes, mesmo que utilizando outros termos (Filosofia Ecológica, Filosofia da Natureza, etc.). A Filosofia ambiental cresceu no mundo e expandiu-se até chegar a uma associação internacional (*International Association for Environmental Philosophy*), partindo da ética e agregando outros campos de investigação filosófica (NASCIMENTO, 2010).

O conceito de Filosofia Ambiental dá essa noção de amplitude, de abarcar a totalidade do pensamento filosófico sobre a relação homem e meio ambiente, seja pela interligação dentro da Filosofia (ética, epistemologia, ontologia, estética, política, etc.) ou por sua interligação com outros saberes (ciências naturais, artes, ciências humanas, linguagens, matemática, saberes de povos originários, teologia etc.).

O pai dos conceitos de Ecosofia e Ecofilosofia é o filósofo, alpinista e ecologista norueguês Arne Naess. Ele também é pai da Ecologia Profunda (*Deep Ecology*) que se contrapõe à Ecologia Rasa (*Shallow Ecology*), e que tem como princípios básicos a crítica ao antropocentrismo, a defesa do ecocentrismo e a necessidade de autorrealização humana na relação com a ecosfera (ZIMMERMAN, 1989).

A Ecologia Profunda considera o valor intrínseco da vida, independentemente de sua utilidade, o direito à vida pertence a todos os seres vivos e não somente ao homem, o antropocentrismo perde sua razão de existir e, além disso, a visão holístico-sistêmica do mundo, onde as relações são levadas em consideração na totalidade das relações, dissolve o conceito dual

sujeito/objeto, homem/natureza, além de respeitar profundamente a diversidade natural e cultural.

A identidade do movimento é fortalecida, pois Arnie Naess (1973;1995) e George Sessions criam os oito princípios da plataforma da Ecologia Profunda, síntese da base do movimento: 1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não humana sobre a Terra têm valores em si próprios (valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não humano para os propósitos humanos. 2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmos. 3. Os seres humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade exceto para satisfazer necessidades humanas vitais. 4. A prosperidade da vida humana e das suas culturas é compatível com um substancial decréscimo da população humana. O florescimento da vida não humana exige essa diminuição. 5. A atual interferência humana no mundo não humano é excessiva e a situação está piorando aceleradamente. 6. Em conformidade com os princípios anteriores, as políticas precisam ser mudadas. As mudanças políticas afetam as estruturas básicas da economia, da tecnologia e da ideologia. A situação que resultará desta alteração será profundamente diferente da atual. 7. A mudança ideológica ocorrerá, sobretudo, no apreciar da qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), em vez da adesão a padrões de vida mais elevados. Haverá uma consciência profunda da diferença entre o grande (quantidade) e o importante (qualidade). 8. Aqueles que subscrevem os princípios precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias (NAESS, 1973, p. 15).

Essa plataforma contempla aspectos éticos (valor intrínseco da vida e de sua diversidade), políticos e epistemológicos (embora, não descritos diretamente) e são chamados de princípios, pois dão base para os seguidores da Ecologia Profunda.

O valor intrínseco da vida se faz presente em todos os princípios, ligando-se a não necessidade de utilidade humana e à biodiversidade e sua manutenção. O respeito máximo à vida deve ser prioridade na atividade do Ecologista Profundo que deve introjetar esse princípio de tal modo que afete sua individualidade, tornando-o capaz de afetar suas relações de consumo, suas atitudes cotidianas

como o uso de certas tecnologias sustentáveis, sua postura ideológica e o seu compromisso com a radicalidade desses princípios.

O ambientalista da Ecologia Profunda deve, a partir dessa Plataforma, interferir no meio político e social, no sistema econômico e na visão antropocêntrica de mundo.

A Ecologia Profunda combate o antropocentrismo axiológico, onde o ser humano é o centro, considerado aquele que vale mais do que os outros seres, sua ética é baseada neste princípio e justificaria a exploração de certos recursos naturais, mesmo sendo o fim de um ecossistema para o desenvolvimento da humanidade.

Nesse *centrismo*, o ser humano [...] “se sente *sobre* as coisas e não *junto* com as coisas. Imagina-se um ponto isolado e único, fora da natureza e acima dela” (BOFF, 2004, p. 101) e isso afeta o valor intrínseco da vida, criando uma hierarquia equivocada sobre a diversidade do universo.

A descrição do pensamento de Arne Naess (1973;1995) foi necessária para clarear o termo Ecosofia, que é o objetivo final da Ecologia Profunda.

Naess considera as variações nos detalhes de uma Ecosofia, principalmente pela prioridade de valor. As variações de conceituação de Ecosofia surgem também por diferentes pensadores como Félix Guattari (1990) e Michel Maffesoli (2010) ou por outro ativista ecológico que se apropria do termo¹.

Na sua definição de Ecosofia, Naess (1973) demonstra a necessidade de atuação política diante das questões ambientais:

Por Ecosofia eu quero dizer uma filosofia de harmonia ou equilíbrio ecológico. Uma filosofia como uma espécie de sabedoria, é um saber abertamente normativo que contém ambas as normas, regras, postulados, pronunciamentos de valor prioritário e hipóteses relativas ao estado de acontecimentos em nosso universo. Sabedoria é o saber político, a prescrição, não apenas a descrição e a previsão científica (NAESS, 1973, p. 99).

¹ Naess criou sua Ecosofia-T e incentivava que cada pessoa criasse a sua de acordo com sua cultura e suas influências: “Naess apresentou um sistema normativo que representa a *Deep Ecology* como uma Ecosofia, a ecosofia-T. Adquire o título de Ecosofia-T provavelmente por influência do local onde Naess vivia nas montanhas da Noruega, Tvergastein, onde a maior parte da sua investigação foi feita, e também da palavra norueguesa que significa interpretação (*tolkning*)” (RODRIGUES, 2012, p. 60).

Ecosofia é uma sabedoria ecológica que deve intervir no mundo.

Depois da distinção entre Filosofia da Natureza, Filosofia Ambiental e Ecosofia, esclarecemos a noção de Ecofilosofia, que se vincula ao conceito de Ecosofia, segundo Alan Drengson (1999):

Assim como o objetivo da filosofia tradicional é sophia ou sabedoria, o objetivo da ecofilosofia é a ecosofia ou a sabedoria ecológica. A prática da ecofilosofia é uma investigação contínua, abrangente e profunda dos valores, da natureza, do mundo e do eu.

A missão da ecofilosofia é explorar uma diversidade de perspectivas sobre contextos e inter-relações entre a natureza humana. Promover relações mais profundas e mais harmoniosas entre o lugar, o eu, a comunidade e o mundo natural. Esse objetivo é alcançado comparando a diversidade de ecosofias a partir das quais as pessoas apoiam os princípios da plataforma do movimento ecológico global, de longo alcance e profundo² (DRENGSON, 1999).

A Ecofilosofia busca a sabedoria ecológica – Ecosofia -, mas está vinculada à prática do ambientalista. Ela reflete holisticamente o modo como o homem pensa e se relaciona com o ambiente, combatendo o antropocentrismo, o avanço inconsequente da produção industrial e o consumismo. Reflete sobre questões que podem criar alternativas que contribuam para a autorrealização do homem com a natureza. Em resumo:

A concepção de que tudo está inter-relacionado aponta questões em comum entre ecologia e filosofia: o lugar e o papel da humanidade na natureza e a pesquisa de novas formas de se compreender esta relação. Os estudos destes problemas comuns à ecologia e à filosofia deveriam ser chamados de ecofilosofia. Para Naess, a palavra ecofilosofia pode conter dois aspectos:

- um campo de estudo, uma abordagem para o conhecimento;
- um código pessoal de valores e uma visão de mundo que guia decisões próprias – para estes casos ele sugere a palavra ecosofia.

Assim, nós estudamos ecofilosofia, mas no caso de abordarmos situações práticas concretas, desenvolvemos nossas próprias ecosofias (HOEFEL, 1999, p. 86-87).

² *Just as the aim of traditional philosophy is sophia or wisdom, so the aim of ecophilosophy is ecosophy or ecological wisdom. The Practice of ecophilosophy is a non going, comprehensive, deep inquiry into values, the nature of the world and the self.*

The mission of ecophilosophy is explores a diversity of perspectives on human-Nature contexts and interrelationships. It fosters deeper and more harmonious relations hips between place, self, community and the natural world. This aim is furthered by comparing the diversity of ecosophies from which people support the platform principles of the global, long range, deep ecology movement.

Ecosofia é a atitude, a postura ecológica e ecofilosofia é a reflexão e o estudo dela à luz do pensamento e dos métodos filosóficos.

A Ecofilosofia defendida aqui não pretende ser uma cópia exata da Ecofilosofia proposta por Arne Naess (1973; 1995). Naess (1973;1995) se inspirou em Aldo Leopold, Mahatma Gandhi, Henry Thoreau, Martin Heidegger, Baruch Spinoza, Jean Jaques Rousseau, pensamento budista e outros. Nossa base principal será investigar princípios como a cooperação, o cuidado, a ecologia sistêmica e a racionalidade vigente a partir de Karl Marx, Leonardo Boff, Mauricio Abdalla e outros.

A relação homem-natureza é vista a partir da racionalidade vigente que conduz o agir, a cultura e a subjetividade humana. A Ecofilosofia proposta aqui é uma abordagem sobre as bases da racionalidade que a reavalia e propõe uma nova, para fundamentar a ecologia e as relações socioambientais.

Ecofilosofar significa pensar em como vivemos nessa Casa/Morada (*oikos*) e o que e como podemos melhorar nossa relação. Significa garantir uma Filosofia que se propõe, sempre com sabedoria - enquanto busca -, a transformar o mundo - começando pela própria humanidade, em parceria com a vida -, em todos os seus níveis: biológico, psíquico, social e planetário (CÓ e MARCONDES, 1999, p. 129). O Ecofilosofar se faz com a ciência, com a política, a economia e as diversas cosmovisões existentes. Isso é essencial neste trabalho.

1.1 POR QUE É NECESSÁRIA A ECOFILOSOFIA PARA A REALIDADE SOCIOAMBIENTAL?

A palavra necessidade está vinculada a ideia de carência, de algo a ser suprido, algo indispensável à vida. Todo ser vivo é carente de certas condições, que garantam sua sobrevivência. Assim, a água é indispensável à vida dos seres e, portanto, necessária. Esse é o sentido de necessidade a ser tratada aqui, embora haja pseudonecessidades, como os produtos de uma sociedade consumista.

Mas, por que é necessária a Ecofilosofia?

A realidade socioambiental, mostra que há uma crise que ameaça toda forma de vida no planeta. Se o atendimento das necessidades humanas e naturais é ameaçado e se suas causas residem no tipo de racionalidade que o ser humano

adota, assim como as soluções possíveis para esta crise, então a Ecofilosofia é extremamente necessária.

A Ecofilosofia é necessária, pois analisa a realidade socioambiental de modo crítico e isso supera o imediatismo do senso comum de informações de certos meios de comunicação social, de discursos políticos e de certas verdades do ecocapitalismo³.

Além disso, a Ecofilosofia busca desvendar a problemática socioambiental dentro da racionalidade predominante - como a racionalidade capitalista - e pode propor outra para mudar e corroer o sistema na raiz. Por exemplo: O que fundamenta o consumismo? A racionalidade burguesa capitalista vigente exige que as pessoas comprem cada vez mais para alimentar e sustentar o sistema que tem o objetivo de lucrar. Essa racionalidade cria um *status* ontológico – estado do ser - a partir do modo de produção capitalista, dirigindo todas as dimensões das relações humanas: nas relações sociais, na cultura, nas artes, no mundo do trabalho, na Ética etc. Tudo é produto, tudo é mercadoria. Ter é mais importante que Ser.

Esse consumismo impacta diretamente no meio ambiente em todas as etapas do ciclo dos produtos, das coisas. Na extração de fontes naturais (de árvores, da água, de rochas e do petróleo), na produção (as latas de alumínio e o PVC gastam muita energia e são altamente poluentes e tóxicos), na distribuição (com cadeias de fornecimento globalizadas, que exploram trabalhadores em algumas partes do mundo) no consumo propriamente dito (o superconsumismo é desumanizante) e no descarte (os aterros sanitários e os incineradores) (LEONARD, 2011).⁴

A Ecofilosofia identifica as raízes e possíveis saídas que embasem as alternativas que supere, não só o problema do consumismo, mas a totalidade da

³ Considero ecocapitalismo (também chamada de capitalismo verde, economia verde, capitalismo sustentável, etc.) a concepção do sistema econômico capitalista de aliar desenvolvimento com ecologia, utilizando o discurso da reciclagem, das tecnologias verdes, do consumo e desenvolvimento sustentável e soluções individuais para problemas globais. Algumas das verdades do ecocapitalismo: a mercantilização de recursos naturais e consumo sustentável dos indivíduos.

⁴ Em “A História das Coisas: Da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos”, Annie Leonard detalha cada parte do ciclo do produto e denuncia como cada uma traz prejuízos para sociedade e para a natureza.

problemática ambiental. Não se trata somente de mudanças individuais⁵, mas de mudar as bases das relações materiais humanas. O indivíduo que consome de modo *sustentável* não é capaz de superar todas as etapas dos ciclos dos produtos, pois é preciso pensar a política, a economia, a ciência, a ética e outras dimensões do ser humano, enquanto ser de relações, para transcender esse mundo de superconsumismo. A Ecofilosofia contribui para a mudança na racionalidade da maioria da humanidade, contribui para mudança nas relações.

Em síntese, a Ecofilosofia é necessária para contribuir para a sobrevivência. E contribui para a sobrevivência dos seres vivos, porque critica a visão de mundo predominante, que é a principal causadora da crise da realidade socioambiental, pensa novas formas de reordenar essa realidade e atuar para que a nova racionalidade se instaure na Terra.

1.2 POR QUE É NECESSÁRIO ENSINAR/APRENDER ECOFILOSOFIA?

Se a Ecofilosofia é necessária para a humanidade, é necessário ensinar/aprender Ecofilosofia. E por que é necessário ensinar/aprender Ecofilosofia?

A concepção de educação defendida aqui é a do filósofo e educador brasileiro Dermeval Saviani, um dos criadores da Pedagogia Histórico-Crítica, que tem suas bases no Materialismo Histórico Dialético de Marx e na Psicologia Histórico Cultural de Lev Semenovitch Vygotsky. Inicialmente, Saviani identifica criticamente o papel da educação seja como reprodutora do sistema (não críticas) e os crítico-reprodutivistas, que reconhecem a relação de dependência da educação com a sociedade, mas concluem que a função da educação é reproduzir a sociedade em que ela se insere. A partir disso rascunha uma teoria crítica da educação.

Para a Pedagogia Histórico-Crítica, o homem é um ser situado, vive dentro de um determinado contexto (cultural, histórico etc.) e a educação deve promover esse homem capacitando-o para o conhecimento de sua situação para intervir nela transformando-a e isso significa ampliar a liberdade, a comunicação e colaboração entre os homens (SAVIANI, 2004, p. 38).

⁵ As atitudes individuais têm sua importância, desde que não contribuam para fortalecer o sistema que cria determinados problemas ambientais, como é o caso do *consumo consciente*. Para mais detalhes ver SILVA; SANTOS (2012).

Para Saviani, educação está vinculada ao trabalho. Trabalho é uma ação intencional, onde o ser humano transforma a natureza e cria cultura. A natureza da educação é uma exigência *do* e *para* o processo de trabalho e ela mesma é um processo de trabalho não material de produção de saberes (ideias, valores, conceitos, hábitos, atitudes, símbolos, habilidades) (SAVIANI, 2008, p. 11-12).

Saviani considera que a escola tem como fim a ser atingido a transmissão-assimilação do saber sistematizado, dando condições para viabilizar esse processo. Não é a viabilidade da escola tradicional, que se tornou mecânica e vazia de sentido em seus conteúdos e nem do exagero da Escola Nova em considerar toda transmissão de conteúdo como mecânica, mas perceber que há uma articulação dialética entre ensinar (transmitir) e aprender (assimilar), entre o automatismo e mecanismos e a liberdade e a criatividade. É necessário criar hábitos (repetições) para poder criar condições de liberdade (SAVIANI, 2008, p. 19-20).

Assim, para aprender tocar violão é preciso aprender a técnica e treinar diariamente até incorporá-la e por fim tocar “livremente”, de modo criativo. Ensinar/aprender deve possibilitar o domínio do saber objetivo, enquanto produto, processo e transformação, ou seja, é necessário ensinar/aprender o saber produzido historicamente, conhecer como foi e é produzido esse saber e quais são as tendências ideológicas de sua transformação (SAVIANI, 2008, p. 9).

O método de ensino proposto por Saviani segue um passo a passo, cujo ponto de partida é a prática social, que deve vir acompanhada da consciência pedagógica de que o professor tem um nível de compreensão sintética, pois detém certa articulação dos conhecimentos e das experiências relativos a essa prática social, mas sempre precária na sua relação com o aluno, que tem uma compreensão sincrética da prática social, mas que é impossibilitado⁶, no ponto de partida, da articulação pedagógica na prática social de que participam (SAVIANI, 2012, p. 70).

O segundo passo é a problematização da prática social, isto é, a identificação dos problemas que a prática social traz e pensar que conhecimento é necessário dominar para solucioná-lo (SAVIANI, 2012, p. 71).

⁶ Saviani refere-se à condição do aluno que não se apropriou dos instrumentos necessários para a transformação social.

A instrumentalização é o próximo passo, que significa a apropriação dos instrumentos necessários para a solução dos problemas da prática social, instrumentos esses produzidos historicamente na cultura, transmitidos pelo professor, direta ou indiretamente, que são necessários para a luta social e para a libertação do aluno de sua situação de exploração (SAVIANI, 2012, p. 71).

O quarto passo é a catarse, é a efetivação da incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social, ponto culminante que leva a passagem da síncrese à síntese, levando ao quinto passo, o retorno à prática social, alterado qualitativamente pela mediação da ação pedagógica. Assim, o professor passa de uma síntese precária para uma síntese mais orgânica e o aluno tem uma compreensão sintética da realidade (SAVIANI, 2012, p. 71). Resumindo, nas palavras de Saviani:

Simplesmente estou querendo dizer que o movimento que vai da síncrese (“a visão caótica do todo”) à síntese (“uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas”) pela mediação da análise (“as abstrações e determinações mais simples”) constitui uma orientação segura tanto para o processo de descobertas de novos conhecimentos(o método científico) como para o processo de transmissão-assimilação de conhecimentos(o método de ensino) (SAVIANI, 2012, p. 74).

A partir desta breve apresentação de algumas concepções da Pedagogia Histórico-Crítica podemos responder a questão: *Por que ensinar/aprender Ecofilosofia?*

Se o homem é um ser situado em um determinado contexto cultural, compreendido como a transformação da natureza pelo homem via trabalho, então aprender/ensinar Ecofilosofia é necessário, pois contribui para repensar o *como* a humanidade transforma a natureza, incluindo o modo de produção e de trabalho (e a luta de classes) e todo impacto ambiental decorrente dessa transformação.

Se a educação promove este homem dando acesso ao conhecimento de sua situação para poder transformar este mundo, ser livre e melhorar suas relações sociais, então a Ecofilosofia deve ser ensinada/aprendida, pois oferece possibilidades de promover o homem na sua integralidade, principalmente na sua relação com a natureza, já que é mediadora da passagem de consciência e prática social.

Se a educação escolar deve produzir saberes, a Ecofilosofia como um aspecto da Filosofia e da educação ambiental pode fazer parte desta produção, pois se trata de um saber que pode contribuir com a própria escola, já que interage com as demais áreas de conhecimento e colabora na percepção da inter-relação destes saberes.

A dialética entre ensinar (transmitir) e aprender (assimilar) está presente na proposta de Ecofilosofia defendida aqui, pois ela ensina os conhecimentos produzidos historicamente sobre a relação homem-natureza e quem aprende deve questionar se tal conhecimento é benéfico para os seres vivos do planeta. Ensinar/aprender se articulam para que novas gerações assimilem a história para aprender com ela, mas negá-la para transformar o presente.

O ensinar/aprender faz com que gerações se apropriem de um conhecimento produzido dentro de um contexto histórico e sociocultural e dialoguem com esse conhecimento com a possibilidade de chegar a uma nova síntese.

A Ecofilosofia e a educação contribuem para a geração de consciência crítica e mudança de racionalidade.

1.3 REALIDADE SOCIOAMBIENTAL CONTEMPORÂNEA

A realidade socioambiental⁷ contemporânea mostra que o mundo sofre com constantes agressões ambientais, muitas acontecem de forma lenta e gradativa, como certas atividades industriais e a falta de saneamento que gera escassez de água em locais que outrora a tinham em abundância, outras são imediatas e destruidoras. O fato é que ações destrutivas como desmatamento de florestas, poluição hídrica (esgoto lançado em rios), poluição sólida (produção excessiva de lixo) e poluição gasosa (emissão de gases que trazem prejuízos à saúde dos seres vivos) continuam acontecendo e se intensificando de forma assustadora. As relações sociais passam por situações de individualismo, de violência e diversas

⁷ Tenho consciência da redundância da expressão socioambiental, pois a noção de ambiental tratada aqui inclui humanos e todos os seres vivos e sua relação com o espaço-tempo do planeta, ou seja, toda realidade ambiental esta relacionada ao social, utilizo "socioambiental" somente para enfatizar essa relação. Para pensar a temática, sugiro dois artigos de (DULLEY, 2004) e (FERNANDES e SAMPAIO, 2008).

formas de desrespeito aos direitos humanos. Eis a constatação desses eventos negativos expostos a seguir.

Depois da tragédia da barragem de Fundão no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana-MG, em 2015, o Rio Doce, “foi assassinado” pela lama de rejeitos⁸ da empresa SAMARCO, controlada pela empresa VALE - Companhia Vale do Rio Doce -, chegando a atingir o mar. No início de 2019 acontece a tragédia da barragem do Feijão em Brumadinho-MG, dessa vez com lama de rejeitos da própria VALE: milhares de seres vivos e o Rio Paraopeba morreram. Esses são dois dos maiores impactos ambientais da história do Brasil.

A Organon – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais da UFES-Universidade Federal do Espírito Santo fez um relatório da barragem de Mariana do ano de 2015 e seus impactos, onde apresentaram um panorama geral:

Tabela 1. Impactos socioambientais recorrentes

<i>Impactos socioambientais imediatos observados</i>
Escassez de água
Inviabilização da pesca
Inviabilização das atividades ligadas à pesca
Perdas das lavouras
Inviabilização do surf e esportes aquáticos
Diminuição das atividades do turismo
Aumento nos gastos com água, poços, alimentação etc.
Diminuição da renda
Medo da contaminação
Impacto sobre a saúde
Perda das atividades de lazer

⁸ “As barragens de rejeito são usadas para depositar os resíduos e a água gerados a partir do beneficiamento do minério. [...] Por que existem? Para transformar o minério de ferro em um produto rico e que atenda às exigências do mercado internacional, ele precisa, primeiramente, passar pelo processo de beneficiamento. O beneficiamento do minério consiste em separar o material valioso presente nos minerais do restante, que não tem valor comercial. Esse processo de separação geralmente requer a utilização de água e o depósito dos resíduos em barragens.” Disponível em <http://www.vale.com/samarco/PT/Paginas/entenda-barragens-rejeito.aspx> acesso em 28 de janeiro de 2019.

Perda das tradições ligadas ao rio
Imposição de abalo emocional
Morte dos animais aquáticos
Morte dos animais terrestres
Violação da soberania alimentar
Imposição de sofrimentos individuais, sociais e ambientais às pessoas
Danos ao solo em função dos poços
<i>Impactos possíveis – situações de risco</i>
Contaminação das lavouras
Insegurança alimentar
Alterações graves na fauna e flora
Exposição das pessoas a riscos diversos
Os impactos socioambientais derivados observados
Violações de direitos
Interferência na dinâmica de vida local
Ruptura das condições de autodeterminação e liberdade das pessoas
Violações de direitos das comunidades tradicionais
Variações demográficas bruscas
Exposição das mulheres e crianças à violência sexual
Tratamento desigual às mulheres nas compensações
<i>Impactos de responsabilidade da empresa com participação de outros atores</i>
Superexposição da imagem pela mídia
Exposição das pessoas a situações de vulnerabilidade e desinformação – empresa, mídia e advogados oportunistas
Ausência de plano de reparação imediata – empresa e órgãos estatais
Tratamento individualizado que desagrega e fragmenta a comunidade – empresa e atores estatais
Distribuição seletiva de benefícios – empresa e atores estatais
Incompetência na avaliação de riscos e na proteção dos afetados – empresa e órgãos ambientais

Fonte: (ORGANON, 2015, p. 7) Disponível em:
<https://jornalismsocioambiental.files.wordpress.com/2019/03/relatc3b3rio-da-universidade-federal-do-espirito-santo.pdf>

Muitos desses impactos socioambientais se repetem em Brumadinho. Há muito que se investigar, mas o fato de uma tragédia similar se repetir após três anos mostra que o Estado, profissionais e principalmente a instituição privada não estão preparados para lidar com segurança ambiental, principalmente porque colocam o lucro acima de tudo. Os dados sobre a água no mundo, por exemplo, são alarmantes:

Segundo a ONU, cerca de 2 bilhões de pessoas, quase um quinto da população mundial, vivem em áreas de escassez. Outros 1,6 bilhão de pessoas, quase um quarto da população do mundo, enfrentam escassez de água econômica (onde países não têm a infraestrutura necessária para tirar água dos rios e aquíferos) (ONU, 2018).

A escassez de água é gerada pelo excessivo consumo de atividades econômicas (das indústrias e agricultura), aumento populacional, diversos tipos de poluição hídrica e outras devastações ambientais, como o desmatamento. O Papa Francisco, em sua Carta Encíclica, *Laudato Si* (2015), demonstra que os mais pobres são os que mais sofrem com o problema da falta de água ou a péssima qualidade da mesma, onde o tratamento é ineficaz e essa fonte de vida está se tornando “uma mercadoria sujeita às leis do mercado” (FRANCISCO, 2015, p. 25), ou seja, tende a ser um bem natural privatizado e não um direito para todo ser humano. Boff confirma essa transformação da água em mercadoria:

Há uma corrida mundial para privatização da água. Aí surgem grandes empresas multinacionais como as francesas Vivendi e Suez-Lyonnaise a alemã RWE, a inglesa Thames Water e a americana Bechtel. Criou-se um mercado das águas que envolve mais de 100 bilhões de dólares. Aí estão fortemente presentes na comercialização de água mineral a Nestlé e a Coca-Cola que estão buscando comprar fontes de água por toda a parte no mundo, inclusive no Brasil (BOFF, 2015).

Outro problema mundial, que também influencia na escassez de água, é a mudança climática ou da temperatura média do planeta.

O IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*)⁹ relata os impactos ambientais causados por esse aquecimento que, em síntese, afeta a saúde

⁹ Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima Criado em 1988 pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o objetivo do IPCC é fornecer aos governos em todos os níveis, informações científicas que possam ser usadas para desenvolver políticas climáticas. Os relatórios do IPCC também são

humana, os meios de subsistência (agricultura, pecuária e pesca), abastecimento de água, segurança alimentar, calor intenso em certas regiões do planeta, secas em regiões não desérticas, possibilidade de extinção de espécies, incêndios florestais e mudanças hidrológicas (rápida elevação do nível do mar, derretimento das camadas de gelo da Antártida e Groenlândia, escassez de água doce) (IPCC, 2018).

Sobre resíduos sólidos, o Banco Mundial demonstra a gravidade da situação: a geração global de resíduos estimada em 2016 atingiu 2,01 bilhões de toneladas e apesar de representarem apenas 16% da população mundial, países de alta renda geram 34%, ou 683 milhões de toneladas de resíduos do mundo, destacando os países da América do Norte. Países de baixa renda respondem por 9% população mundial, mas geram apenas cerca de 5% do lixo global, ou 93 milhões de toneladas (WORD BANK, 2018, p. 19).

Além do claro aumento quantitativo de resíduos no planeta, a pesquisa nos mostra como países de alta renda produzem proporcionalmente mais resíduos, pelo consumismo exacerbado. E a tendência é piorar, já que neste mesmo documento há uma previsão de que

[...] até 2030, o mundo deverá gerar 2,59 bilhões de toneladas de resíduos anualmente e até 2050, a geração de resíduos em todo o mundo deve chegar a 3,40 bilhões de toneladas (WORD BANK, 2018, p. 25).

Das categorias de resíduos produzidos no mundo, o plástico merece um destaque especial: a WWF encomendou uma pesquisa à empresa Dalberg sobre a poluição do plástico no mundo cujo resultado trouxe esses dados alarmantes: 75% de todo o plástico já produzido é lixo, 80% da poluição plástica nos oceanos é originada em terra, 1/3 de plásticos (100 milhões de toneladas) já se tornou poluição de terra ou marinha e 104 milhões de toneladas de plástico chegarão à natureza até 2030 se nada mudar trazendo prejuízo para a fauna (principalmente a marinha) e a diversos habitats, problemas sociais, para a saúde e economia humana (WWF, 2019). A Abiplast – Associação Brasileira da Indústria do Plástico e a Plastivida – Instituto Socioambiental dos Plásticos (2019) publicaram uma nota

questionando os dados da WWF neste relatório, com informações técnicas que altera alguns números apresentados (como o que considera o Brasil como o 4º maior produtor de lixo plástico no mundo), mas não negam que o descarte inadequado de plástico traz graves problemas ambientais.

Sobre o desmatamento florestal, há um exemplo de uma área que é referência ecológica para o mundo, a Amazônia, que cresceu significativamente:

Em dezembro de 2018, o SAD detectou 246 quilômetros quadrados de desmatamento na Amazônia Legal, um aumento de 34% em relação a dezembro de 2017, quando o desmatamento somou 184 quilômetros quadrados. Em dezembro de 2018, o desmatamento ocorreu no Pará (48%), Mato Grosso (35%), Rondônia (7%), Amazonas (5%), Roraima (3%), Acre e Amapá (1%). As florestas degradadas na Amazônia Legal somaram apenas 1 quilômetro quadrado em dezembro de 2018 e ocorreram somente no Mato Grosso, Pará e Amazonas. Não houve detecção de degradação florestal em dezembro de 2017. Geografia do Desmatamento: em dezembro de 2018, a maioria (61%) do desmatamento ocorreu em áreas privadas ou sob diversos estágios de posse. O restante do desmatamento foi registrado em assentamentos (29%), Terras Indígenas (6%) e Unidades de Conservação (4%) (FONSECA, JUSTINO, *et al.*, 2018).

Além do desmatamento, há outros graves problemas na Amazônia, como queimadas para criação de pastos ou aumento de áreas agrícolas, biopirataria, extinção de espécies animais, exploração mineral ilegal, barragens hidrelétricas, crescimento populacional irregular, desrespeito aos direitos de indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, seringueiros e comunidades ribeirinhas.¹⁰

Esta descrição da realidade socioambiental contemporânea não pretendeu abarcar toda problemática da relação homem-natureza, mas fazer um sobrevoo no que acontece no planeta. Não pretendeu ser um anúncio do prelúdio da hecatombe planetária, mas a tomada de consciência de que a realidade socioambiental passa por uma crise e que precisamos pensar e agir para mudar esta realidade.

É possível identificar algumas causas para a crise socioambiental. Pode-se radicalizar a reflexão e dizer que o simples fato do ser humano ter inteligência abstrata e linguagem simbólica prejudica a natureza, pois ao transformá-la e criar cultura, alteramos um determinado habitat, podendo prejudicá-lo. De fato, não

¹⁰ Sugestão de leituras sobre esta temática: Toledo, A.P. (2005) e as publicações do Índice de Progresso social da Amazônia, disponível em <http://www.ipsamazonia.org.br/publicacao>.

existe impacto zero, ou seja, onde existe ser humano há impacto ambiental, mas há culturas em determinadas regiões e períodos históricos que mantiveram ou mantêm certo equilíbrio com a natureza. Algumas culturas criaram seu mundo material ou imaterial de modo respeitoso com a natureza.

Embora críticas de muitos pensadores ecológicos¹¹ contra o antropocentrismo, o mecanicismo, o cartesianismo e outras ideias tenham certa lógica, é preciso pensar no modo como se organiza a vida material, a economia e a racionalidade¹² que a sustenta dentro de um contexto socioeconômico. Conceitos como o antropocentrismo são submetidos a esta racionalidade. A realidade socioambiental pode ser analisada a partir dessa racionalidade, à luz do pensamento filosófico.

1.4 A REALIDADE SOCIOAMBIENTAL À LUZ DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

A contribuição da Filosofia é iluminar a realidade socioambiental, demonstrando criticamente as causas da crise atual, articulada com um pensar que indica caminhos para superação desta crise.

A Filosofia acontece em um contexto histórico, sociocultural e ecológico. A realidade socioambiental contemporânea está dentro de um contexto complexo e como problema se torna objeto de estudo da Filosofia. A contribuição da Filosofia é iluminar a realidade socioambiental e iluminar significa investigar o problema inserido em um contexto. A essência do problema é a necessidade: “[...] necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente” (SAVIANI, 2004, p. 14). A realidade socioambiental contemporânea torna-se problema objetivo, enquanto crise comprovada pela ciência, pelos dados estatísticos, por exemplo, e que deve ser assumida subjetivamente, em uma atitude crítica diante dessa crise para atender à necessidade de sobrevivência da humanidade e de toda a vida no planeta. O contexto do problema aparece *no* e *pelo* pensamento filosófico, isto significa que o pensamento filosófico está intimamente ligado à história e à cultura atual e é influenciado por ele, mas que também analisa e

¹¹ Pensadores como Fritjof Capra, Edgar Morin, Ylia Prigogine, Leonardo Boff, Arne Naess e James Lovelock.

¹² Conceito será detalhado no subcapítulo que trata do Princípio da Cooperação.

reflete rigorosamente sobre este contexto, observando as interligações de conhecimentos, a conjuntura do problema da realidade socioambiental.

O afrontamento, pelo homem, dos problemas que a realidade apresenta, eis aí, o que é a filosofia. Isto significa, então, que a filosofia não se caracteriza por um conteúdo específico, mas ela é, fundamentalmente, uma atitude; uma atitude que o homem toma perante a realidade (SAVIANI, 2004, p. 16).

É necessário resgatar a atitude filosófica e afrontar a realidade socioambiental como problema. Alain Badiou faz esse resgate ao descrever quatro componentes do desejo de Filosofia:

- A revolta, a recusa a ficar instalado e satisfeito.
- A lógica, o desejo de uma razão coerente.
- O universal, a recusa do que é particular e fechado.
- A aposta, o gosto pelo encontro e pelo acaso, o engajamento e o risco (BADIOU, 1994, p. 12).

Revoltar-se significa indignar-se com a realidade socioambiental, não aceitar como natural algo que uma racionalidade impôs ao mundo. A Filosofia revolta-se contra a crise ecológica, mas uma revolta racionalmente coerente (lógica) sobre a mesma, utilizando-se de argumentos da própria Filosofia e das ciências para questionar o instalado, aquilo que está no mundo da mídia, no mundo das imagens, que é incoerente, que é imediato e mascara a realidade. A atitude filosófica é um afrontamento dos problemas da realidade socioambiental contemporânea.

A universalidade da Filosofia “trata-se de um filosofar que se direciona ao todo do pensamento buscando uma coerência integral do discurso” (LIMA, 2013, p. 3) e uma Filosofia para todos:

[...] A filosofia se dirige a todo pensamento, sem exceção. Ela não é nacional, mas internacional. Ela quer ultrapassar toda cultura particular, toda tradição. Seu verdadeiro destino não é a sala de conferência, mas a rua, a praça pública, o mundo inteiro. Já no Ménon, Platão mostra que até mesmo um escravo possui as ideias matemáticas. A filosofia se dá para todo o pensamento; ela se dá para o príncipe e para o escravo (BADIOU, 1994, p. 12).

Ligado a esta universalidade está “A aposta, o gosto pelo encontro e pelo acaso, o engajamento e o risco”, ou seja, há uma decisão arriscada de romper a racionalidade vigente que se prende à universalidade unicamente do dinheiro e à segurança, à comodidade do instituído e, portanto não se engaja em uma saída amorosa deste instituído (BADIOU, 1994).

A atitude filosófica é, em síntese, uma revolta racional (lógica), universal e amorosamente arriscada de engajamento, de desejo de um mundo diferente desta realidade socioambiental. Filosofar é ter uma postura política de revolta, é utilizar-se da ciência como auxiliar no pensar sobre a realidade socioambiental e desejar e engajar-se para que a universalidade supere a defesa individualista da particularidade.

A realidade socioambiental vislumbrada à luz do pensamento filosófico passa pela atitude filosófica: pensar o problema da realidade socioambiental na necessidade de conhecer a racionalidade que a levou a uma crise e a necessidade de pensá-la especulativamente de forma crítica, para gerar revolta lógica, empurrando este pensar para a universalidade (para lutar contra a universalidade do mercado), correr riscos mergulhando em um engajamento que provoque repensar o mundo, propor algo novo e alterar esta realidade, conforme o que foi proposto.

Resta-nos perguntar, a partir da Ecofilosofia: qual é a racionalidade que determina a realidade socioambiental, descrita acima? O que podemos fazer para mudar esta racionalidade? Existem outras racionalidades possíveis? A seguir algumas possibilidades para pensar as questões.

1.5 MARX E ENGELS E A ECOLOGIA: CRÍTICA À ECONOMIA CAPITALISTA

Marx e Engels são bases teóricas desta dissertação, pois pensaram a relação homem e natureza, a partir da crítica à racionalidade capitalista. Essa racionalidade conduz o modo de produção, a cultura, as relações de trabalho e também a relação do homem com o ambiente em que vive. Isso serve de base para o *pensar* Ecofilosófico. Em um primeiro momento, consideraremos alguns conceitos básicos marxianos e depois conceitos vinculados à questão ambiental.

Um dos problemas do século XIX, na Europa, era a exploração do trabalhador em um período de auge da revolução industrial e do liberalismo em que a liberdade individual era juridicamente garantida, mas, na prática, o trabalho não dava direito social aos operários, condicionando a liberdade ao sistema econômico e social da época.

O filósofo Karl Marx (1818 - 1883), importante intelectual dessa época, com conhecimentos em economia e direito, se interessa pelas ideias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel¹³ via esquerda hegeliana¹⁴. Em 1843, conhece Friedrich Engels (1820 - 1895), empresário industrial, que se tornara seu grande colaborador, amigo e parceiro de muitos escritos. Ambos divulgaram o socialismo, criaram o socialismo científico e participaram da Associação Internacional dos Trabalhadores - Primeira Internacional.

A revolta lógica de Karl Marx e de Friedrich Engels foi questionar a racionalidade do sistema capitalista que explorava os trabalhadores e a natureza e militar contra este sistema. Nas teses sobre Feuerbach, Marx expõe a sua visão sobre o materialismo, criticando a postura de Feuerbach:

[...] 2ª tese A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [gegenständlicheWahrheit] não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. Na prática tem o homem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior [Diesseitigkeit] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da prática é uma questão puramente escolástica. [...]11ª tese - Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo (MARX e ENGELS, 2007, p. 538 a 539).

A Filosofia de Marx é materialista histórica dialética. Isso significa que as relações humanas acontecem dentro de um contexto social e histórico e são determinadas por sua produção material. “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 2007, p. 94). A materialidade dos homens acontece no trabalho que transforma a natureza e garante a vida da sociedade. “O que importa no materialismo histórico é a realidade histórica dos homens concretos, existente pela atividade humana concreta (o trabalho) e que, por isso, é realidade social” (ABDALLA, 1994, p. 42).

¹³ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um dos mais importantes filósofos idealistas de sua época criando a mais completa visão totalizante da realidade. Sua dialética e filosofia da história influenciou o pensamento de Marx.

¹⁴ “A Esquerda hegeliana tende a contrapor à doutrina de Hegel os traços ou características do homem que nela não foram adequadamente reconhecidos. [...] No plano histórico-político, a E. hegeliana contrapôs à concepção hegeliana da história como racionalidade absoluta a interpretação materialista, que considera a história em função das necessidades humanas” (ABBAGNANO, 2007, p. 358).

Marx (1986; 2004; 2005; 2010) “inverte” a dialética de Hegel e a utiliza como método de compreensão da realidade a partir dos modos de produção e da constituição sócio histórica da humanidade. Em Marx, dialética é:

[...] o movimento que faz surgir o concreto, as raízes da exploração social e da produção material da sociedade e a necessidade da práxis transformadora do ser humano como classe social (este último elemento – a práxis – é uma das principais diferenças da dialética praxiológica de Marx com a dialética especulativa de Hegel) (ABDALLA, 1994, p. 40).

A dialética de Marx como método parte da realidade social como "representação caótica do todo", passa pela abstração que vislumbra os diversos elementos vinculados a essa realidade para retornar à realidade social como totalidade do concreto (ABDALLA, 1994, p. 41). Essa realidade social, como ponto de chegada após abstração, abre “caminho para a práxis transformadora e construtiva de um outro modelo de sociedade que negue o capitalismo” (ABDALLA, 1994, p. 47).

Outro ponto a ser considerado é a ideia de alienação. Marx demonstra como o sistema capitalista, enquanto racionalidade vigente, explora o trabalhador levando-o ao estranhamento, à alienação.

O trabalhador se torna mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80)

A conscientização do proletariado e a posição clara e fundamentada sobre a luta de classes mostra como Marx e Engels eram engajados, uniam teoria e prática e demonstraram como a Filosofia pode interpretar e transformar o mundo. A Filosofia desses pensadores contribuiu para mudanças na história, criticaram princípios fundantes da burguesia e até dos socialismos de sua época e sinalizaram uma alternativa para a lógica capitalista.

A primeira contribuição de Marx e Engels à Ecofilosofia são as questões socioeconômicas e a segunda, de acordo com a interpretação de alguns autores, é a contribuição para a relação homem e natureza, mas não nesta perspectiva ambiental de hoje:

[...] a questão ambiental não possuía, à época de Marx, a dimensão e a urgência que hoje possui. Na verdade, a proteção ao meio ambiente ganhou amplitude mundial e passou a ser devidamente reconhecida a partir do momento em que a degradação ambiental atingiu índices alarmantes.

Mas, se a temática ambiental não era central na obra de Marx, dado que a sua preocupação foi com a crítica radicalmente fundamentada ao capitalismo, não significa que a sua teoria e o conjunto de categorias por ele criadas não possam contribuir para o debate e a análise da questão ambiental na atualidade. (SILVA, 2013, p. 6)

Isso coincide com as premissas que Michel Löwy utiliza para analisar uma ecologia em Marx e Engels:

a) os temas ecológicos não ocupam um lugar central no dispositivo teórico marxiano b) os escritos de Marx e Engels sobre a relação entre sociedades humanas e a natureza estão longe de serem unívocos e podem, portanto ser objeto de interpretações diferentes c) a crítica do capitalismo de Marx e Engels é o fundamento indispensável de uma perspectiva ecológica radical. (LÖWY, 2014, p. 21)

A partir dessas premissas, Löwy rebate a crítica de certos ambientalistas e as reinterpreta. A primeira crítica é a de que Marx e Engels eram humanistas, que consideraram o homem como dominador da natureza. Löwy responde dizendo “Os termos ‘supremacia’ ou ‘dominação’ sobre a natureza remetem com frequência, em Marx e Engels, simplesmente ao conhecimento das leis da natureza” (LÖWY, 2014, p. 22). Löwy cita Marx e afirma que a proposta deles (Marx e Engels) de comunismo é humanista sim, mas apresentada como solução para o antagonismo homem-natureza:

Graças à abolição positiva da propriedade privada, a sociedade humana se tornará “a realização da unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo completo do homem e o humanismo completo da natureza”. (LÖWY, 2014, p. 23)

A segunda crítica é a ênfase no trabalho humano negligenciando a natureza na produção de riqueza. Löwy desfaz esse mal-entendido explicando:

Marx utiliza a teoria do valor-trabalho para explicar a origem do valor de troca, no âmbito do sistema capitalista. A natureza, por outro lado, participa da formação das verdadeiras riquezas, que não são valores de troca, mas valores de uso. (LÖWY, 2014, p. 24)

Por fim, alguns críticos afirmam que Marx e Engels eram produtivistas. A resposta a isso é que Marx e Engels não eram produtivistas, pois denunciaram a lógica de produção imposta pelo capitalismo e o objetivo deles era justamente uma produção que valorizasse o trabalhador e não da produção pela produção, pelo lucro (LÖWY, 2014, p. 25).

Esclarecido esses pontos, descrevemos agora os aspectos diretamente ligados à relação homem e natureza, em Marx e Engels.

O materialismo dialético, a superação da dialética Hegeliana e a crítica à religião iniciam-se na tese de doutorado intitulada “Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro” (1841) do jovem Marx: “[...] o resgate que Marx faz de Epicuro, um filósofo grego que teve a característica de pensar a natureza de forma embrionariamente dialética e expurgada da divindade, da teleologia.” (DANTAS, 2015). Essas ideias epicuristas permanecem em todo percurso intelectual de Marx:

Num olhar amplo sobre a obra *O Capital*, identificamos em Marx, em sua maturidade, a continuação de seus fundamentos epicuristas e não será nenhum exagero afirmar que nesta obra sua concepção materialista da natureza se integrou com sua concepção materialista da história, na qual algo não é o que é, mas o que poderá vir a se tornar. Em seu cerne, notamos certa crítica à teoria populacional de Malthus, que considerava a terra estática na produção de alimentos em relação à dinâmica da reprodução populacional, bem como as implicações do empobrecimento do solo e suas possibilidades de fertilizações para a recuperação de seu aumento e de sua produtividade. Neste contexto, Marx nos indica o que aqui se denomina como a primeira crise ecológica provocada pelo capitalismo [...] (VIEIRA, 2017 p.1430).

Após o doutoramento, Marx assume em 1842 o cargo de editor do jornal *RheinischeZeitunge* e escreve o artigo “Debates sobre a lei referente ao furto de madeira”, que tratava

O que estava em jogo era a dissolução dos direitos finais dos camponeses às antigas terras comuns – direitos que existiam desde tempos imemoriais, mas que vinham sendo suprimidos pela crescente industrialização e pelo sistema de propriedade privada. Tradicionalmente, a população tinha o direito de recolher a madeira seca (a madeira de árvores mortas ou madeira caída no chão na floresta), o que lhe permitia aquecer as suas casas e cozinhar. O direito da população à madeira em geral e tudo mais na floresta estava, porém, sendo cada vez mais obstruído pelos proprietários de terras (FOSTER, 2005, p. 99).

Marx questiona os debates da época que não consideravam o pobre que dependia disso para sobreviver. Os grandes proprietários de terra tinham os guardas florestais, punidores de coletores de madeira, como aliados. O filósofo alemão denunciava a atividade dos guardas-florestais, considerava essa lei irracional e desrespeitosa com os pobres, criando uma guerra contra a propriedade privada.

Essa experiência de preocupação com os pobres e sua relação com a natureza passa também pela obra de Engels intitulada “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (1845):

A atividade do operário tornou-se menos pesada e o esforço muscular foi reduzido, mas o próprio trabalho, facilitado, foi levado ao extremo da monotonia. Ele não permite ao operário nenhuma possibilidade de atividade espiritual e, no entanto, absorve-lhe a atenção a ponto de impedi-lo de pensar em qualquer outra coisa. A condenação a semelhante trabalho, que toma do operário todo tempo disponível, que mal o deixa comer e dormir, que não lhe permite fazer exercícios físicos e *desfrutar da natureza*, sem falar da ausência de atividade intelectual – a condenação a um tal trabalho não rebaixa o homem à condição animal? (ENGELS, 2010, p.158, *grifo nosso*)

Fica claro que Marx e Engels condenam a situação do trabalhador que é explorado pelo sistema e divorciado da natureza.

Ainda sobre a premissa de Michael Löwy: “[...] a crítica do capitalismo de Marx e Engels é o fundamento indispensável de uma perspectiva ecológica radical [...]”, Paul Burkett demonstra como “O Capital” integra uma visão ecológica, primeiro pela constatação de Marx que os trabalhadores são separados da terra:

Tal como outras condições necessárias que são apropriadas pelo capital, a terra (a natureza) aparece aos trabalhadores assalariados como uma condição externa da sua existência à qual só têm acesso se concordarem em vender a sua força de trabalho ao capitalista (BURKETT, 2007).

E segundo pela produção de valores de uso pelo capitalismo, utilizando o trabalho humano e a natureza como forma de criar valor de uso.

[...] A acumulação de capital requer não apenas força de trabalho para explorar, mas, também, condições naturais e materiais que por sua vez permitem a exploração da força de trabalho e que o trabalho excedente seja materializado e incorporado em mercadorias (BURKETT, 2007).

Um exemplo disso está no livro três, de “O Capital”, onde Marx expõe como a grande indústria e grande agricultura exploram a natureza e o homem.

A grande indústria e grande agricultura, exploradas industrialmente, atuam conjuntamente. Se, originariamente, elas se diferenciam pelo fato de que a primeira devasta e arruína mais a força de trabalho e por isso a força natural do homem e a última, mais diretamente a força natural da terra, mais tarde, ao longo do desenvolvimento, ambas se dão as mãos, ao passo que o sistema industrial na zona rural também extenua os trabalhadores e, por sua vez, a indústria e o comércio proporcionam à agricultura os meios para esgotamento da terra (MARX, 1986, p. 266).

Em “O Capital”, o conceito de metabolismo é aplicado integrando a concepção materialista da natureza com a concepção materialista da história (FOSTER, 2005) e há foco especialmente:

[...] na economia política desenvolvida de Marx, tal como apresentada no Capital, o conceito de “metabolismo” (*Stoffwechsel*) foi empregado para definir o processo de trabalho como “um processo entre o homem e a natureza, um processo pelo qual o homem, através de suas próprias ações, medeia, regula e controla o metabolismo entre ele mesmo e a natureza”. Mas uma falha (*rift*) irreparável surgiu nesse metabolismo em decorrência das relações de produção capitalistas e da separação antagonista entre cidade e campo (FOSTER, 2007, p. 201).

A falha metabólica entre campo e cidade, homem e terra, foi analisada por Marx que criticava a agricultura capitalista segundo Malthus (com ajuda de James Anderson)¹⁵ e das análises da química de solo de Justus von Liebig¹⁶ e a relação sustentável com a terra.

A falha metabólica em Marx, segundo Foladori (2001), separa homem trabalhador e natureza e cidade e campo, enfim:

O trabalhador assalariado cumpre com todos os requisitos de ruptura do metabolismo com a natureza: está separado da terra como condição natural de produção; está separado dos instrumentos como intermediários de seu corpo em relação à natureza externa; está separado de um “fundo de consumo” prévio ao trabalho – depende de vender sua força de trabalho para comer –; e está separado do próprio processo de produção como atividade transformadora – à diferença, por exemplo, do servo feudal. É livre, mas essa liberdade deve ser entendida como isolamento, alienação com respeito à natureza externa; é livre porque foram esgarçados os laços do metabolismo com o meio ambiente. É livre no sentido de isolado. O proprietário, ao contrário, passa a usufruir

¹⁵ Em linhas gerais o pensamento de Thomas Robert Malthus (1766 - 1834) considerava o aumento populacional como um problema, pois seria maior que a produção de alimentos e a humanidade poderia passar fome ou ficar desnutrida. Considerava os pobres como responsáveis pelo aumento populacional, pois tinham muitos filhos. Defendia o controle de natalidade, por sujeição moral (controle dos apetites sexuais, etc). Marx afirmava que essa ideia favorecia a burguesia, pois Malthus desconsiderava a dimensão histórica das superpopulações, criando abstrações baseadas em cálculos equivocados. O economista político e agricultor escocês James Anderson (1739-1808) “se opunha diretamente à visão malthusiana de que a escassez de grãos podia ser atribuída à crescente população humana e as suas pressões sobre uma oferta ilimitada de terras”. Com análises sobre fertilidade da terra, relação campo cidade e propriedade fundiária, etc. Anderson influenciou Marx por ter oferecido elementos históricos para a crítica a agricultura capitalista antisustentável (FOSTER, p.205 a 208, 2007).

¹⁶ “Como pioneiro da química orgânica e dos solos, Liebig preocupava-se em estudar as formas da agricultura devolver ao solo os nutrientes que ela arranca deles, Marx vai por essa mesma via, retoma essa perspectiva e se refere à separação capitalista entre o campo e a cidade como a ruptura radical do metabolismo com a natureza, elemento que hoje em dia, no debate ambiental se poderia destacar entre as causas da insustentabilidade do desenvolvimento no capitalismo” (DANTAS, 2017).

de uma natureza que deveria corresponder a todos os habitantes do planeta (FOLADORI, 2001, p.108).

Mas como transcender essa ruptura metabólica?

Marx faz referência à associação dos trabalhadores, pois, como ser social, pode-se (re) conquistar a liberdade humana e resgatar o metabolismo do homem com a natureza (MARX, 1986, p. 273).

O resgate da ideia revolucionária de pensar e militar por um mundo diferente do que o sistema capitalista trouxe para esta realidade, a retomada da busca de superação da alienação homem-trabalho e homem-natureza e de sua liberdade e a luta coletiva por dignidade humana e natural, requer uma retomada ao pensamento de Marx e Engels para contribuir para a construção coletiva de um novo mundo.

A Ecofilosofia desta dissertação utiliza as bases da crítica à economia capitalista de Marx e Engels. A situação dos trabalhadores de hoje é diferente do contexto socioeconômico desses filósofos, mas é possível perceber diversas *alienações* no mundo do trabalho. Atualmente, a relação homem e natureza ganha o *status* de crise, pois além do rompimento metabólico, há, paradoxalmente, a destruição da natureza promovida pelo capitalismo neoliberal.

A Ecofilosofia desta dissertação também utiliza as bases do pensamento de Marx e Engels sobre uma solução viável para a crise socioambiental. A abstração da realidade socioambiental pode, dialeticamente, conduzir à práxis transformadora do mundo concreto.

O subcapítulo a seguir é um processo de abstração, com princípios que nos conduzem a possibilidades de transformação dessa realidade.

1.6 O CUIDADO E AS QUATRO ECOLOGIAS DE LEONARDO BOFF

Outra referência é o pensamento de Leonardo Boff¹⁷ que traz reflexões Ecofilosóficas que contribuem para dar base para a esta dissertação.

¹⁷ Genésio Darci Boff (1938-), mais conhecido pelo seu pseudônimo, Leonardo Boff, teólogo, professor universitário, escritor e filósofo mundialmente conhecido por seus escritos e conferências sobre espiritualidade, teologia, ética e ecologia, mas também por sua militância por causas ecológicas e direitos humanos e sociais.

Especificamente suas ideias sobre o “Cuidado e as quatro ecologias” a serem descritas a seguir.

Na década de 80, Leonardo Boff começa a direcionar seu engajamento para a ecologia, baseado na espiritualidade franciscana, na teologia da libertação e nas ciências vinculadas à ecologia (BOFF, 2018).

Essa militância Ecofilosófica e Ecoteológica o levou a participar de muitas atividades ecológicas de nível mundial e uma delas foi sua colaboração na escrita da Carta da Terra.¹⁸

A realidade socioambiental, como descrita anteriormente, é um dos problemas filosóficos encontrado por Leonardo Boff e que o move à construção de um conjunto de reflexões. Diante de gigantesca bibliografia e pensamento sobre ecologia, foram selecionadas as temáticas das “Quatro Ecologias” e a do *cuidado* para contribuir com a Ecofilosofia.

A obra “As quatro ecologias”, parte do pressuposto de que Ecologia não é somente o estudo dos relacionamentos de todos os seres vivos e não vivos entre si e seu entorno, como dizia o criador da palavra ecologia, Ernst Haeckel, ou um subcapítulo da biologia, uma disciplina. Ecologia é uma força mobilizadora, atitude política diante da crise socioambiental, uma forma de lutar pela manutenção da Casa Comum, onde todos os seres são inter-relacionados (BOFF, p. 9, 2012).

Todo o pensamento ecológico de Leonardo Boff passa pela ideia de inter-relação, de integração de todos os seres que formam nosso planeta. Assim, o natural se integra com o cultural, o biológico se relaciona com política, a vida associa-se a não vida. Palavras como holismo, sistêmico, cooperação, sinergia e interdependência aparecem no pensamento ecológico de Leonardo Boff.

As *Quatro Ecologias* são a Ecologia Ambiental, Ecologia Social e Política, Ecologia Mental e Ecologia Integral e são um exemplo claro dessa inter-relação,

¹⁸ A Carta da Terra é agora cada vez mais reconhecida como uma declaração de consenso global sobre o significado da sustentabilidade, o desafio e a visão do desenvolvimento sustentável, e os princípios pelos quais o desenvolvimento sustentável deve ser alcançado. A Carta foi também uma influência importante no Plano de Implementação da Década da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – para a Educação sobre o Desenvolvimento Sustentável (CARTA DA TERRA, 2000).

uma síntese da ideia da teia de conexões de Nossa Casa, baseadas na obra de Félix Guatarri, “As Três Ecologias”.

Descrevemos de modo didático cada ecologia, sem perder a ideia de interdependência entre cada uma delas:

A) *Ecologia Ambiental*

Ecologia Ambiental é a força mobilizadora em benefício dos seres vivos e não vivos em determinado espaço-tempo.

Na *ecologia ambiental*, é necessário desfazer a ideia reducionista de meio ambiente:

1) O meio ambiente não está fora de nós. Somos seres biológicos e os outros seres nos influenciam de um jeito ou de outro. Estamos na totalidade do meio ambiente, juntamente com todos os seres. 2) A terra não é “simplesmente a composição de terras elevadas, oceanos, lagos e rios.” [...] “A própria terra, como um todo, é um superorganismo vivo e se comporta como tal” (BOFF, 2012, p. 11).

Para falar da ecologia ambiental e colaborar na superação desse reducionismo do meio ambiente, Boff cita a Teoria de Gaia¹⁹ de James Lovelock, com a colaboração de Lynn Margulis que considera a Terra “um superorganismo vivo” que articula o físico, o químico, o biológico e humano de tal forma que se torna benevolente para a vida ”(BOFF, p. 12, 2012).

Para o desrespeito que o meio ambiente sofre, Boff pensa na necessidade de uma nova civilização, com novos padrões de produção e consumo, que use racionalmente os recursos escassos e que salvasse a capacidade de

¹⁹ “A teoria Gaia foi proposta na década de 1970 pelo cientista inglês James Lovelock a partir de estudos realizados no começo da década de 1960 para a NASA, com o objetivo de detectar vida em outros planetas, especialmente Marte. Em parceria com a filósofa Dian Hitchcock, Lovelock buscou elaborar experimentos para a detecção de vida que fossem gerais, independentes do tipo de vida particular que existe na Terra [...]. Após apresentar sua teoria à comunidade científica, pela primeira vez, na carta, “Gaia as Seen Through the Atmosphere” (1972), publicada no periódico “Atmospheric Environment”, Lovelock a desenvolveu em artigos publicados em colaboração com a microbiologista Lynn Margulis. Nestes artigos, Lovelock e Margulis propuseram a existência de uma rede complexa de alças de retroalimentação que, em sua visão, relacionariam intimamente seres vivos e ambiente físico-químico, resultando numa auto-regulação do sistema planetário” (NAIME, 2017).

regeneração dos ecossistemas, possibilitando a vivência respeitosa dentro da única Casa Comum (BOFF, 2012, p.14).

B) *Ecologia política e social*

A *Ecologia política e social* é força mobilizadora na organização da sociedade e sua relação com a natureza, das relações de poder e do bem-estar humano em equilíbrio com o meio ambiente.

A *Ecologia política e social* pode contribuir para a Nova Civilização, pensando e substituindo lentamente a sociedade do consumo, da Injustiça Social (desigualdades sociais) e da Injustiça Ambiental (abusos ao meio ambiente por considerar os chamados “recursos naturais” ilimitados), pela sociedade sustentável que deve diminuir a pobreza, construir dignidade para o trabalho humano, garantir a igualdade social, política, de gênero e uma democracia socioambiental (BOFF, 2012, p.15).

A dimensão política e social da ecologia passa pelo repensar as relações entre os seres humanos. Em “Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo”, Leonardo Boff analisa o fracasso do capitalismo e do socialismo em realizar sonhos e resolver problemas e conclui:

O paradigma moderno de poder como dominação do mundo e dos povos levou, entre outros pontos, a três desvios que marcam visivelmente nossa cultura hoje mundializada: o reducionismo na concepção do ser humano, o recalque do feminino e o desrespeito à alteridade e à natureza (BOFF, 2003, p.87).

Como alternativa a esses três desvios, ele propõe: a concepção de homem como ser de relações (um eu-sujeito singular com nós-comunidade), integração do feminino no homem e na mulher e nova aliança com a natureza. São ideias intimamente ligadas à ideia de sociedade sustentável proposta pela Ecologia Política e Social.

A concepção de ser humano como ser de relações coincide com a ideia de democracia socioambiental, construída a partir dos pilares da participação, da igualdade na dignidade e no direito, sustento da justiça social, no respeito à diferença e à comunhão com sua subjetividade, com o outro, com o divino e com a natureza. Essa concepção de ser humano transcende a ideia do homem como ser de necessidades, tão enfatizada na sociedade consumista.

A sociedade sustentável permite que a gratuidade, a ternura, o cuidado para com a vida, a convivência prazerosa, a veneração pelas coisas como expressão do feminino, se expresse no homem e na mulher e, conseqüentemente, equilibre as relações de gênero. A democracia deve ser cósmica, ou seja, deve incluir os demais seres como sujeitos de direitos (BOFF, 2003, p. 92 a 96).

C) *Ecologia Mental*

Ecologia Mental é força mobilizadora das consciências, dos valores e das racionalidades.

A cosmovisão construída pelas *Ecologias Ambiental, Social e Política*, pode ser fomentada e cultivada pela *Ecologia Mental*, pois “[...] se ocupa com a mente e com o que ocorre dentro dela. Também considera os valores e as visões de mundo que as sociedades projetaram” (BOFF, 2012, p. 23).

Embora mudanças positivas venham acontecendo na consciência humana relacionadas à crise ecológica como a tomada de consciência dessa crise e o despertar respeitoso para com a Terra, há obstáculos a serem superados para uma mudança efetiva na mente e no coração: 1) Inconsciência e ignorância relativa à destruição ambiental 2) O antropocentrismo 3) Racionalismo e falta de sensibilidade e compaixão 4) Individualismo cultural 5) Competição e concorrência 6) Consumismo. Boff (2012) define marcas orientadoras na estrada para a cura do homem e da Terra: tornar-nos sensíveis com a natureza e os seus seres, cuidar da comunidade de vida, assumir nossa responsabilidade universal diante do planeta, a primazia da cooperação e a solidariedade e cultivar a espiritualidade (BOFF, p.24 a 29, 2012).

A Ecofilosofia se vincula profundamente à *Ecologia Mental*. Ecofilosofar para repensar nosso modo de ver o mundo e para mudar nossas atitudes diante desse mundo. Foi visto que a crítica de Marx e Engels ao capitalismo foi para reforçar racionalmente o questionamento ao sistema capitalista do século XIX e que pode iluminar a realidade socioambiental contemporânea. Em partes, o sistema capitalista cria e sustenta o antropocentrismo, a ênfase demasiada na racionalidade humana que sufoca a sensibilidade e o afeto, o individualismo, a competição e a concorrência mercadológica e o consumo que acaba afetando as relações humanas.

Além do sistema econômico social vigente na maior parte do mundo, a Ecofilosofia, como *Ecologia Mental*, contribui para o despertar da inconsciência, da ignorância que mantém boa parte da humanidade doente. A superação de que na “nossa visão reducionista, compartilhada com a ciência moderna, não percebemos o Todo, apenas as partes” (BOFF, 2012, p. 24).

D) *Ecologia Integral*

Ecologia Integral é força mobilizadora para compreensão da totalidade do Universo e de todas as teias de relações da Terra.

A *Ecologia Integral* pode contribuir para curar a ignorância da crise socioambiental, demonstrando a totalidade do mundo, a inter-relação entre os seres vivos e não vivos.

A ecologia integral procura acostumar o ser humano com a visão global e holística. O holismo não significa a soma das partes, mas a captação da totalidade orgânica - una e diversa em suas partes - e estão sempre articuladas entre si dentro da totalidade e constituindo essa totalidade (BOFF, 2012, p. 33).

A ecologia integral convida cada ser humano a imaginar-se fora da terra e contemplá-la à distância e perceber que sua beleza nos faz pensar que ela está em um Universo, em uma Galáxia, que é irradiada por um sol, que tem a Lua como satélite natural, bilhões de estrelas e que dentro desse planeta azul há muitas formas de vida, que dependem destes astros, mas também da água, da terra, da atmosfera e se interdependem. O encantamento com a Terra, experienciado por astronautas, pode nos fazer compreender a teia de relações que compõe a Terra.

Para Boff (2004), as religiões podem contribuir com essa Cosmovisão. O Sagrado inter-relaciona-se com a natureza. Em “*Ecologia: Grito da Terra Grito dos Pobres*” descreve a contribuição da espiritualidade para a vida pela ecoespiritualidade: sentir, amar e pensar como Terra baseada na simplicidade (viver com o necessário, sem acumular e esbanjar), na cooperação (para garantir a interdependência de todos os seres), na fé, na esperança e no amor (BOFF, 2004, p.260 a 270). É necessário fazer revoluções espirituais e *re-ligar* o homem a Deus e à natureza.

A *Ecologia Integral* responde que essa *re-ligação* pode ser feita com aquilo que Boff (2003) chama de revoluções moleculares, ou seja:

Como as moléculas, a menor porção da matéria viva, garantem sua vida pela relação e articulação com outras moléculas e com o meio ambiente, de forma semelhante, as revoluções devem começar nos grupos e nas comunidades interessadas em transformações (BOFF, 2003, p. 96).

Essa revolução - transformação molecular – começa, sim, pela escuta da natureza que nos mostra, via *ecologia integral* - talvez uma das melhores formas de escuta, vinculada às outras Ecologias,

[...] pela ecologia integral, captamos a importância de integrar a Terra e o ser humano com o Todo, de descobrir as conexões que ligam e religam todos os seres, a matéria e a vida, o espírito e o mundo, Deus e o Universo (BOFF, 2019, p.16).

Todas as dimensões da *Ecologia Ambiental, Política e Social, Mental e Integral* são inseparáveis. A divisão em *quatro ecologias* é didática, apenas para compreendermos que há dimensões específicas que podem ser transformadas, mas sempre relacionadas com o todo.

O *cuidado* aparece nas quatro ecologias como parte da proposta para uma nova sociedade, a sociedade sustentável e como parte da cura para o homem doente e para o planeta doente. O *cuidado* sempre foi uma preocupação antropológica e ecológica de Leonardo Boff, em algumas de suas obras.

Em “*Saber cuidar Ética do humano-Compaixão pela Terra*”, Boff define *cuidado* como:

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 2004, p.33).

Esta atitude é urgente para um mundo do descuido, onde não se cuida mais da vida humana, não se cuida mais dos demais seres vivos e nem dos seres não vivos necessários à vida, como a água. É necessário um novo Ethos, baseado na ideia de cuidado como *modo-de-ser-essencial do homem*. Martin Heidegger é citado por Boff, como filósofo que fundamenta esta afirmação:

“Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a *priori*, antes de toda atitude e situação de fato”. Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela vem sempre acompanhada de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo de ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. (BOFF, 2004, p.34)

Alguns aspectos deste novo *Ethos* precisam ser resgatados, pois o exagero da cultura na racionalidade, no trabalho como eficácia e produção, na lógica do

poder dominação, na falta de comunhão com os demais seres da Terra, impede que o cuidado seja morada (*Ethos*) do homem.

Na Carta da Terra, o cuidado entra como um dos primeiros “Princípios: I – **Respeitar e cuidar da comunidade da vida**. Cuidar deve guiar o ser humano na manutenção da vida e da Casa Comum” (CARTA DA TERRA, 2000).

A Carta da Terra é uma das concretizações do cuidado, descritas por Boff (2004) no capítulo IX do livro “*Saber Cuidar*” que perpassa a dimensão *Ecológica* que inclui o cuidado com nosso único planeta, com o nicho ecológico e com a sociedade sustentável. E a dimensão *Antropológica* que considera o cuidado com o outro, animus/anima²⁰, o cuidado com os pobres, com oprimidos e excluídos, o cuidado com nosso corpo na saúde e na doença, o cuidado com a cura integral do ser humano, com nosso espírito, os grandes sonhos e Deus e com a morte. Essas concretizações do cuidado nos mostra que se os seres humanos têm o direito de usar os recursos naturais, têm também o dever de prevenir desastres e de garantir o direito da natureza, das pessoas e do bem comum.

É preciso preocupar-se com a Terra. É necessário também ocupar-se com ela. É na precaução - quando se sabe as consequências - e prevenção - quando não se prevê as consequências - (BOFF, 2012b) que nos *pre-ocupamos* com a Casa Comum. Pensar e agir para garantir o futuro das novas gerações e até mesmo do futuro próximo, para garantir a vida dos contemporâneos. Ocupar-se com a Terra é zelar afetivamente pela manutenção de todas as formas de vida e seu ambiente. Ocupar-se com a Terra é agir e fazer o necessário para que a vida continue a existir da melhor forma possível “[...] o cuidado emerge da realidade concreta, concretíssima do ser humano” (BOFF, 2012, p. 60).

A realidade humana se concretiza no *estar-no-mundo* que possibilita o cuidado como preocupação e zelo, ocupação, no *estar-com os outros* como gesto de acolhida, atenção e envolvimento afetivo com o outro. É a realidade humana concretizada no *ser aberto para o futuro* que assume sua liberdade e se faz na história, cuidando da vida no planeta e pelo planeta dentro de seu espaço-tempo,

²⁰ Boff utiliza o conceito de C. G. Jung dos arquétipos masculino (animus) e feminino (anima) presentes no homem e na mulher. Cuidar do animus/anima significa conciliar culturalmente essas duas dimensões no trabalho/cuidado, no homem/mulher, razão/emoção etc.

ser-para-a-morte como cuidar da finitude própria dos seres vivos, aceitando-a como forma de ampliar e intensificar o cuidado com a vida e *abertura em totalidade*, onde podemos entrar em Comunhão com o Todo, com o Universo. (BOFF, 2012b, p. 60) Resumindo é Cuidar e ser cuidado, o cuidado de si e do mundo para uma nova ética.

Nas relações de produção, Boff privilegia o cuidado como substantivo, deixando de lado o cuidado adjetivo: “O cuidado como *adjetivo* qualifica a produção, mas não lhe muda a natureza” (BOFF, 2012b, p. 67), mas com o cuidado como *substantivo* a relação é diferente. “A produção deve obedecer à lógica da sinergia, do respeito às possibilidades e aos limites do ecossistema do qual se extraem os recursos” (BOFF, 2012b, p. 67). Medidas reparadoras como as tecnologias aplicadas em grandes indústrias e na grande agricultura que minimizam, mas não resolvem o problema, pois o cuidado substantivo, aquele que evidencia a essência, requer mudança ontológica nas relações de produção, no modo como o homem produz para seu sustento. Boff (2012) salienta que a produção deve acontecer, mas com o cuidado que a natureza merece, com o cuidado necessário.

Em síntese, um novo paradigma e uma nova ética, um novo *Ethos*, fundado no cuidado de si (do eu, da singularidade, autocuidado), cuidado com o outro (alteridade) e cuidado integral devem surgir sempre vinculados à visão das quatro Ecologias, como totalidade. É urgente a mudança na cosmovisão e nas ações humanas, para que a vida prevaleça.

1.7 O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

A palavra cooperação vem Latim, *cooperati*, de *co*, “junto”, mais *operati*, “laborar, trabalhar”, isto é, “trabalhar junto”. Essa definição etimológica - trabalhar juntos - poderia bastar por si mesma, mas ganha sentido mais amplo, no pensamento de Mauricio Abdalla²¹, pois se torna um Princípio.

Cooperação é uma palavra presente no campo semântico do pensamento ecológico, que é uma revolta lógica contra o sistema vigente que coloca o

²¹ Prof. Dr. Mauricio Abdalla é filósofo, escritor, educador popular e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e é o principal referencial deste subcapítulo.

individualismo e a competição como base das relações humanas e destes com a natureza. Sobre esse sistema Cór; Marcondes (1999) afirmam:

Tornar cada homem mais consciente de sua participação igualitária e solidária na construção da vida na Terra é possibilitar uma experiência de consciência de si discordante da ideologia dominante na civilização ocidental. Segundo essa visão de mundo, as diferenças sociais são legítimas e se originam nos diferentes merecimentos de cada um – o que pretensamente justifica o posicionamento das pessoas nas diferentes classes sociais (CÓ, MARCONDES, 1999, p.125).

A crise ecológica já descrita neste capítulo surge a partir da constatação de que o princípio que rege boa parte da humanidade parte do individualismo e da meritocracia, da competição, de uma suposta liberdade (centrada no indivíduo) e da propriedade privada.

Abdalla (2004) considera a troca como o eixo central da racionalidade burguesa que determina as relações socioambientais, denominando-a de troca competitiva (ABDALLA, 2004, p.52).

O conceito de racionalidade desse filósofo é fundamental para continuar a compreender melhor a troca competitiva:

Chamo de *racionalidade* a organização de uma estrutura subjetiva, desenvolvida durante nossa vida em sociedade, que funciona como uma base (complexa e dinâmica) a partir da qual processamos as informações da realidade à nossa volta e construímos nossas concepções de mundo (intelectuais e morais). É a partir dela que entramos em contato com o universo (compreendido tanto na sua dimensão natural como na das estruturas artificiais resultantes das relações humanas) e atribuímos *ser* às coisas externas, para valorá-las, conhecê-las e agir sobre elas. A racionalidade é o *receptáculo estrutural subjetivo* em relação com o qual as experiências do mundo adquirem sentido determinado e a partir do qual compreendemos a realidade e orientamos nossa ação (ABDALLA, 2009b, p.103).

A Ecofilosofia defendida até aqui parte deste pressuposto, ou seja, de que as crises advêm da racionalidade vigente e que mudar essa racionalidade pode mudar a relação homem e natureza e as relações sociais. A visão de mundo parte da realidade concreta colocada em uma racionalidade. Na visão de mundo de uma tribo indígena isolada na floresta Amazônica, por exemplo, fiel a suas tradições e distante dos “homens brancos” a nutrição adquire um sentido diferente de um brasileiro urbano “civilizado” que se mantém distante da floresta.

Retomando a ideia de troca competitiva, Abdalla (2004) considera:

A troca competitiva concedeu um outro sentido às relações de troca, que possuíam, anteriormente, a característica da complementação, tornando-

as uma fonte de acumulação de riqueza. O mercado passou a ser o conceito que designa as relações fundamentadas na troca competitiva mediadas pelo dinheiro, e é sob seu prisma que devem ser considerados o desenvolvimento da sociedade capitalista e o estabelecimento de novas relações entre os seres humanos (ABDALLA, 2004, p.52).

Elisabet Sahtouris (1998) concorda com isso ao analisar como o ser humano organiza a economia vigente. A maneira de organização de produção e a distribuição de produtos e serviços humanos cresceram a partir da competição de nações isoladas e que, mesmo com regras internacionais de mercado, essas atenderam aos interesses de espoliadores competitivos. Países pobres abastecem os países ricos com matéria-prima, mas nem sempre se beneficiam dos produtos derivados destas matérias primas:

Os atuais suprimentos de alimentos são suficientes para que todos os seres humanos se alimentem bem, mas os países industrializados são os donos ou controlam quase todos eles e podem fixar os preços que cobram no mercado mundial. Em vez de permitir que os preços baixem, entesouram-nos ou destroem-nos e pagam a agricultores em seus próprios países para que deixem de produzir (SAHTOURIS, 1998, p. 221).

Sahtouris (1998) utiliza o termo de Hazel Henderson, *economia perde-ganha*, para falar dessa economia que ela considera antiecológica e constata o pensamento em nossa cultura “[...] para que alguma coisa ou alguém ganhe, alguma coisa ou alguém tem que perder” (SAHTOURIS, 1998, p. 287).

Dessa forma, a troca competitiva é uma economia perde-ganha:

A troca competitiva tem como retorno final a troca. É o *retorno* que define este tipo de troca. [...] O retorno em uma relação de troca competitiva, sai sempre do outro pólo dessa relação; ou seja, o que eu ganho sai do outro. Colocando-se essa troca como princípio fundante das relações humanas, estabelecem-se, automaticamente, a concentração de riqueza e a exploração (ABDALLA, 2004, p. 54).

Abdalla (2004) considera que a troca competitiva se torna um princípio nomológico, um princípio racional fundamentador de toda realidade. A ciência, a tecnologia, a cultura e a ética se baseiam nela. Essa concentração de riqueza e exploração é justificada pela liberdade do indivíduo de competir e ganhar, pois tudo gira em torno deste princípio.

Na Carta Encíclica “Laudato Si” sobre o cuidado da Casa Comum, Papa Francisco discorre sobre essa lógica de ganho:

O princípio de maximização do lucro, que tende a isolar-se de todas as outras considerações, é uma distorção conceptual da economia: desde

que aumente a produção, pouco interessa que isso se consiga à custa dos recursos futuros ou da saúde do meio ambiente: se a derrubada de uma floresta aumentar a produção, ninguém insere no respectivo cálculo a perda que implica desertificar um território, destruir a biodiversidade ou aumentar a poluição. Em outras palavras, as empresas obtêm lucros calculando e pagando uma parte ínfima dos custos (FRANCISCO, 2015, p.114).

As perdas nas relações sociais, pela troca competitiva, são desastrosas. As relações sociais ficam comprometidas, pois o outro é concorrente na qual o indivíduo tem que ganhar e não um ser humano de que é necessário para viver em sociedade. Maturana (2014), ao fazer reflexões sobre o amor, constata que o amor tem base biológica e que é “fundante dos fenômenos sociais”. Um dos obstáculos para aceitação dessa ideia é a competição:

A competição é antissocial. A competição, como uma atividade humana, implica na negação do outro, fechando seu domínio de existência no domínio da competição. [...] Membros da cultura moderna prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição gera cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade, reduzindo as circunstâncias de coexistência (MATURANA, 2014, p. 222).

Para Abdalla (2004), a troca competitiva na sua relação com a natureza faz que o “ganhar” seja total: “[...] a natureza não pede (no ato) algo em troca de seus recursos e torna possível a otimização da troca competitiva com 100% de vantagem para um dos polos” (ABDALLA, 2004, p.76). Essa racionalidade não permite pensar em longo prazo, a imediaticidade do ganho. Pensa no *agora* e só tem preocupação com a natureza quando o desastre ambiental se aproxima. As campanhas ecológicas dentro desse sistema (que cresceram consideravelmente nas últimas décadas) dirigem-se a atitudes de indivíduos ou de grupos, mas pela lógica da Ecologia Superficial. As campanhas de reciclagem pedem aos cidadãos para separar corretamente o lixo, mas o sistema da troca competitiva mantém o consumismo como fator ontológico da estrutura subjetiva. Nesse sentido, Löwy (2014) critica as correntes dominantes da ecologia europeia:

A sua principal fraqueza é ignorar a conexão necessária entre produtivismo e o capitalismo, o que leva a ilusão do “capitalismo limpo” ou de reformas capazes de lhe controlar os excessos (como, por exemplo, as ecotaxas) (LÖWY, 2014, p. 43).

É necessário mudar esta racionalidade por outra. Abdalla (2004) propõe o Princípio da Cooperação como novo eixo fundamentador da realidade. Isso não acontece simplesmente por elaborações teóricas, mas por mudanças históricas, para destruir a troca competitiva e substituí-la por um novo processo civilizatório.

Abdalla (2004) - o Filósofo da Cooperação - cita a experiência da *produção cooperativada e autogestionária* que pode ser a gestação de uma nova civilização.

Có; Marcondes (1999) consideram que a cooperação é fundamental para a manutenção da vida quando exemplificam o corpo humano como um sistema cooperativo, onde o arranjo cooperativo entre moléculas gerou a célula, o arranjo entre diversas células formou os órgãos e estes se relacionam de modo solidário para garantir a vida de todo o corpo. Um corpo saudável vive em sinergia, assim como as diversas cooperações existentes entre seres vivos. Isso não é diferente das relações humanas, conforme explicitam abaixo:

Demonstrar que em todos os níveis conhecidos a vida surgiu, e só permanecerá a partir da cooperação entre os seres é apresentar uma ótica fraterna como racional e sábia, mas apresentá-la numa sociedade hierarquizada, competitiva e elitista. A alternativa para a sobrevivência da vida de todos e de cada um, sendo associada à cooperação, oferece a única saída cabível à crise ambiental planetária, mas se choca frontalmente com os interesses econômicos e políticos dominantes. Batalha difícil, que está apenas começando (CÓ; MARCONDES,1999, p.125).

Abdalla (2009) também considera que a cooperação é base da evolução do *homo sapiens*, como afirmam as ciências vinculadas ao ser humano (arqueologia, paleoantropologia, evolução humana e ecologia evolutiva) (ABDALLA, 2009, p.118). O pensamento de Maturana conforme Franco (2011) coincide com essa ideia:

“[...] não existe, biologicamente falando, contradição entre o social e o individual. Ao contrário, o social e o individual são, de fato, inseparáveis. A contradição que a humanidade vive neste domínio é de origem cultural” Para Maturana, existe tal contradição cultural em virtude de duas razões principais: a justificação ideológica da competição pela sobrevivência, que se deve à sobrecarga ecológica geradora de escassez (ou de previsível ameaça de escassez) de recursos de subsistência para todos; e “a exclusão, que toda sociedade faz, dos que não satisfazem às condições de pertencimento que a definem, e que justificamos ideologicamente, apesar de sabermos, por íntima reflexão, que todos os seres humanos, como tais, somos iguais” (FRANCO, 2001 p. 22).

Abdalla (2004) considera fundamental “reencontrar” essa essência concreta de sua espécie pela cooperação.

E como seriam as relações humanas de produção e de sociabilidade e a relação com a natureza?

Nas relações de produção a economia seria dessa forma:

“[...] a práxis humana produtora e distribuidora dos bens necessários ao sustento de toda humanidade. [...] Numa economia cooperativada a meta não pode ser a acumulação de lucros nas mãos de umas poucas pessoas [...]” (ABDALLA, 2004, p.113).

Ou seja, todos participariam e seriam proprietários da produção. Isso afetaria as relações de trabalho, sem exclusão de trabalhadores e deixaria mais tempo para cultura, lazer, família, arte, por exemplo.

Essas relações de produção trariam novas relações de sociabilidade. “O outro é aquele que compõe o todo comigo” (ABDALLA, 2004, p.122), em uma relação dialética indivíduo e sociedade. Haveria um sentimento de pertença à totalidade da humanidade e tudo o que o indivíduo fizer atingirá a coletividade.

A relação do ser humano com a natureza, pela racionalidade cooperativa pensa na interdependência entre homem e natureza. “A tarefa de cuidar da natureza não será mais avaliada pelo seu impacto no mercado, senão pelo seu impacto na manutenção da vida” (ABDALLA, 2004, p.130).

Sahtouris (1998) contempla a ideia de cooperação em uma sociedade sustentável, como primordial: “[...] A sustentabilidade, em sua essência, trata da necessária mudança para uma economia ganha/ganha, que beneficiaria toda humanidade, bem como as demais espécies de que depende a vida humana”(SAHTOURIS, 1998, p.287). A sustentabilidade cooperativa parte deste pressuposto onde todos ganham.

A utopia presente nesta ideia de uma nova racionalidade, o Princípio da Cooperação, traz concretude quando propõe soluções, mas com a clareza de que:

Conquistar uma sociedade assim não é uma questão de mudanças ou ajustes econômicos, pois isso demanda um processo histórico de ação social e organização da sociedade civil. A construção de uma sociedade fundada na racionalidade da cooperação não é um plano de ação imediato, que se possa vislumbrar a curto prazo. Trata-se de um projeto com a possibilidade histórica que pode orientar a ação humana. Não se resolve o problema apenas formulando soluções, mas é preciso estabelecer proposições gerais que direcionem a ação revolucionária dos seres humanos (ABDALLA, 2004, p.122).

Não é fácil e imediato tornar essa utopia realidade, mas é preciso crer que práxis revolucionárias, como as cooperativas autogestionárias, fomentem uma nova realidade que garanta a sobrevivência da humanidade e dos demais seres vivos, onde se *co-opera* com o outro, com a própria vida e com este planeta.

A dimensão teórica da Ecofilosofia pode abarcar outros teóricos. Os pensadores e pensamentos presentes neste capítulo dialogam entre si, tecem críticas ao sistema com reflexões que embasam possibilidades de mudança, nutrição de utopias e apontamentos para alternativas possíveis.

O próximo desafio é pensar no ensino de Ecofilosofia. Nesta dissertação a opção foi a história em quadrinhos. O capítulo seguinte trata da relação entre história e quadrinhos e educação e como isso pode contribuir para o ensino/aprendizagem.

2 EDUCAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A história em quadrinhos não tem uma data de origem definida. Muitos consideram as pinturas primitivas encontradas nas cavernas como possível história sequencial e precursora dos quadrinhos modernos. Algumas obras de arte na história da humanidade têm elementos que remetem aos quadrinhos. É o caso dos vitrais com vias sacras e a tapeçaria Bayeux.²²

No final do séc. XIX havia histórias com elementos próximos dos quadrinhos em várias partes do mundo, mas ela floresce como meio de comunicação de massa nos Estados Unidos por suas condições históricas (tecnologia e situação social) (VERGUEIRO, 2014a, p.10). Em 1895 surge o personagem *The Yellow Kid*, criado por Richard Fenton Outcault como personagem semanal no jornal *World* de Nova Iorque, que daria origem às tiras e posteriormente ao *comics* como conhecemos hoje (MOYA,1986, p. 23). Anos depois, as tiras tornam-se populares em diversos jornais. No final da década de 1920 surgem as revistas em quadrinhos que rapidamente se popularizam.

A percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de modo eficaz na transmissão de conhecimento já acontece na década de 40 como a *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Fact Comics* que tratavam de questões históricas e de personalidades da literatura. Havia, na segunda metade da década de 40, histórias religiosas e de cunho moral como a *Picture Stories from the Bible* e *Picture Stories from World*. Obras da literatura eram adaptadas para história em quadrinhos, como no *Classics Illustrated*, reproduzidas em boa parte do mundo. Havia as obras de cunho catequético católico como a *Topix Comics* e *Treasure Chest* (VERGUEIRO, 2014a, p.17).

Na China comunista, na década de 50, o governo de Mao Tse -Tung utilizou quadrinhos em campanhas “educativas” mostrando “vidas exemplares” ligadas à

²² A Tapeçaria de Bayeux é uma obra bordada em linho entre 1070-1080, sob a encomenda do bispo Odo de Bayeux (c. 1030-1097), meio-irmão de Guilherme, o Conquistador (c. 1028-1087). [...] a Tapeçaria de Bayeux, com seus 69 metros de comprimento, cerca de 50 cm de largura e 58 cenas, narra a história da conquista normanda da Inglaterra em 1066 (sob o ponto de vista normando), e representa magnificamente muitas cenas da vida cotidiana nobre do final do século XI, além da derrota anglo-saxã das forças de Haroldo II, rei da Inglaterra (1066) na batalha de Hastings (STEIN e DA COSTA, 2011).

ideologia desse governo. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos cria manuais em quadrinhos para treinamento de suas tropas (VERGUEIRO, 2014a, p.18).

A relação entre quadrinhos e educação passou por momentos de tensão na história, principalmente pelo combate do psicólogo alemão radicado nos Estados Unidos, Fredric Wertham contra os quadrinhos, no período pós Segunda Guerra Mundial. Depois de diversos artigos e declarações afirmando que os quadrinhos de super-heróis corrompiam moralmente as crianças, Wertham lança o livro *A Sedução dos Inocentes* (1954), que acusava Batman e Robin de serem homossexuais e isso podia levar os jovens leitores à homossexualidade, além da vinculação de histórias em quadrinhos de super-heróis à violência. (VERGUEIRO, 2014a, p. 11).

Entidades religiosas, associação de professores, pais e bibliotecários fortaleceram a denúncia de Wertham e colocaram a sociedade em estado de vigilância e isso forçou as editoras norte-americanas a criarem um código de ética para suas *comics* (*Comic Code*) (VERGUEIRO, 2014a, p.13). Essa perseguição aos quadrinhos, em nome da moral e dos bons costumes, estendeu-se para outros países e era impensável utilizar quadrinhos na educação formal em boa parte do planeta, inclusive no Brasil. Os quadrinhos eram considerados prejudiciais à infância.

Os quadrinhos começam a ser vistos de outra forma na segunda metade do século XX quando se quebra preconceitos de pais e educadores devido ao desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais (VERGUEIRO, 2014a, p.16-17), que demonstra que não havia embasamento científico suficiente para as críticas aos quadrinhos. A partir daí, as portas se reabriram para a relação dos quadrinhos como práticas pedagógicas. Os quadrinhos com fins político-ideológicos, religiosos e informativos retornam²³, inicialmente na Europa e, posteriormente, no restante do mundo.

²³ Um exemplo é Capitão América criado em 1940, por Joe Simon e Jack Kirby. É um dos principais heróis de quadrinhos vinculados à ideologia norte americana, que lutava contra as potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Os super-heróis voltam a ter viés ideológico político. Um exemplo disso é a criação do Homem de Ferro, em 1963, por Stan Lee e Jack Kirby, no contexto da Guerra Fria.

Na década de 70, os quadrinhos de história, biografia, temas para principiantes, enfim quadrinhos com fins educativos se popularizaram na Europa, destaque para *L' Histoire de France em BD*, em oito volumes que fez grande sucesso na França e em outros países. A maioria dessas publicações era voltada para o grande público e não para a escola. As publicações didáticas surgem depois, de modo tímido, ilustrando pontos específicos das matérias (VERGUEIRO, 2014a p. 20).

No Brasil, os quadrinhos também entraram de forma tímida nos livros didáticos, mas se fortaleceram com a sua “oficialização” pela legislação.

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - de 1996 fala da necessidade de diversificação de linguagens e de manifestações artísticas nos ensino fundamental e médio:

O item II do artigo 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; é uma das bases do ensino.

O item II, do § 1º do art.36 registra de forma mais explícita que, entre as diretrizes para o currículo do Ensino Médio, estão o “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem” (VERGUEIRO e RAMOS, 2008, p.10).

Os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais - de 1998 avançam mais e são mais específicos quando citam as histórias em quadrinhos e seus gêneros na área de Artes (de 5º ao 8º ano do ensino fundamental) e Língua Portuguesa (no ensino fundamental e médio) como competência de saber ler e interpretar quadrinhos por parte dos alunos e propõem que professores utilizem quadrinhos (tiras e charges) como gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita em língua portuguesa (VERGUEIRO e RAMOS, 2008, p.11).

O PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola - de 2006 a 2009 adquiriu, junto com os livros para as bibliotecas das escolas públicas, diversos títulos de história em quadrinhos.

É importante destacar que o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio - utiliza charges e tirinhas em suas provas como exigência das competências e habilidades, principalmente vinculadas à Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2009), mas que abarca Sociologia, Artes,

Filosofia e outras áreas do conhecimento, já que a interdisciplinaridade está presente no exame.

A BNCC - Base Nacional Comum Curricular - segue uma linha pedagógica similar, como, por exemplo, em uma habilidade do 5º ano do Ensino Fundamental:

(EF05LP18) Roteirizar, produzir e editar vídeo para *vlogs* argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, *games* etc), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto/finalidade do texto (BRASIL, 2017, p.125).

Além de ser “oficialmente” e politicamente assumido pelo Brasil, o meio acadêmico abre-se para os quadrinhos. Os fóruns, congressos, seminários no Brasil e no mundo demonstram isso, como o caso da Jornada Internacional de Quadrinhos, organizada pelo Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), que acontece desde 2011²⁴, demonstrando que o preconceito é superado cada vez mais, até mesmo nas universidades. Esse preconceito era a ideia de que estudar quadrinhos era atividade sem nenhum propósito, destituída de sentido e relevância, ou seja, a ideia de que quadrinhos era leitura descartável e para gente “preguiçosa”. A avaliação de muitos possíveis orientadores de trabalhos de conclusão de curso ou de pós-graduação partia dessa ideia (CHINEN, 2013, p. 50).

Na educação básica, professores têm aderido aos quadrinhos em diversas práticas didáticas. Embora não haja “receita pronta”, há princípios e dicas valiosas: Elydio dos Santos Netos (2013) oferece “10 Considerações para Professores que Desejam Trabalhar com História em Quadrinhos”. Vejamos resumidamente:

1 – O professor deve saber que as histórias em quadrinhos podem contribuir no desenvolvimento da razão sensível e da razão simbólica. 2 – A história em quadrinhos favorece o desenvolvimento de uma maneira diferente de olhar e pensar a realidade. 3 - Trabalhar com quadrinhos exige uma experiência com as mesmas. 4 – Ser criterioso com a escolha das histórias em quadrinhos que serão trabalhadas em sala de aula. 5 – O educador deve estar muito

²⁴ Para detalhes sobre as Jornadas acessar <http://www2.eca.usp.br/jornadas/index.php>

consciente da concepção pedagógica que defende e do Projeto Político Pedagógico da escola que trabalha. 6 – A escolha dos quadrinhos deve considerar a realidade social e cultural dos alunos e alunas 7 – É importante considerar uma educação para uma cultura visual 8 –Tomar o cuidado com a didatização das histórias em quadrinhos, é preciso apreciá-las como obra de arte 9 - Cada professor irá criar sua própria metodologia ao trabalhar com história em quadrinhos 10 – Os professores precisam ser preparados para trabalhar criativamente com as histórias em quadrinhos (SANTOS NETO, 2013, p. 28).

Essas considerações podem ser incorporadas à concepção da educação da pedagogia histórico-crítica e de Ecofilosofia mencionadas aqui. Destacamos a segunda consideração que fala de como as histórias em quadrinhos favorecerem o “pensar a realidade” de um novo jeito. O fato das histórias em quadrinhos favorecerem o desenvolvimento da razão sensível e da razão simbólica, pode superar o racionalismo e a perspectiva tecnicista, o que é um jeito diferente de ver o mundo. Santos Neto (2013) ao criticar muitos dos nossos atuais administradores afirma que:

[...] Falta-lhes sensibilidade para perceber a vida, manifesta em diferentes níveis da realidade, de uma forma mais holística e integrada. Resultado: a vida ameaçada nas cidades e no planeta.

Claro que apenas as histórias em quadrinhos não vão resolver esta situação, mas elas podem, se bem trabalhadas, dar uma contribuição substancial para desenvolver outras formas de olhar, pensar e intervir na realidade (SANTOS NETO, 2013, p. 30).

A tese defendida aqui é que o ensino de Ecofilosofia pode ter nos quadrinhos uma boa forma de “contribuir para desenvolver outras formas de olhar, pensar e intervir na realidade”, ou seja, os quadrinhos podem colaborar para a mudança de pensamento e atitude ou como esclarece Cirne (2000), quadrinhos são um saber militante, uma prática revolucionária capaz de transformar o mundo (CIRNE, 2000).

Além da razão sensível e simbólica, própria da arte, é possível criar práxis em estudantes e professores que passam pela experiência dos quadrinhos, que é a segunda consideração de Elydio dos Santos Neto (2015), experiência essa que não é simplesmente se apropriar racionalmente da linguagem quadrinística por meio de instrução (embora seja necessário), mas ler quadrinhos e mergulhar nesse universo de possibilidades sensoriais e argumentativas. Essa experiência

deve proporcionar sensações, mas também dar condições do leitor compreender os aspectos ideológicos presentes ali e discernir se isso é interessante para sua aula e para sua vida. É possível, com a experiência com quadrinhos pensar: “Por que quadrinhos auxiliam o ensino?” Waldomiro Vergueiro (2004) responde da seguinte forma:

Os estudantes querem ler quadrinhos [...].
 Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente [...].
 Existe um alto nível de informação nos quadrinhos [...].
 As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos [...].
 Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura [...].
 Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes. [...].
 O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar [...].
 Os quadrinhos têm um caráter globalizador [...].
 Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema [...] (VERGUEIRO, RAMA, 2004a, p. 21-25).

Essas não são as únicas respostas possíveis. Cada leitor/professor pode descobrir outras razões. A experiência com quadrinhos favorece novas descobertas. A seguir trataremos de um dos aspectos dessa experiência, a “alfabetização” necessária da linguagem dos quadrinhos (VERGUEIRO, RAMA, 2004b, p. 31).

2.1 ALFABETIZAÇÃO SOBRE QUADRINHOS

A ideia de que o professor precisa conhecer a linguagem dos quadrinhos é uma concepção que leva ao domínio e manipulação desse instrumento na sala de aula e que é fundamental para utilizá-lo como recurso didático. Apresentaremos a linguagem dos quadrinhos através de uma reflexão conceitual, dos formatos de histórias em quadrinhos e dos elementos que compõe esta arte.

Conhecido como *gibis* no Brasil, *história em quadradinhos ou banda desenhada* em Portugal, *comics* nos EUA e Canadá, *fumetti* na Itália, *tebeos* na Espanha, *bande dessinée* na França e Bélgica e *mangá* no Japão e intitulada de nona arte, as histórias em quadrinhos são reconhecidas como cultura pop ou mesmo cultura de massa e se tornaram populares, chegando ir para os cinemas e se popularizando ainda mais depois disso, principalmente os quadrinhos de super-heróis. A linguagem é atraente para muitos em qualquer faixa etária e isso facilita sua popularidade.

Quadrinhos é texto imagético em sequências, onde há relação entre leitor e a obra de arte. “O entrelaçamento entre o texto e a imagem é indivisível. Não existem quadrinhos sem texto. Existem quadrinhos mudos, sem balões, onomatopeias ou recordatórios, mas nunca sem texto” (BRANDÃO, 2017, p. 40). Entende-se texto como a narrativa, a história, mesmo que sem palavras.

E que relação é essa, entre leitor e obra de arte? Eisner (1985) utiliza o termo Arte Sequencial, como “[...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 1985, p. 5) e mais adiante acrescenta: “A leitura de histórias em quadrinhos é um ato de percepção estética e esforço intelectual” (EISNER, 1985, p. 8), ou seja, requer do leitor uma interpretação visual e verbal.

MacCloud (1995) detalha mais sobre esse tema quando define história em quadrinhos: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no telespectador” (MACCLOUD, 1995, p. 9).

Ao analisar os conceitos de Eisner (1989) e MacCloud (1995), Brandão (2017) conclui que as histórias em quadrinhos podem ser consideradas mídia interativa, “na qual o leitor é corresponsável pelo andamento da narrativa” (BRANDÃO, 2017, p. 36). Eis a relação do leitor com a nona arte: ele sente e pensa ativamente a *leitura* dos quadrinhos.

Após esta reflexão sobre o que é história em quadrinhos, é o momento de conhecer os diversos formatos das histórias em quadrinhos.

2.1.1 Formatos de história em quadrinhos

Como vimos anteriormente, as histórias com ordenamento sequencial apareceram com muitos formatos no decorrer da história. Os quadrinhos como conhecemos hoje também são diversos, mesmo com elementos comuns entre si. Os formatos apresentados aqui são propostos por Brandão (p. 36, 2017):

A) Tira – Tiras ou tirinhas são quadrinhos de dois a cinco quadros sequenciais, geralmente com narrativas curtas e na horizontal, mas pode ser um capítulo de uma história maior e ser verticalizado. Também chamada de tirinha;

Figura 1 – Exemplo de tira



Fonte: CEDRAZ (2014, online)

B) Página dominical – A página dominical é publicação de quadrinhos de espaço de uma página em um jornal e chamada dominical, pois na maioria dos jornais, é publicada aos domingos;

C) Fanzine - Publicação independente, sem vínculo com as grandes editoras e feitas artesanalmente, às vezes fotocopiadas e distribuídas gratuitamente ou com preço de custo. Fanzine é a junção das palavras *fan* de *fanatic* e *zine* de *magazine*. Surgiu como publicações de fãs-clubes de ficção científica. Com total liberdade editorial, abrange qualquer tema e isso significa que nem todo fanzine é em quadrinhos ou sobre quadrinhos. Alguns autores desenham e outros colam gravuras ou fotos em seus fanzines.

Figura 2 – Modelo de Fanzine

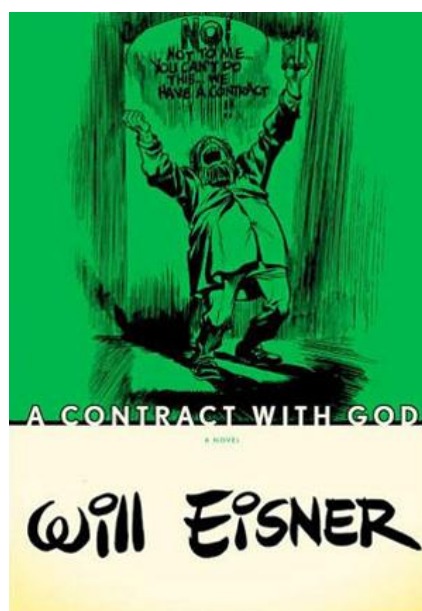


Fonte: REIS (2016, online)

D) Revista em quadrinhos – As revistas em quadrinhos são as revistas de banca. De diversos tamanhos (as mais comuns são formatinho [13x21cm], *comic book* [17x26cm] e magazine [20x26, -5 cm]) e tipos (super-heróis, humor, infantil etc.). São populares principalmente com o público infanto juvenil.

E) Álbum ou novela gráfica (Graphic Novel) – As *Graphic Novels* geralmente são quadrinhos com linguagem mais elaborada e requintada para um público juvenil-adulto em formato de livro, com muito mais páginas do que as revistas em quadrinhos.

Figura 3 - A Contract With God (1978) de Will Eisner²⁵



Fonte: EISNER (online)

F) Mangá – Mangá são os quadrinhos japoneses e seus traços marcantes (olhos grandes e expressivos, anatomia cartunizada etc) e leitura da direita para a esquerda.

G) Fotonovela – As fotonovelas são histórias em quadrinhos construídas com fotografias, geralmente novelas. Na década de 70, as fotonovelas fizeram sucesso com atores fotografados para dar vida à novela, com romances e conflitos

²⁵ O contrato com Deus “revolucionou o meio de quadrinhos com sua publicação no final dos anos 70 e é frequentemente referido como o primeiro romance gráfico moderno, um termo que Eisner ajudou a popularizar.” <http://www.willeisner.com/library/a-contract-with-god.html>

sentimentais. Atualmente, o termo é aplicado a qualquer tipo de história com fotografias sequenciadas.

H) Webcomics – *Webcomics* nada mais é do que o formato digital de quadrinhos, aqueles publicados na internet, que se populariza cada vez mais.

I) Cartum e charge. Há também **cartum** e **charge** que utilizam a linguagem dos quadrinhos em uma única imagem. Podem ou não conter palavras. Muito utilizada em jornais, a charge tem o objetivo de satirizar uma notícia, um acontecimento atual. Muito utilizado em provas. O cartum é semelhante a charge, mas possui um caráter mais universal e atemporal. O cartum é uma anedota gráfica que faz rir, mas também pensar e incomodar.

Conhecer esses formatos é importante para o leitor professor, pois pode fazer adequações em sua aula. Há muitos adolescentes que são leitores de mangás e quando o professor conhece esse formato pode aproveitar a apreciação dos adolescentes por eles. Com muita criatividade, todos esses formatos podem ser aplicados em sala de aula com conhecimento dos elementos da linguagem dos quadrinhos, que é veremos a seguir.

2.1.2 A Linguagem das Histórias em Quadrinhos

A linguagem das histórias em quadrinhos é o conjunto de elementos gráficos e recursos visuais e de escrita que compõe os quadrinhos. Conhecê-las amplia a visão do educador diante de seu método com quadrinhos. A descrição dessa linguagem foi baseada em Vasconcelos (2016), Eisner (2005), Vergueiro (2004b) e Ponzio (2017).

A) Roteiro – O roteiro descreve detalhadamente as ações, pensamentos, sentimentos e ambiente no qual os personagens estarão inseridos. As características físicas e psicológicas dos personagens são detalhadas no roteiro. É o roteiro que desenvolve toda a trama (VASCONCELLOS, 2016, p. 80).

B) Narração – Narração é contar uma história e, no caso dos quadrinhos, com imagens e palavras de modo sequencial. Quadrinhos são narrativas gráficas, que é “uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias” (EISNER, 2005, p.10).

C) Diagramação - É a organização de imagem e texto e dos outros elementos gráficos. Em nome da melhor compreensão e do prazer estético da narrativa, o artista de quadrinhos pergunta: como e onde devem ficar o personagem, os balões de fala, a paisagem, a onomatopeia e tudo que favorece?

D) Linguagem visual (icônica) - As imagens dos quadrinhos se apresentam como sequência de quadros narrativos para transmitir ao leitor uma mensagem ficcional ou baseada na realidade. Uma das formas de apresentar as imagens é o desenho, que tem diversas possibilidades de técnicas para serem utilizadas (naturalista, caricatura, cartunesca, entre outras). O mesmo acontece com fotografias e colagens.

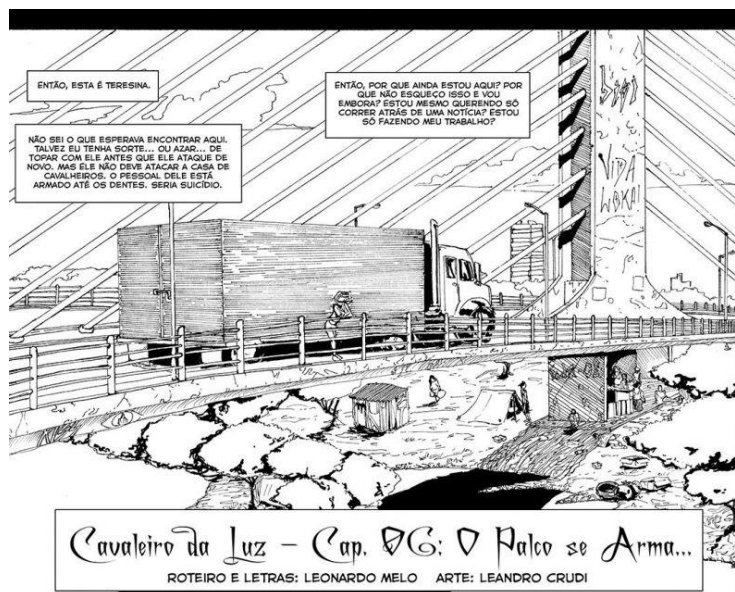
No ocidente, a sucessão da sequência de quadrinhos vai ser organizada no sentido de leitura do texto escrito, da esquerda para a direita e no oriente, da direita para a esquerda (VERGUEIRO, 2004b, p. 32).

E) Quadrinho ou vinheta e o requadro - A linguagem icônica tem no quadrinho ou vinheta sua menor unidade narrativa. A vinheta são os diferentes instantes representados nas ilustrações. O requadro são as linhas que emolduram os quadrinhos ou vinhetas e tem a função de dar sentido e movimento à história, por isso sua forma, tamanho e disposição que influenciam no movimento, velocidade e até a leitura da narrativa quadrinística. (VASCONCELLOS, 2016, p. 84).

F) Planos e Ângulos de Visão - Planos ou enquadramentos semelhantes à fotografia e ao cinema, limitados na altura e na largura, posicionam a distância das imagens dentro do quadro, para uma boa narrativa.

I - Plano Geral ou panorâmico - O plano geral ou panorâmico coloca o leitor longe da cena. É utilizado principalmente para ambientar a história, para o leitor se situar na cena que está começando (PONZO, 2019, p. 8).

Figura 4 – Exemplo de Plano Geral ou Panorâmico



Fonte: Melo, Crudi (2017 online)

II - Plano Total - O plano total mostra os personagens de corpo inteiro, envoltos por seu ambiente imediato. Utilizado para aproximar o leitor e mostrar o raio de ação dos personagens (PONZO, 2019, p. 8).

Figura 5 – Exemplo de Plano Total



Fonte: Sousa (2020, on-line)

III - Plano Americano - Mostra o personagem dos joelhos para cima, muito utilizado nos quadrinhos americanos. Plano para diálogo e cenas de ação (PONZO, 2019, p. 9).

Figura 6 – Exemplo de Plano Americano



Fonte: Moore, Lloyd (2006)

IV - Plano Médio ou Aproximado – O plano médio ou aproximado representa o personagem da cintura para cima. Muito utilizado em diálogos (VERGUEIRO, 2004b, p. 40).

Figura 7 – Exemplo de Plano Médio ou Aproximado



Fonte: Ziraldo (2019, on line)

V - Primeiro plano – O primeiro plano limita o enquadramento à altura dos ombros da figura representada, salientando a expressão do personagem e seu estado emocional (VERGUEIRO, 2004b, p. 42).

VI - Plano de Detalhe e Close - Como os nomes indicam, o plano de detalhe mostra um detalhe bem de perto, evidenciando uma cena relevante para a história. O close é utilizado para dar um close na expressão facial do personagem dando um enfoque à emoção e/ou a sua fala (PONZO, 2019, p. 9).

Figura 8 – Exemplo de Primeiro Plano (1º quadrinho na parte inferior à esquerda) e close (2º quadrinho e close nos olhos dos personagens)



Fonte: BENDIS (p.4, 2018)

VII - Ângulo de visão médio – A cena à altura dos olhos do leitor, geralmente utilizadas em cenas de ação mais lenta, é o ângulo de visão médio (VERGUEIRO, 2004b, p. 43).

VIII - Ângulo de visão superior (picado) – O ângulo de visão superior é a cena de cima para baixo (diminuindo o personagem), geralmente utilizada em cenas de suspense, como alguém visualizando uma pessoa de cima de um prédio (VERGUEIRO, 2004b, p. 44).

IX - Ângulo de visão inferior (contrapicado) – O ângulo da visão inferior é a cena vista de baixo para cima. Utilizado para salientar a figura do protagonista, como se fosse uma formiga vendo um ser humano (VERGUEIRO, 2004b, p. 44).

G) Balão – O balão é o elemento gráfico de formas variadas, principalmente formas arredondadas e ovais com rabicho, aquela extensão que direciona para quem está falando na história, onde cada formato faz referência à expressão oral do personagem. “O balão é intersecção entre imagem e palavra.”

(VERGUEIRO, 2004b, p. 56). E faz com que *ouçamos* o personagem falar em nossas cabeças.

A disposição dos balões nos quadros deve tornar a narrativa compreensiva: os balões da parte superior devem ser lidos antes dos da parte inferior. O balão que representa a fala inicial em uma conversa deve ser lido primeiro. Balões seguem, no ocidente, a sequência da esquerda para a direita, como em um texto (VERGUEIRO, 2004b p. 56).

A linha que delimita o balão é informativa e contribui para a narrativa dos quadrinhos. Existem diversos tipos. Vejamos os mais utilizados:

I - Balão de fala – Balão de fala é constituído por um traço contínuo, reto ou curvilíneo, com apêndice ou rabicho que aponta para a fala do personagem (VASCONCELLOS, 2016, p. 92), muito comum para diálogos simples sem expressão marcante.

II - Balão de pensamento – O balão de pensamento tem formato de nuvem, com contorno ondulado, com o rabicho na forma de pequenas bolhas que partem da cabeça do personagem (VASCONCELLOS, 2016, p. 92).

III - Balão de grito – O balão de grito tem as extremidades voltadas para fora, como uma explosão, sugerindo tom de voz elevado (VASCONCELLOS, 2016, p. 92).

IV - Balão de cochicho – O balão de cochicho é composto por linhas pontilhadas, demonstrando sussurro ou uma fala muito baixa (VASCONCELLOS, 2016, p. 92).

V – Outros balões – Na figura abaixo há modelos de balões autoexplicativos já descritos aqui e outros de modo.

Figura 9 – Mais balões:



Fonte: Kawai (2018 on line)

H) Recordatório e legenda – O Recordatório são caixas de texto, geralmente retangulares, que ajudam a narrar a história. O texto do recordatório pode ser escrito em terceira pessoa, como uma narração impessoal, ou em primeira pessoa como se fosse a memória ou o pensamento em tempo real de um personagem (PONZO, 2019, p.15). No recordatório está o que não aparece na imagem.

A legenda é a fala onisciente do narrador da história que situa o leitor no tempo e espaço, indicando mudança de uma situação, dia, local e de sentimentos e percepções dos personagens (VERGUEIRO, 2014b, p. 62). Frases como “no dia seguinte”, “ao chegar ao local” ou “ela chorou a noite inteira” são exemplos dessa legenda.

Figura 10 – Exemplo de balões de fala, em praticamente todos quadrinhos, grito no 1º e 2º quadrinhos e legenda (retângulo na parte inferior da página)



Fonte: Moore, Bissette (p.115, 2007)

I) Onomatopeias

Representação do som por meio de signos convencionais da escrita alfabética que varia de acordo com a cultura e sua língua (VERGUEIRO, 2014b, p. 62).

Figura 11 – Exemplos de Onomatopeia



Fonte: Henfil (2019, online)

J) Sinais gráficos, metáforas visuais e linhas cinéticas

São elementos que dão *vida* às cenas dos quadrinhos.

Sinais gráficos são sinais que contribuem para clarear a expressão do personagem. Exemplos de sinais gráficos são quando aparecem estrelas no pé do personagem que acabou de levar um tropeção ou lágrimas que saem dos olhos de alguém chorando.

Metáforas visuais são signos ou convenções gráficas que têm relação direta ou indireta com relações do senso comum (VERGUEIRO, 2014b, p. 54).

Linhas cinéticas são linhas (artifícios) que dão à imagem a ideia de movimento e velocidade para o leitor (VERGUEIRO, 2014b, p. 54).

Figura 12 – No 2º quadrinho os corações são exemplos de metáfora visual, demonstrando o sentimento da personagem. No 3º quadrinho há linhas cinéticas, que dão a ideia de queda da personagem Susanita e o movimento da cabeça de Mafalda



Fonte: Quino (1996, p.62)

É possível encontrar mais elementos da linguagem e variações dos apresentados aqui. As referências utilizadas nesta subseção e as leituras de quadrinhos podem auxiliar os que desejam se aprofundar nesta linguagem, para aplicar quadrinhos em sala de aula e aproveitar o máximo de sua potencialidade didática.

3 COMO ENSINAR ECOFILOSOFIA?

Perguntar pelo *como*, é perguntar de que modo, que caminhos seguir para ensinar Ecofilosofia. A resposta dada aqui é um caminho coerente com a teoria apresentada no primeiro capítulo e que possibilita a experiência filosófica. Sim, a resposta é a dialética, presente principalmente no pensamento de Marx e que vai contribuir com a concepção metodológica dialética de ensino e das histórias em quadrinhos como método dialético.

3.1 DIALÉTICA COMO CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DE ENSINO DE FILOSOFIA

Todo ensino deveria ser baseado em uma concepção metodológica. O método de uma determinada aula, quando acompanhado de uma concepção metodológica tende a atingir os efeitos desejados de forma mais eficaz. Por quê?

Vejamos o conceito de concepção metodológica e sua diferença com método, proposto por Abdalla (2009c), principal autor a dar suporte nesse capítulo:

[...] podemos dizer que concepção metodológica relaciona-se aos fundamentos teóricos do conhecimento, enquanto o método refere-se ao processo concreto de transformação da concepção metodológica em prática educativa, com determinados conteúdos e em diferentes contextos (ABDALLA, 2009c, p. 25).

Fica evidente a diferença entre um e outro. Concepção metodológica diz respeito à questão “como se conhece algum conteúdo” e o método ao “Como fazer para que os alunos conheçam tal conteúdo” (ABDALLA, 2009c, p. 25 e 26).

A concepção metodológica vincula-se aos objetivos e a questão é refeita de acordo com eles. Nossa questão é “Como conhecer algo articulando o saber construído historicamente e a autonomia da consciência?” ou ainda: “Como aprender Filosofia (construída historicamente) e filosofar (como processo do pensamento autônomo e abstrato)?”

Esse objetivo, o de ensinar Filosofia com conteúdos historicamente construídos pelos filósofos e o de ensinar a pensar autonomamente, vai ao encontro da concepção metodológica dialética de Filosofia.

Abdalla (2009) considera a Filosofia como atividade de pensamento e de abstração, pois a considera aquela que busca os fundamentos do conhecimento e

da ação no plano abstrato. Não é possível filosofar no imediatismo, sem passar pela mediaticidade do pensar, da reflexão (ABDALLA, 2009c, p. 28).

Abstrair (do latim, *abstrahere*) significa tirar (*strahere*) de (*ab*) e toda abstração é retirada do mundo concreto e levada à inteligência/linguagem simbólica que deve retornar para o mundo concreto. Diante de um fenômeno social é possível viver sem se dar conta de sua concreticidade, perceber só a aparência desse fenômeno. Fazer uma abstração desse fenômeno significa distanciar-se das sensações do momento, elevar o pensamento, pesquisar e compreender por meio da economia, da história, da sociologia, da psicologia entre outras áreas do conhecimento e refletir sobre esse fenômeno. Investigar o fenômeno na gênese (história) e na profundidade, no sentido (lógica) (ABDALLA, 2009c). Ao retornar ao fenômeno, o modo de vê-lo terá mudado. Desse modo,

[...] a filosofia é uma forma de conhecimento que se dirige ao mundo, faz abstrações e retorna a esse mundo de uma maneira qualitativamente diferente da abordagem inicial (ABDALLA, 2009c p. 29).

Esse processo é basicamente a postura filosófica diante do conhecimento. A palavra dialética vem do grego: *dia* (por meio de), *logos* (dimensão racional e discursiva do mundo) e *techné* (a arte da prática). Assim, tem-se *dialektiké*, a arte de praticar o diálogo, daí a dialética.

O conceito de dialética abordada neste trabalho é dos filósofos contemporâneos Hegel e Marx. Abdalla (2009) considera a dialética um procedimento filosófico essencial que diferencia Filosofia da ciência (ABDALLA, 2009c, p. 29 a 30) e, em outro lugar, baseia-se em Hegel para confirmar sua ideia:

Sendo o mundo uma totalidade e resultado de um processo – e não um dado *em-sí*, isolado –, só pode ser verdadeiro o conhecimento que o apreenda em sua gênese e totalidade. O “entendimento” (*Verstand*) só apreende os entes em sua imediatidade e individualidade e, por isso, permanece na aparência exterior; somente a *razão* (*Vernunft*) dialética consegue apreender os objetos em sua verdade, ou seja, na unidade de suas determinações históricas e lógicas. A dialética para Hegel é precisamente isso: “a natureza própria do pensar”, que deve, “enquanto entendimento, enredar-se na negação de si mesmo, na contradição” (Hegel, p. 80, 1988) (ABDALLA, 2009a, p. 82).

Esse processo da dialética hegeliana, enquanto movimento do pensamento (filosófico) é descrita em três momentos:

1º – O mundo real é o ponto de partida do pensamento filosófico; 2º – O segundo momento é a negação (negar não é rejeitar, mas destruir sua aparência imediata²⁶) do mundo; 3º - Síntese da realidade com seus fundamentos abstratos. A realidade sai do plano imediato, passa pela negação, pela mediação da abstração e se torna realidade concreta (ABDALLA, 2009c, p.30 a 32).

Marx mantém a essência da dialética de Hegel em seu pensamento, mas a torna materialista, baseado na práxis humana:

O pensamento dialético, no contexto teórico marxiano, é o que realiza o movimento teórico-racional que, considerando as contradições e a superação (*Aufhebung*) da realidade histórica, reprocha o aparecer fenomênico do mundo e faz surgir a totalidade concreta. Voltado para as instituições da sociedade, esse pensamento *revela as raízes da exploração social e da produção material do mundo humano e apela para a necessidade da ação emancipatória do ser humano como sujeito coletivo* (ABDALLA, 2009^a, p. 90 a 91).

Já vimos no primeiro capítulo o método dialético pedagógico proposto por Saviani, (p.14 e 15) inspirado no Materialismo Histórico Dialético de Marx. A proposta de Saviani é similar à proposta por Abdalla (2009) que foca na dialética do conhecimento para propor uma concepção metodológica de ensino de Filosofia. A Filosofia pode contribuir para o serviço de transformação das relações de produção, conforme pensou Saviani (2008) para a educação, em sua especificidade, e favorecer a emancipação intelectual e conseqüentemente a prática social de educadores e educandos, compreendendo a concreticidade (síntese do real com o pensamento) do mundo por meio de uma metodologia adequada (ABDALLA, 2009c, p. 32).

A dialética de Hegel da maneira que foi apropriada por Marx contribui para uma concepção metodológica, que responde a questão inicial - como se conhece

²⁶ [...] “a *superação dialética* é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior. Isso parece obscuro, mas fica menos confuso se observamos o que acontece no trabalho: a matéria-prima é “negada” (quer dizer, é destruída em sua forma *natural*), mas ao mesmo tempo é “conservada” (quer dizer, é aproveitada) e assume uma forma nova, modificada, correspondente aos objetivos humanos (quer dizer, é “elevada” em seu valor). E o que se vê, por exemplo, no uso do trigo para o fabrico do pão: o trigo é triturado, transformado em pasta, porém não desaparece de todo, passa a fazer parte do pão, que vai ao forno e – depois de assado - se torna humanamente comestível” (KONDER, 2008 p. 25 e 26).

algum conteúdo ou ainda mais profundo, como o conhecimento se processa? -, que passa pelo triplo movimento:

1. Colocar os educandos em contato com a realidade vivida: o filósofo educador deve, de modo interdisciplinar, criar condições para que o educando tenha contato com a realidade vivida, por meio de diálogos, recursos audiovisuais, fontes de leitura, visitas de campo etc. Além disso, deve estimular o interesse pela investigação, variar nas fontes de informação, identificar a realidade mais próxima do aluno e apreender os dados de maneira crítica (de onde provém as informações, que interesses tem sua fonte) (ABDALLA, 2009c, p. 33).

2. Buscar, de maneira crítica, os fundamentos dessa realidade vivida: a filosofia abstrai a realidade, buscando seus fundamentos. Recursos que devem ser levados em consideração: a capacidade de abstração do filósofo-educador e do educando, os textos filosóficos (clássicos ou contemporâneos) e textos da cultura popular ou erudita (literatura, poesia, música etc.) e das ciências. A filosofia conecta e estrutura a realidade fragmentada e imediata, utilizando das ciências e outros saberes para exercer a abstração e perguntar sobre os vínculos das diferentes dimensões da realidade (ABDALLA, 2009c, p. 35).

3. Reconstruir a compreensão do real, substituindo o entendimento imediato, fragmentado e ingênuo da realidade por uma compreensão concreta, caracterizada pela conquista de autonomia de pensamento (sempre relativa) e por uma dimensão emancipatória: este retorno à realidade, ao mundo reconstruído racionalmente pode e deve levar à emancipação intelectual, que por sua vez leva a mudanças a nível ético, político e subjetivo, mudanças que intervêm em sua prática social (ABDALLA, 2009c, p. 39).

A partir dessa exposição da concepção metodológica do ensino de filosofia, analisemos as histórias em quadrinhos como método dialético.

3.2 A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO MÉTODO DIALÉTICO

Abdalla (2009) traz algumas reflexões sobre concepção metodológica e método que se tornam importantes expor antes da descrição dos quadrinhos como método dialético:

1 – O método deve se efetivar e se guiar pelos princípios da concepção metodológica. Entre os dois deve existir a mesma relação que existe entre teoria e prática, fundamento e processo, intenção e fala (ABDALLA, 2009c, p. 27).

2 – O fato de estarem intimamente ligadas não faz dessa relação um passo a passo, um padrão onde os três elementos da dialética aparecem ordenados em sequência, pois é possível uma sequência didática onde há interpenetração dos elementos da dialética que aparecem em vários momentos da sequência didática e, além disso, a prática docente sofre variações dentro de determinado contexto, por diversos fatores como: mudanças geográficas, grau de interação da turma, acesso ou problemas técnicos em recursos tecnológicos de ensino, a habilidade do educador, a interação com professores de outras disciplinas, contexto socioeconômico e cultural dos alunos, tempo disponível, entre outros fatores (ABDALLA, 2009c, p. 42). O planejamento do método pode não ocorrer conforme previsto, mas é preciso planejar e organizar o método prevendo os desvios eventuais. A concepção metodológica pode ser universalizada, o método não (ABDALLA, 2009c, p. 43), pois fica submetido à criatividade e à habilidade do filosofo-educador de se adaptar a sua realidade.

3 – “O método [...] não é um “meio” para se transmitir conteúdos, mas um elemento que compõe a totalidade que se designa por *ensino*” (ABDALLA, 2009c, p. 45). Toda prática docente é um elemento do currículo, pois currículo é práxis. Neste sentido, é importante a elaboração do método baseado em uma concepção metodológica e fugir dos “espontaneísmos” de sala de aula, pois o educador torna-se consciente que o método educativo pode transmitir valores e concepções que podem ser contraditórios ou mesmo atrapalhar o alcance dos objetivos propostos, como a emancipação.

4 – Levar em consideração os múltiplos aspectos da inteligência humana, integrando vivência, emoções, valores, sociabilidade e prática da solidariedade na elaboração de métodos e utilização de recursos e evitar apenas o aspecto instrucional (mera fixação de conteúdos) e a hipervalorização da dimensão lógica, discursiva e racional do ensino de filosofia. A ideia é manter a filosofia como conhecimento racional rigoroso, mas que passa pela afetividade, sociabilidade, a capacidade estética presente em muitos educandos. Tudo isso também deve estar presente na avaliação de filosofia (ABDALLA, 2009c, p. 45).

Essas reflexões estão presentes na elaboração do método de ensino de Ecofilosofia.

O método escolhido é com quadrinhos. Santos e Neto (2009) constataam que as histórias em quadrinhos podem ser expressão filosófica, pois:

A força argumentativa estará profundamente entranhada na narrativa e em seus vários movimentos, ou então nas imagens, que por si mesmos, descrevem situações e posições. Por certo, isso exigirá do leitor outro tipo de leitura [...] (SANTOS, NETO, 2015, p. 21).

Esse tipo de leitura é encontrado em uma boa história, conforme Cirne (1971):

Para nós, o que seria uma “boa” estória [sic] em quadrinhos? Uma história que trouxesse informações novas no campo geral da linguagem; uma estória que soubesse relacionar dialeticamente imagem e texto; uma estória que refletisse as preocupações básicas de uma dada sociedade; uma estória que desencadeasse todo um processo criativo (CIRNE, p. 51, 1971).

É este tipo de história que a filosofia se utiliza para pensar e possibilitar o pensamento: lendo e construindo esta narrativa.

A introdução sobre a linguagem dos quadrinhos do capítulo dois leva a pensar em variadas formas de ensinar com quadrinhos. O método escolhido para este trabalho é o de tomar como base uma história em quadrinhos sobre Ecofilosofia, discutir sobre ela e criar sua própria história em quadrinhos. Eis o processo:

1- VER A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

2 - LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE ECOFILOSOFIA

3 - OFICINA PARA APRENDER A FAZER HISTÓRIA EM QUADRINHOS

4 - CRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PELOS ALUNOS

5 - EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES

A concepção metodológica dialética se vincula a esse método por manter os elementos do movimento dialético, por ser currículo e por atender diversas inteligências.

Para exemplificar, a oficina para aprender a fazer História em Quadrinhos não é só técnica, um saber fazer, mas é também conhecer uma linguagem, um exercício de lógica, noção de geometria e criatividade (múltiplas inteligências). É

parte do processo de abstração da realidade, mas que se interpenetra com a realidade vivida quando os alunos pensam na história a ser criada, baseada no que vivem e com a realidade concreta, pois ao assimilar o saber fazer quadrinhos possibilita-se uma linguagem nova para muitos e, junto disso, uma nova visão de mundo. Tudo isso é práxis, tudo isso é currículo.

No relato de experiência haverá mais demonstrações da articulação entre concepção metodológica e método dialético.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ECOFILOSOFIA

Este é o momento de relatar a experiência de aplicação das histórias em quadrinhos como método dialético. Em um primeiro momento descreveremos o contexto do espaço e tempo onde ocorreu a experiência. Em seguida será o relato de experiência com análise das produções de quadrinhos pelos alunos e seus resultados e a avaliação do processo.

4.1 DESCRIÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR DA EMEF PROFESSOR CERQUEIRA LIMA E DAS PRÁTICAS DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS EM CARIACICA

A Emef - Escola Municipal de Ensino Fundamental - Professor Cerqueira Lima localiza-se no bairro Jardim América, no município de Cariacica – Espírito Santo - ES. O município faz parte da região metropolitana da Grande Vitória e o bairro, existente desde a década de 30, faz divisa com os municípios de Vitória e Vila Velha e a BR 262. O bairro conta com diversos empreendimentos comerciais e industriais e a maioria dos moradores é de classe média.

A escola foi criada em 1950, pelo Decreto nº 384, em 15/07/1950 e foi a primeira escola estadual do bairro. Em 1952, passa a funcionar em sede própria, na Av. Brasil, s/n com o nome de Unidade Escolar “Professor Cerqueira Lima”. Em 24/08/1976 foi autorizada a fazer parte do Complexo Escolar de Jardim América, que foi extinto em 1979. A escola passou a se denominar “Professor Cerqueira Lima” por meio do decreto de 1º de setembro de 1950, homenageando o médico Henrique Alves Cerqueira Lima²⁷. Assim, inicialmente, a escola chamava-se Grupo Escolar “Dr. Henrique Alves Cerqueira Lima” e, atualmente, depois do processo de municipalização, em 2006, a escola passou a se denominar Escola Municipal de Ensino fundamental (Emef) “Professor Cerqueira Lima” (PPP, 2015 p. 4).

²⁷ Dr. Henrique Alves de Cerqueira Lima, formado em medicina, nasceu na Bahia no dia 02/09/1850 e veio para o Espírito Santo, onde desempenhou funções relevantes como: Deputado, Vice – governador do Estado, primeiro diretor da Escola Normal e do Ginásio Espírito Santense (hoje Colégio Estadual), professor de vários estabelecimentos, inclusive do Ateneu. Foi médico da Polícia, do exército e da Prefeitura Municipal de Vitória, foi vereador e presidente da Câmara, diretor do Arquivo Público e da Biblioteca Pública Estadual. Disponível em <http://emefcerqueiralima.blogspot.com/> acesso em 01/03/2020

Boa parte dos alunos vem de outros bairros: Cobi de Baixo, Cobi de Cima, Nova América do município de Vila Velha e de Vasco da Gama, Itaquari, Vera Cruz, Boa Sorte, Bela Aurora, Vista Mar, Sotelândia, Castelo Branco, Rio Marinho, Caçaroca e outros bairros de Cariacica e são alunos de classe média e baixa. A faixa etária média é de alunos de 11 aos 14 anos, mas há os alunos mais velhos, chegando até 17 anos.

Os alunos desse processo de ensino/aprendizagem e pesquisa são dos sextos anos das turmas “D” e “E” do turno vespertino, em torno de 30 alunos cada turma. Há situações de indisciplina e de desempenho intelectual deficiente da maioria em 2019, segundo o conselho de classe. Nessas turmas há , assim como em outras turmas, alunos com mais de doze anos.

No município de Cariacica, desde 2006, existem as Práticas de Filosofia e Ciências Sociais no Ensino Fundamental, prática pedagógica regulamentada pela Lei 4.505, de 14 de agosto de 2007²⁸ e, mais tarde em 12 de agosto de 2016, a Prefeitura Municipal de Cariacica²⁹ publicou a Resolução do Conselho Municipal de Educação com as normas e orientações para a inserção dos saberes da Filosofia e das Ciências Sociais na organização curricular da Rede Pública de Ensino.

As Práticas de Filosofia e Ciências Sociais de Cariacica não são inseridas na grade curricular e ocupam espaço-tempo escolar de modo diferente das demais disciplinas, entretanto fazem parte do currículo, que de modo interdisciplinar, transdisciplinar e transversal³⁰, criam sua práxis educativa por meio de projetos/processos.

²⁸ Disponível em <http://www3.camaracariacica.es.gov.br/legislacao/norma.aspx?id=2537&temas=77> acesso em 20/02/2020

²⁹ Resolução COMEC - Conselho Municipal de Educação de Cariacica 001/2016 Disponível em <https://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2016/08/DIARIO-OFICIAL-MUNICIPAL-11-08-2016-MLMC-1855assinado.pdf> acesso em 20/02/2020

³⁰ “Entendemos o conceito de transversalidade como aquilo que corta, que permite atravessar uma relação e, nesse sentido, uma ferramenta apropriada para o fazer pedagógico do professor mediador. O conceito de transversalidade recusa a noção de hierarquia, pois esta se constitui de relações de exploração em que cabe a concepção de sujeito e objeto. Recusa também a concepção de fundamento: as coisas não podem ser entendidas como essenciais e acabadas, mas sob o aspecto da criatividade e do diálogo, pois nesta perspectiva as relações são mútuas e múltiplas” Cariacica. Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica-ES — Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano). Cariacica, 2012. p.108 Disponível em <https://www.cariacica.es.gov.br/wp->

Tanto o Documento de Consolidação de Filosofia e Ciências Sociais (CARIACICA, 2009, p. 36) quanto as Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica (CARIACICA, p. 109, 2012) confirmam que em Cariacica Filosofia e Ciências Sociais têm como princípio metodológico para a produção de conhecimento a dialética, que acontece da seguinte forma:

O método dialético permite procedimentos dinâmicos partindo sempre de um problema surgido na própria realidade escolar. Desse modo a metodologia aqui proposta será desenvolvida por meio de projetos e/ou processos que devem ter como estrutura básica três etapas:

A problematização

O desenvolvimento

A síntese/conclusão (CARIACICA, 2012, p.110).

Apesar de a estrutura ser diferente, a mesma condiz com a proposta de ensino e aprendizagem de Saviani (2012) e nossa proposta de ensino de Ecofilosofia, pois mantém a essência do movimento dialético.

Para o desenvolvimento deste processo de ensino e aprendizagem, houve parceria com o professor de ciências José Aarão Brito Magnan Neto que desenvolvia o conteúdo de questões ambientais com as turmas de sexto ano e as atividades aconteceram no horário de suas aulas com duas turmas em outubro e novembro de 2019.

Esse foi o contexto de nossa intervenção.

4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ENSINO DE ECOFILOSOFIA PELAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

A proposta desta experiência de aprendizagem e de ensino de Ecofilosofia liga-se de modo sistêmico à totalidade desta dissertação. A base teórica da Ecofilosofia apresentada no capítulo um está presente, com linguagem lúdica, na história em quadrinhos desse processo e nos diálogos com os estudantes, ou seja, a crítica ao sistema econômico, a cooperação, o cuidado com a Terra, as quatro ecologias e a noção de teia de relações. A necessidade de aprender/ensinar Ecofilosofia foi constatada nessa experiência, ao ver a percepção dos alunos no primeiro momento, conforme veremos adiante.

Todo planejamento desse processo de ensino/aprendizagem é baseado na concepção metodológica dialética. A dialética ultrapassa o planejamento cronológico com passo a passo, pois os momentos – contato com a realidade, a abstração dessa realidade e o retorno à realidade concreta, com um novo olhar sobre a mesma – se interpenetram e aparecem em cada etapa do processo de ensino/aprendizagem.

O método é a história em quadrinhos e está baseado na concepção metodológica dialética. A proposta desse método é apresentar a realidade socioambiental e abstraí-la por meio da leitura ativa de uma narrativa com palavras e imagens e mediada pela orientação do professor para perceber a realidade socioambiental de um modo diferente, um modo consciente e crítico dessa realidade.

O objetivo principal dessa intervenção pedagógica é passar de um nível de conhecimento para outro nível e, nesse caso, significa sair da ideia simplória de soluções individuais e pensar em outras soluções de nível global e crítico. Se houver mudança de nível, o objetivo foi alcançado.

Relatamos as experiências das aulas/processo em cada etapa:

Tabela 2 – Problemática ambiental

1– VER A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL
OBJETIVO
Favorecer a constatação da problemática da realidade socioambiental.
DESENVOLVIMENTO
A - Roda de conversa inicial, com apresentação da proposta da pesquisa e a temática a ser trabalhada ouvindo o que os alunos têm a dizer da questão ambiental.
B – Roda de conversa sobre os vídeos “Man” e “A história das coisas”. Perguntas para os alunos sobre o que veem, se aquelas imagens estão presentes em seu bairro, que sensações causam o lixo na rua, o esgoto a céu aberto, a poluição do ar etc.
AVALIAÇÃO

Observação e registro escrito da fala dos alunos.

Já conhecia as turmas e foram desnecessárias as apresentações, só enfatizei que era estudante da UFES e que essas aulas seriam para pesquisa do mestrado. Orientei e entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seus pais pudessem assinar. Em seguida, falei da temática de nossas aulas e o professor José Aarão ajudou lembrando às turmas do conteúdo sobre meio ambiente, realizado meses antes. Pedi aos alunos para falarem dos problemas socioambientais de seu bairro e, após um momento de insistência, pois muitos estavam tímidos, alguns falaram:

Lá em Padre Gabriel tem muito lixo na rua!

Lá perto de casa também!

Colocaram fogo na mata perto de casa.

Professor, o rio é tão sujo que virou um valão.

Tem gente que joga lixo na rua.

Essas falas demonstram o que os estudantes percebem a respeito da situação próxima deles, que lhes aparece como fenômeno. Após a conversa houve a exibição de dois vídeos: “Man” de Steve Cutts (2012)³¹ e “A história das coisas” de Annie Leonard (2007)³². Na turma do sexto ano D consegui fazer tudo em uma aula, diferente do sexto ano E que dispersou muito com conversas no momento dos vídeos. Mesmo assim, foi possível realizar em ambas as turmas uma conversa sobre os mesmos.

³¹ “Man” é uma animação produzida pelo inglês Steve Cutts e mostra como muitos animais são brutalmente abatidos para o benefício do mercado da moda, da gastronomia, da decoração ou simplesmente pelo prazer da caça quando, por exemplo, um dos personagens de “Man” exhibe cabeças de ursos como troféus. O curta mostra também a poluição do ar, da água e da terra provocada pelo homem. É uma clara constatação de que o ser humano é o responsável pela crise ambiental.

³² “A história das coisas” é um documentário com a apresentação e texto de Anne Leonard e animações que ilustram de modo didático como “as coisas” são produzidas passando pela extração, produção, distribuição, consumo e descarte e quais e quanto de impacto são causados pelo superconsumismo.

Comentei que “Man” mostra que o homem é o principal causador dos problemas ambientais. Perguntei aos alunos qual cena chamou mais a sua atenção e as respostas foram:

Gostei da parte final, com os ETs!

Por quê? Perguntei para a aluna.

Por que o homem foi castigado e ele mereceu!

Logo em seguida, um aluno dispara:

A cena da montanha de lixo, onde o homem fica sozinho.

Por quê? Perguntei novamente.

Por que é isso que vai acontecer com a gente.

Não gostei quando ele matou as cobras para fazer botas”, disse outro estudante.

Depois de perguntar se mais alguém queria falar, mais um adolescente se manifesta: “Eu já tinha visto esse vídeo e entendi que o homem é um monstro”.

Sobre o vídeo “A história das coisas”, preferi ir parando e comentando determinados pontos para não “entediá” e para ajudar nos conceitos mais elaborados. Destaco algumas falas dos alunos sobre o entendimento desse vídeo:

Acho que entendi. Para ter as coisas a gente desmata, a gente destrói...

Noossa!! Quanto lixo a gente produz!

Professor, tudo o que a gente compra produz lixo!!!

Por que a gente compra tanta coisa?

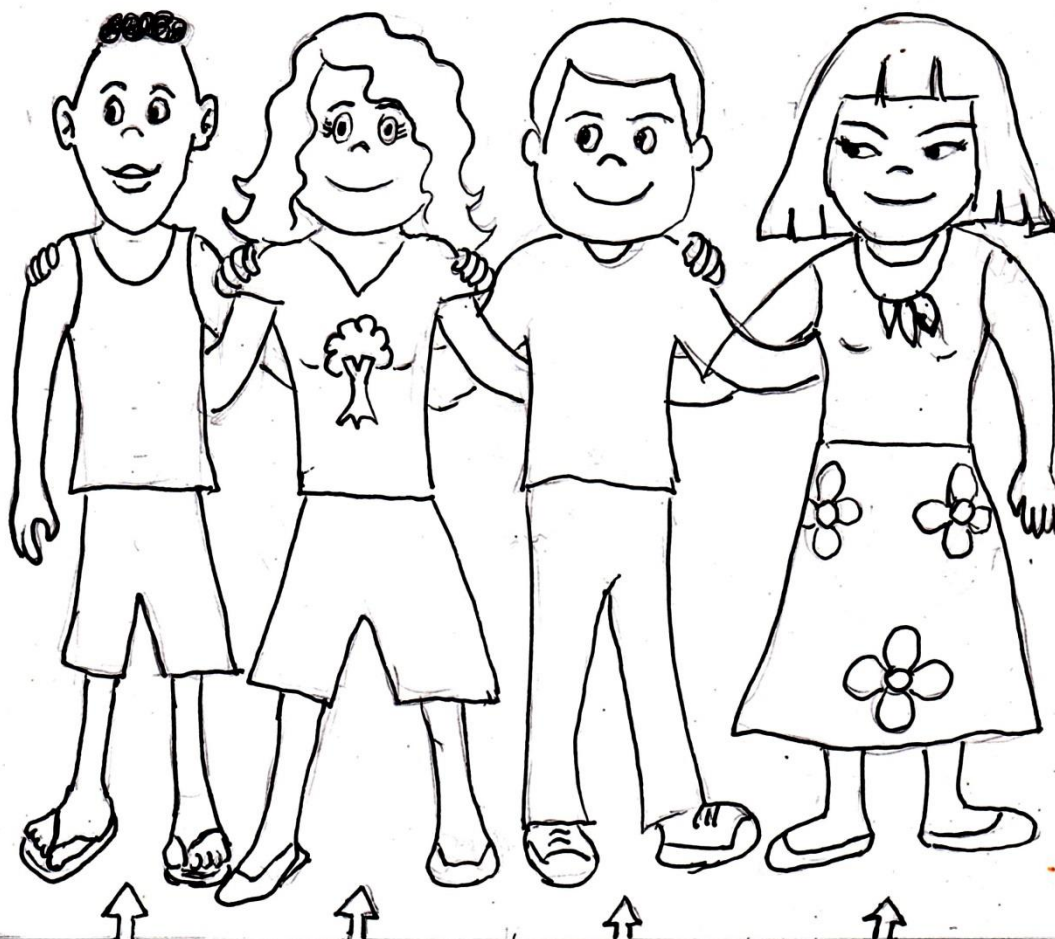
Perguntei sobre possíveis soluções para os problemas apresentados - principalmente o lixo - e a maioria dos alunos falava sobre soluções individuais: não devemos jogar lixo na rua, devemos separar o lixo em casa ou as soluções genéricas como não poluir, não fazer queimadas, preservar as matas e outros. Constatamos que a visão de senso comum prevalece entre os alunos. Falei brevemente sobre a necessidade de pensar nas grandes empresas e na economia. E assim concluímos essa primeira etapa.

Tabela 3 - Leitura de História em Quadrinhos de Ecofilosofia

2 – LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE ECOFILOSOFIA
OBJETIVO
Ler a história em quadrinhos sobre Ecofilosofia para fomentar um pensamento diferente sobre a problemática vislumbrada no primeiro momento.
DESENVOLVIMENTO
A história em quadrinhos é uma produção do autor deste trabalho e tem como conteúdo a problemática ambiental, os autores de Ecofilosofia presentes nesta obra e propostas de solução, com linguagem lúdica e apropriada para a faixa etária de 11 a 12 anos.
A- Com exemplares da revista em quadrinhos sobre Ecofilosofia, o pesquisador e os alunos leram juntos, alternando o leitor na sala de aula.
B- Após a leitura, iniciou-se a busca por saber as diferentes compreensões (ou não) dos quadrinhos lidos.
AValiação
Observação do momento sobre a leitura e compreensão do texto e registro do mesmo.

A seguir a história em quadrinhos (em formato fanzine) sobre Ecofilosofia lida em sala de aula.

ECOFILOSOFIA



ENKI, CONHECIDO
COMO KIKI, 11 ANOS
ADORA TECNOLOGIA,
JOGOS E É
APAIXONADO PELA
NATUREZA.

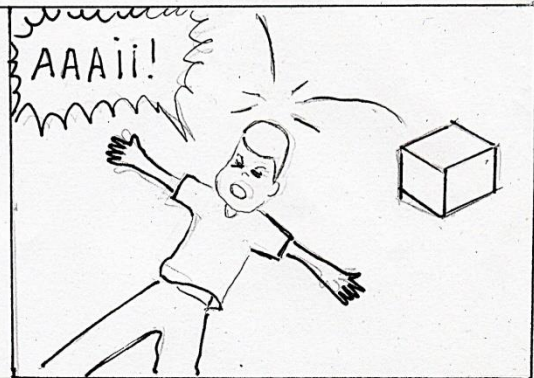
SOFIA, 12 ANOS
APELIDADA DE
SOSÓ, TEM ESPÍRITO
DE LIDERANÇA
E É APAIXONADA
PELA NATUREZA.

ADÃO, 12 ANOS
INGÊNUO, ATAPALHA-
DO, ESTUDIOSO E
APAIXONADO PELA
NATUREZA.

YACI, 11 ANOS,
FIEL AS TRADIÇÕES
DE SUA TRIBO,
APRENDEU DESDE
CEDO A SER
APAIXONADA PELA
NATUREZA.

ROTEIRO E DESENHOS - SANDRO LUIZ MODESTO
ORIENTAÇÃO - MAURICID ABDALLA
PROF FILO - MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

OS APAIXONADOS PELA NATUREZA, VÃO FAZER SUA PESQUISA ESCOLAR SOBRE LIXO



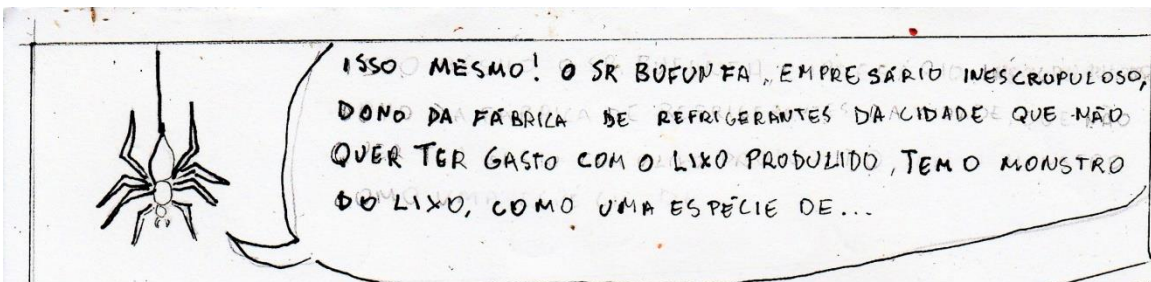
SE QUISEREM SABER MAIS SOBRE O LIXO E TERMINAR A PESQUISA DE VOCÊS, VENHAM ATE O CASARÃO ABANDONADO DA RUA DE CIMA. MAS SÓ VENHAM SE AESTIVEREM DISPOSTOS A COOPERAR COM UM MUNDO MAIS LIMPO!



MESMO COM MEDO, O QUARTETO ENTRA NO CASARÃO, QUE ESTÁ TODO A TODO EMPDEIRADO, QUEBRADO, COM TEIAS DE ARANHA E MUITO ESCURO...







ISSO MESMO! O SR BUFUNFA, EMPRESÁRIO INESCROPULOSO, DONO DA FABRICA DE REFRIGERANTES DA CIDADE QUE NÃO QUER TER GASTO COM O LIXO PRODULIDO, TEM O MONSTRO DO LIXO, COMO UMA ESPÉCIE DE...



... GUARDA COSTAS!



-GULPI!

VOCÊS DEVEM BUSCAR UMA FORMA DE FAZER O SR. BUFUNFA, CUIDAR DO LIXO DE SUA EMPRESA.



E SABEM COMO RESOLVER ISSO?

NÃO.



ABRINDO O LIVRO DE SOLUÇÕES!



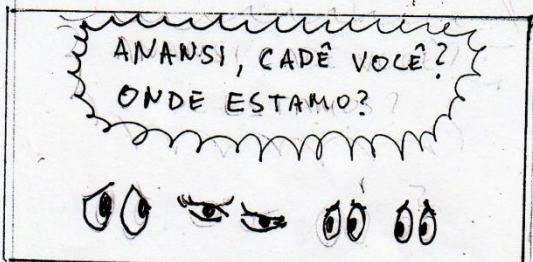
ENTÃO NOS DÊ O LIVRO!

VOCÊS TERÃO QUE JOGAR PARA CONQUISTÁ-LO!

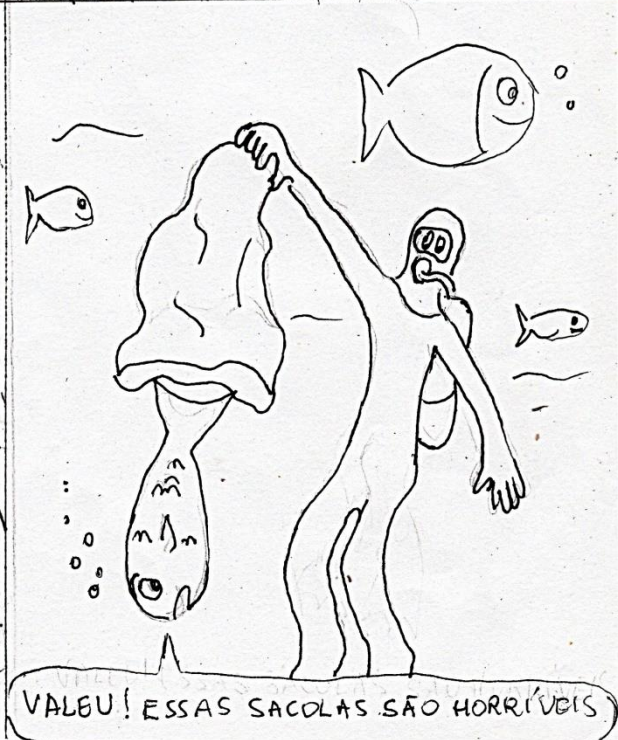
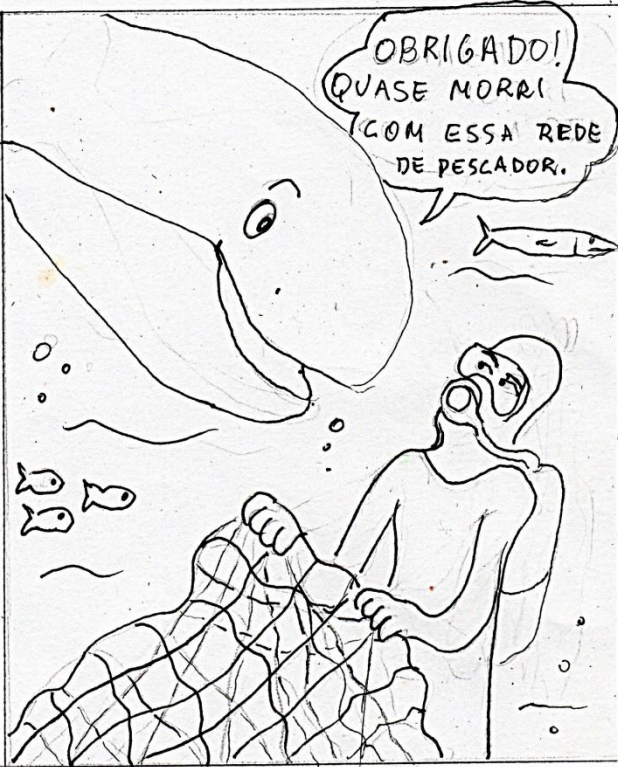


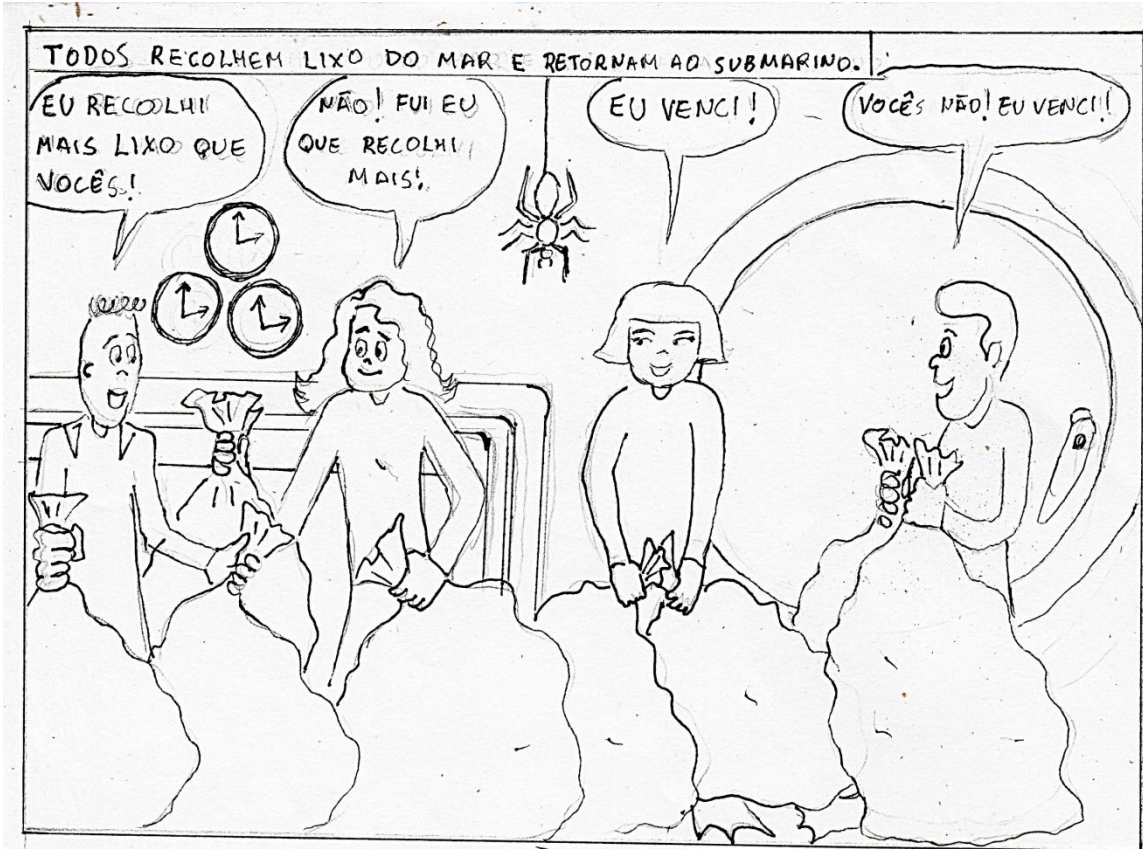
HA?! COMO ASSIM?!

SIGAM+ME



IMEDIATAMENTE O JOGO COMEÇA E CADA UM SE EMPENHA EM SUA MISSÃO.





MAIS DO QUE AJUDAR OS OUTROS
A COOPERAÇÃO DEVE SE TORNAR
A BASE PARA A NOSSA RELAÇÃO
COM A NATUREZA E PARA
AS RELAÇÕES HUMANAS.

E O LIVRO DAS
SOLUÇÕES?

COMO
ESSA ROUPA
DE MERGULHO
ESTAVA ME
INCOMODANDO!

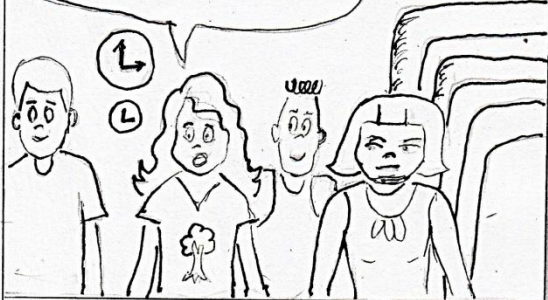
LIVRO
DAS
SOLUÇÕES

LIVRO
DAS
SOLUÇÕES

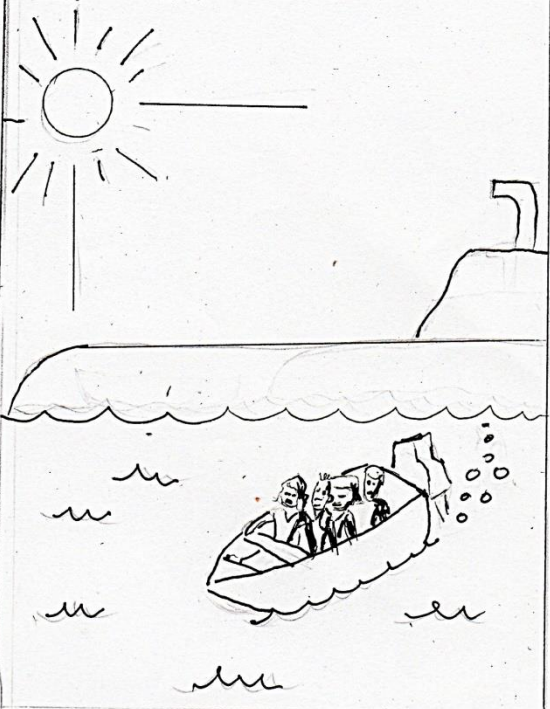
DEVEM PASSAR PELAS
4 ECOLOGIAS:

- ECOLOGIA AMBIENTAL: CUIDADO COM TODO O AMBIENTE
- ECOLOGIA POLÍTICA E SOCIAL: COOPERAÇÃO/MUDANÇA NAS RELAÇÕES
- ECOLOGIA MENTAL: UMA NOVA FORMA DE PENSAR O MUNDO
- ECOLOGIA INTEGRAL - A TEIA

NÃO TEM MAIS NADA ESCRITO,
ANANSI! ESTE LIVRO DE SOLUÇÕES
NÃO SOLUCIONA NADA!



OS CINCO SAEM DO SUBMARINO E VÃO
PARA UM PEQUENO BARCO...



MAS DÁ
PISTAS.
VENHAM
COMIGO!



...QUE CHEGA EM TERRA FIRME!





LUGAR BONITO!
MAS O QUE PODEMOS
APRENDER AQUI?

EU ME
SINTO EM
CASA!!



VEJAM AQUILO!

UM COPO DESCARTÁVEL!
QUE HORROR!

POR QUE AS PESSOAS
FAZEM ISSO?

PORQUE SÃO PORCAS!



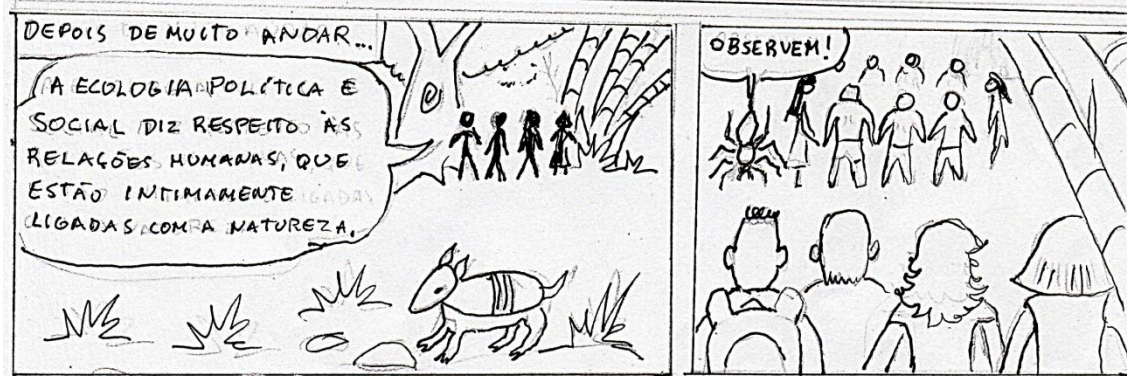
MAS OS
PORCOS NÃO
FAZEM ISSO!

É VERDADE, DEVE SER DESLEIXO!

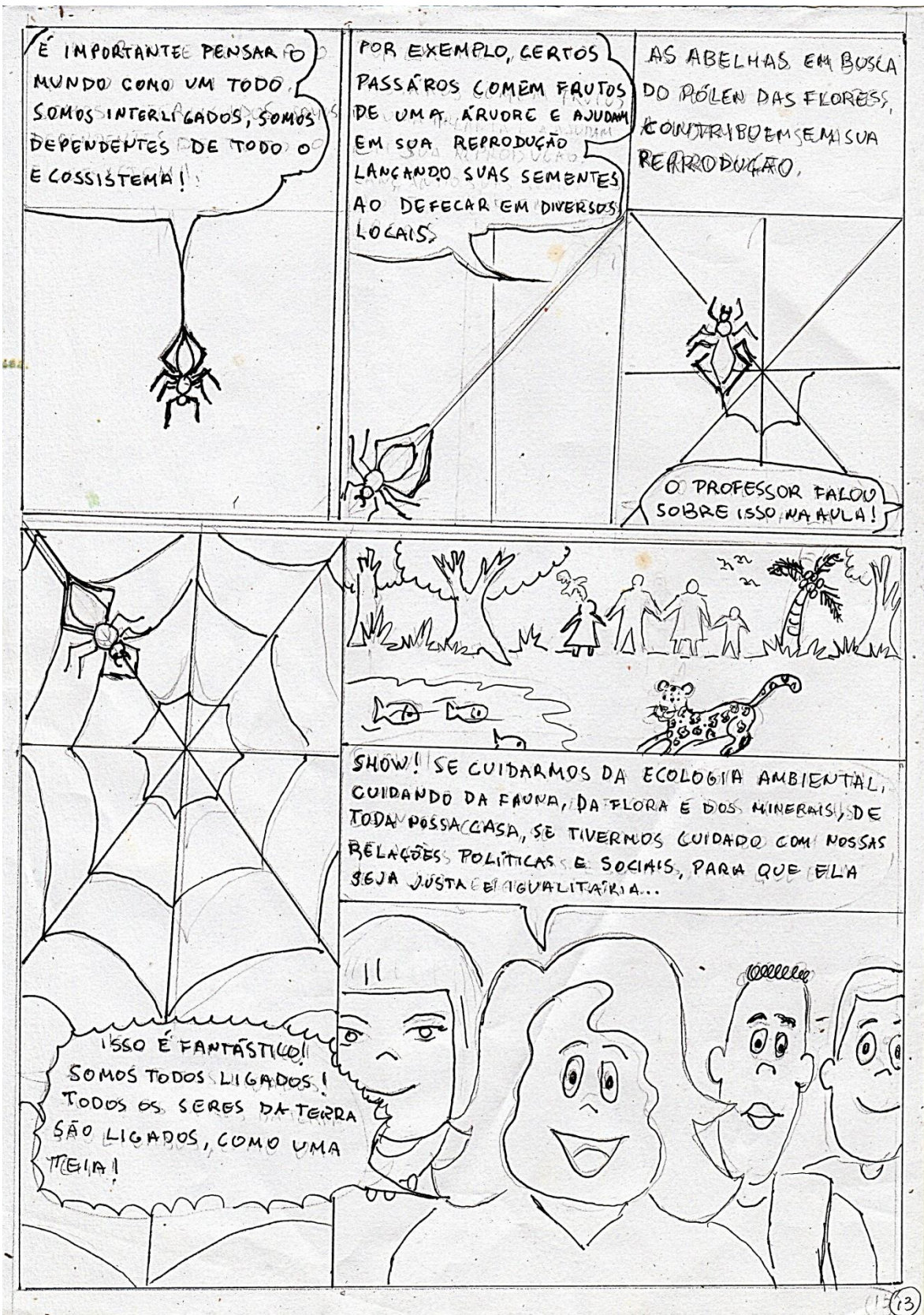
O HOMEM SE CONSIDERA O CENTRO
DO UNIVERSO, DESPREZANDO TODOS OS
OUTROS SERES. NA ECOLOGIA
AMBIENTAL DEVEMOS NOS PREOCUPAR
COM TODO AMBIENTE DOS SERES, VIVOS,
A TERRA, A ÁGUA, ETC.



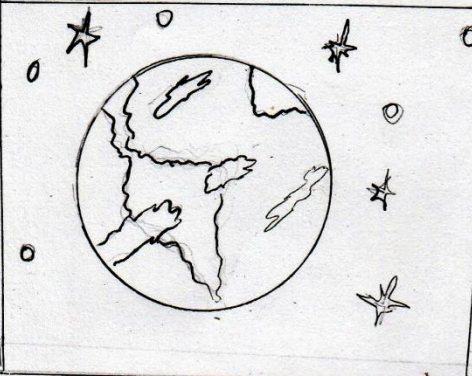
O COPO DE PLÁSTICO É UM
DESRESPEITO, POIS CONTAMINA O SOLO, OS OCEA-
NOS (COMO VOCÊS PUDEAM VER COM SEUS PRÓPRIOS
OLHOS), RIOS E ATÉ O AR. O PLÁSTICO É UM OBJETO
ESTRANHO AQUI... LEVA CENTENAS DE ANOS
PARA SE DECOMPOR. O AMBIENTE PRECISA
SER CUIDADO!



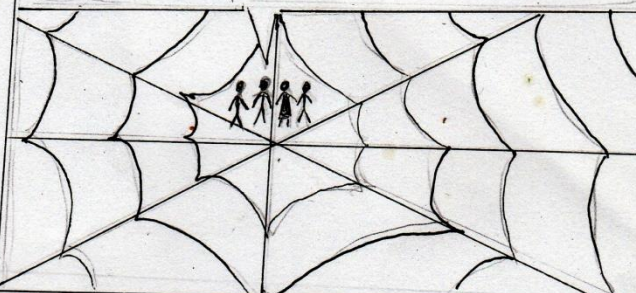




... MUDAREMOS A RELAÇÃO DO HOMEM COM A TERRA PELA ECOLOGIA MENTAL, QUE BRANDA VERDADES DESTE MUNDO, QUE VALORIZA MAIS AS COISAS MATERIAIS DO QUE AS PESSOAS E A NATUREZA! TUDO ISTO ESTÁ INTERLIGADO COM A ECOLOGIA INTEGRAL



VAMOS DESCANSAR NA TRIBO, ELES ESTÃO NOS ESPERANDO.



APÓS UMA NOITE AGRAVÁVEL NA TRIBO, AO AMANHÃ, OS QUATRO E ANANCI VÃO À FABRICA DO SR. BUFUNFA.

CHEGAMOS, MAS NÃO ENTRAREI. ARANHAS NÃO SÃO BEM VINDAS POR AQUI.

PRÉ-ADOLESCENTES TAMBÉM NÃO SÃO BEM VINDOS

REFRIGERANTES BUFUNFA

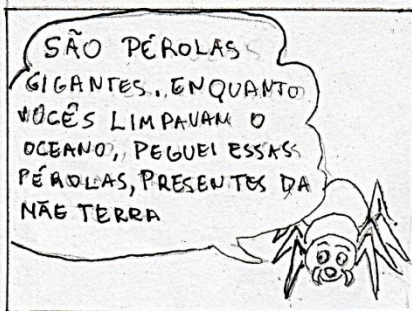




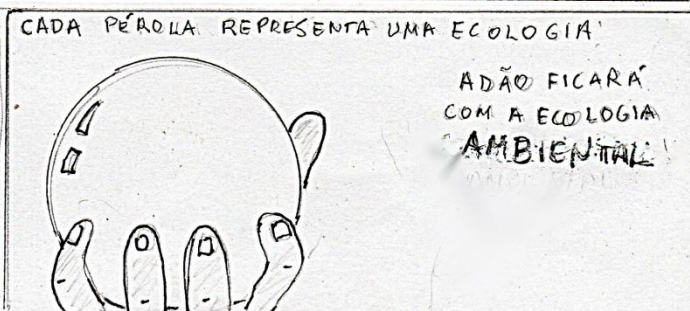
POÁ ISSO SOFIA
FOI BUSCAR REPRESENTANTES
DA COMUNIDADE.
NÃO ESTAREMOS SOZINHOS!



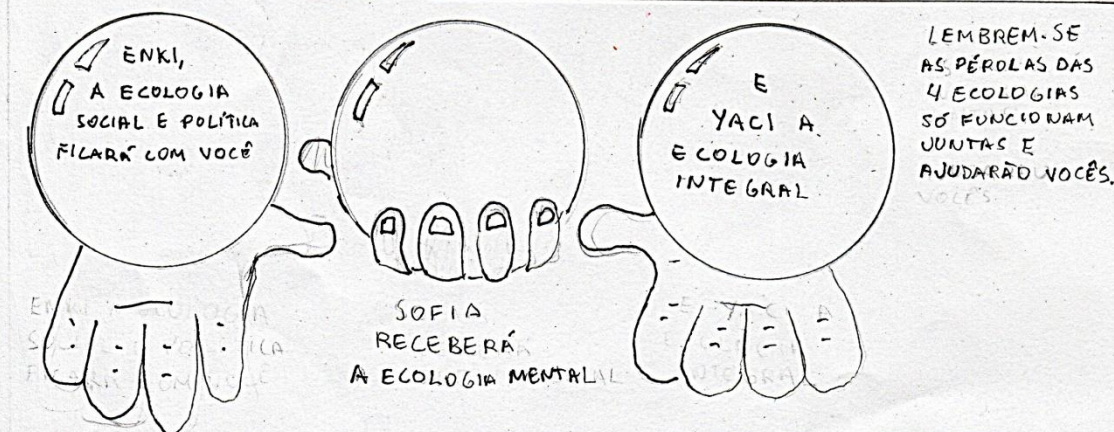
VOU PARTIR, MAS TENHO PRESENTES!
QUE LINDAS!
MAS O QUE É ISSO?



SÃO PÉROLAS GIGANTES. ENQUANTO VOCÊS LIMPAVAM O OCEANO, PEGUEI ESSAS PÉROLAS, PRESENTES DA NÃE TERRA



CADA PÉROLA REPRESENTA UMA ECOLOGIA
ADÃO FICARÁ COM A ECOLOGIA AMBIENTAL



ENKI,
A ECOLOGIA SOCIAL E POLÍTICA
FILARÁ COM VOCÊ

E YACI A ECOLOGIA INTEGRAL

SOFIA RECEBERÁ A ECOLOGIA MENTAL

LEMBREM-SE AS PÉROLAS DAS 4 ECOLOGIAS SÓ FUNCIONAM JUNTAS E AJUDARÃO VOCÊS.

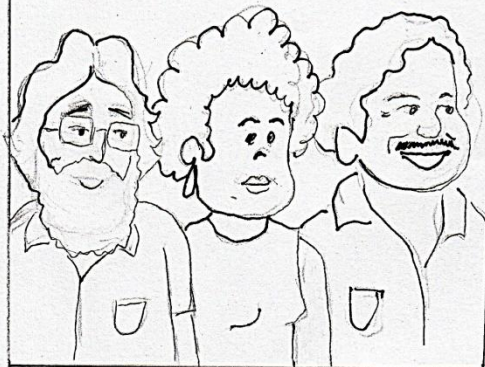


EI! TENHO MUITAS DÚVIDAS! ESPERE!!

ATÉ A PRÓXIMA!

LOGO DEPOIS, SOFIA CHEGA COM REPRESENTANTES DA COMUNIDADE...

SEU LEO D. MARIA SEU CHICO



... E APÓS RECEBER SUA PEÇOLA, TODOS VÃO SE ENCONTRAR COM O SR. BUFINHA

QUEREMOS QUE RESOLVA O PROBLEMA DO LIXO QUE É DESCARTADO DE MODO INCORRETO!



QUE PROBLEMA DO LIXO?! NOSSA EMPRESA GERA EMPREGOS, PATROCINA GRUPOS ECOLÓGICOS, TEMOS CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL, PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A COMUNIDADE...

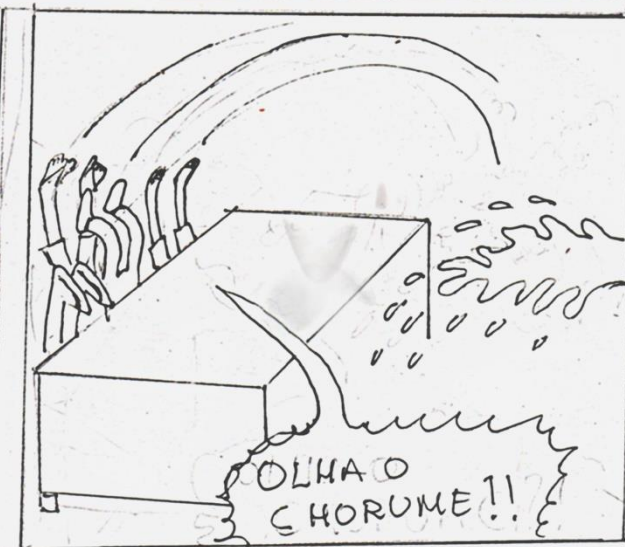
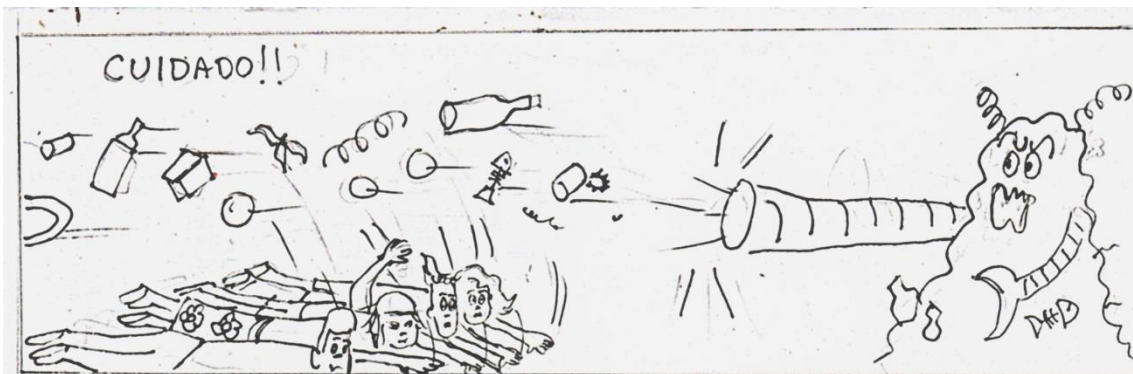
HÁ MAIS DE UM ANO COBRAMOS DO SENHOR E NADA É RESOLVIDO! TODAS AS BOAS AÇÕES DA SUA EMPRESA NÃO ANULAM O PROBLEMA DO LIXO!

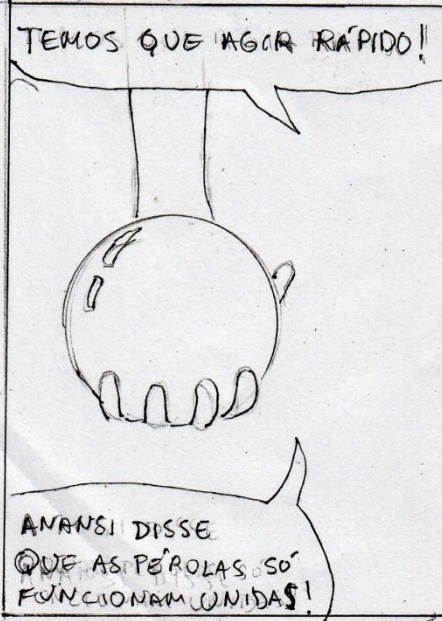


SOLUÇÃO JÁ!





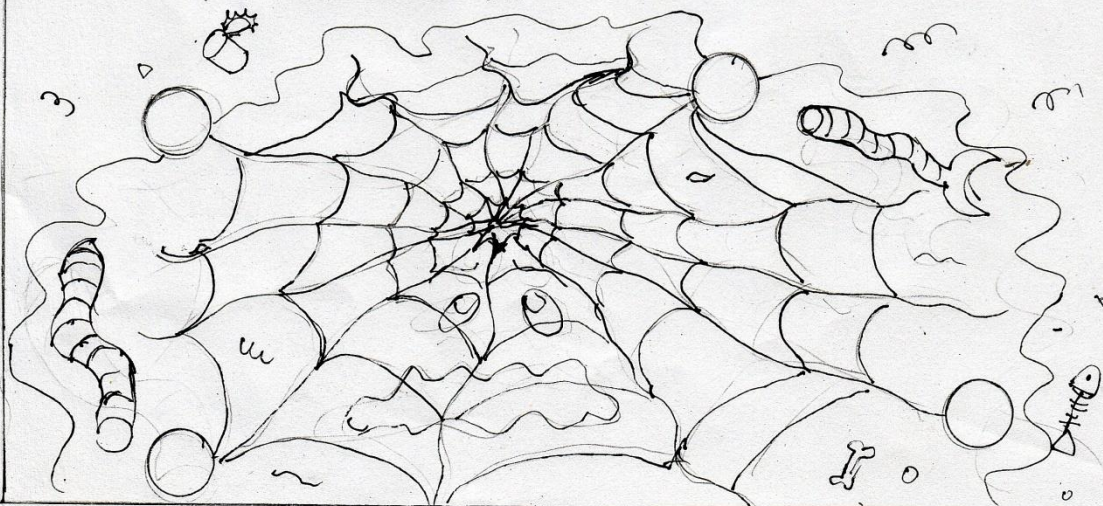


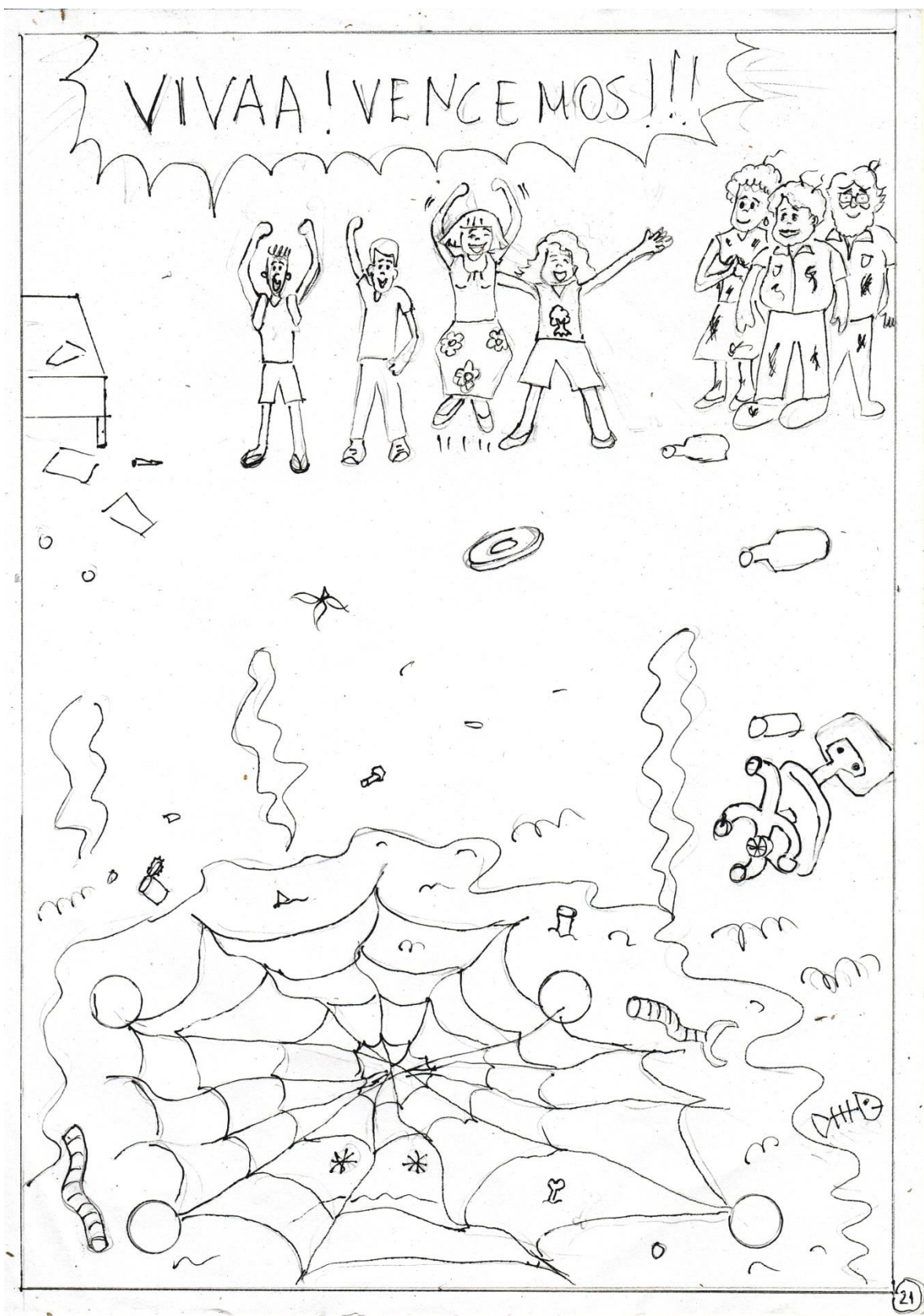


... QUE SE EXPANDE O SUFICIENTE PARA SER LANÇADA SOBRE O MONSTRO DE LIXO...

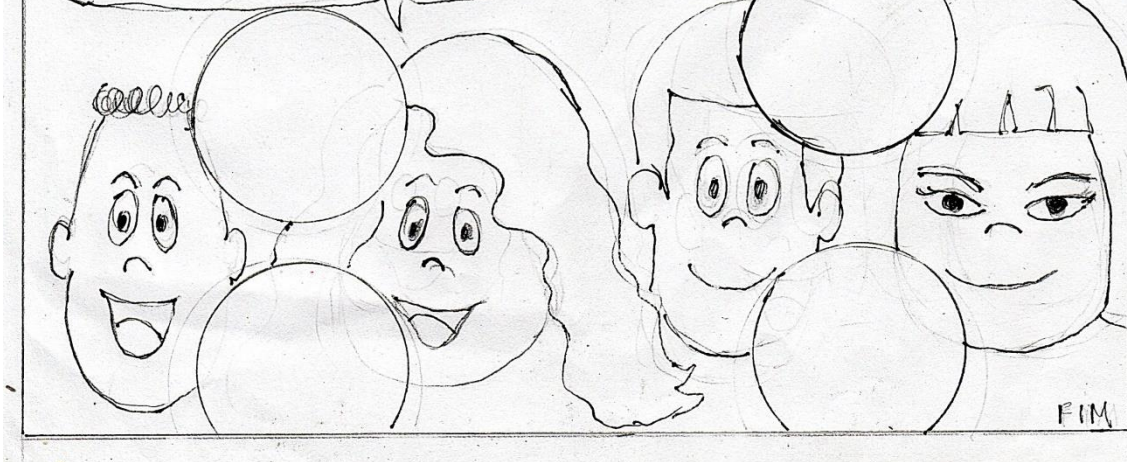


... E O DISSOLVE-LO GO EM SEQUIDA... VIDA...









Com sugestões do professor orientador, produzi a história, no estilo fanzine, (fiz à mão e fotocopiei cerca de 30 exemplares) por achar esse formato mais próximo da produção dos alunos, diferente do modelo comercial.

O conteúdo é uma narrativa lúdica com desenhos cartunizados que contam a história de quatro alunos do sexto ano que, por causa de pesquisa escolar, se aventuram em companhia da aranha Anansi e descobrem muito sobre pensamentos e atitudes relacionados às questões socioambientais. Os argumentos são baseados nos teóricos presentes no primeiro capítulo.

A leitura da história em quadrinhos aconteceu em forma de jogral. Pedi a cada aluno que interpretasse um personagem, na ordem de leitura. Assim narrador, Adão, Sofia, Kiki, Yaci, Anansi e os demais personagens *ganharam vida* na voz dos alunos. Alguns tumultos ocorreram, como os xingamentos de alguns aos que “engasgavam” na leitura, mas fiquei surpreso, pois concluímos em ambas as turmas, com 50 minutos de aula, nossa leitura e atingimos o objetivo.

Conversei brevemente com os estudantes na hora do recreio e eles demonstraram ter compreendido a história, fazendo referência aos personagens e comentando certas passagens. Ao retomar a conversa no início da aula seguinte, rememoramos a leitura e muitos demonstraram compreender a história.

Tabela 4 - Oficina para aprender a fazer história em quadrinhos

3- OFICINA PARA APRENDER A FAZER HISTÓRIA EM QUADRINHOS
OBJETIVO
Aprender a técnica de criação de história em quadrinhos
DESENVOLVIMENTO
A - Os alunos receberão um texto explicativo, sobre como se constrói uma história em quadrinhos.
B – No estilo passo-a-passo, haverá noções de criação de personagens, desenho, onomatopeia, texto da história em quadrinhos (HQ).

C – Será orientado também sobre a temática a ser construída, que é a proposta de repensar a relação homem e natureza, mudando pensamentos e atitudes.

AVALIAÇÃO

Perceber o *feedback* dos alunos nas orientações de como criar uma história em quadrinhos, com registro.

Utilizei, para ensinar as técnicas de como fazer uma história em quadrinhos, o texto da revista Novaescola,³³ - Como fazer um gibi - que mostra os elementos básicos para a construção de uma história em quadrinhos: criação dos personagens, argumento e roteiro, desenho, arte-final e cor, além de balões e onomatopeias.

Nesta oficina, segui o passo a passo, detalhando cada etapa. Destaco algumas considerações: não é necessário saber desenhar; o mais importante é fazer desenhos que demonstrem sua ideia, mesmo que seja o “homem palito”; sua história deve pensar no problema e na solução ambiental e nos balões faça letra de forma para facilitar a compreensão dos leitores.

Sobrou um tempo para rascunhar as histórias em quadrinhos. Eu e o professor José Aarão dávamos dicas para os alunos. Fiz referência da história em quadrinhos sobre Ecofilosofia e de como devemos pensar nas soluções do lixo não só individualmente, mas globalmente com profundidade.

A maioria dos alunos deu bom retorno a esta etapa, demonstrando interesse nas técnicas, principalmente sobre desenhos. A avaliação foi positiva para essa etapa, principalmente para as dicas sobre desenhos, quando se mantiveram atentos e interessados, com participação de alunos desenhando no quadro.

³³ Ver apêndice 1

Tabela 5 - Criação das histórias em quadrinhos pelos alunos

4 - CRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PELOS ALUNOS
OBJETIVO Propor novas formas de pensar o mundo através da criação de uma história em quadrinhos sobre o tema.
DESENVOLVIMENTO
A – Entregar papel do tipo A4 para os alunos e repetir a proposta de construção da HQ;
B - Pedir para que os alunos iniciem o trabalho de criação da HQ;
C - Acompanhar o andamento dos trabalhos, conversando com os alunos sobre suas ideias e propostas;
D - Conversar com os alunos sobre os trabalhos prontos, elogiando e propondo uma reflexão sobre suas histórias em quadrinhos.
AVALIAÇÃO
Registro das histórias em quadrinhos e de todo o processo para análise.

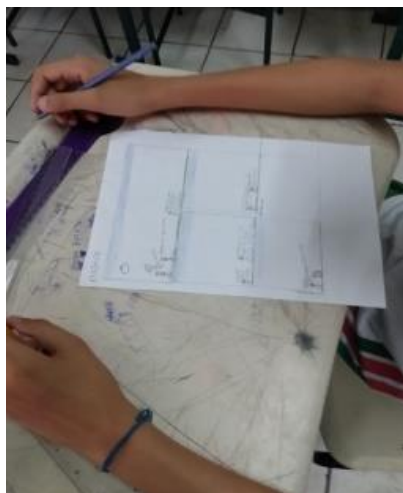
Esse momento durou três horas/aulas, pois foi preciso incentivar individualmente os alunos a concretizar seus rascunhos em quadrinhos.

Cada aluno recebeu uma folha do tipo A4 e foram orientados a fazer a história na vertical em uma única página e que demonstrasse um problema socioambiental e uma solução ligada ao meio ambiente. Sugerir que focassem no problema do lixo, conforme enfatizado no primeiro momento e na história em quadrinhos sobre Ecofilosofia.

Tivemos que orientar os que faltaram na última etapa e incentivar aqueles que resistiram em cumprir a tarefa. De mesa em mesa, eu e o professor José Aarão conversávamos com os alunos estimulando a criatividade, incentivando-os nas ideias e reforçando as orientações iniciais. Deixei um exemplar da história em quadrinhos sobre Ecofilosofia à disposição para cada um, para inspirar os alunos.

Fotografia 01 – Aluna criando sua história em quadrinhos

Fonte: O autor

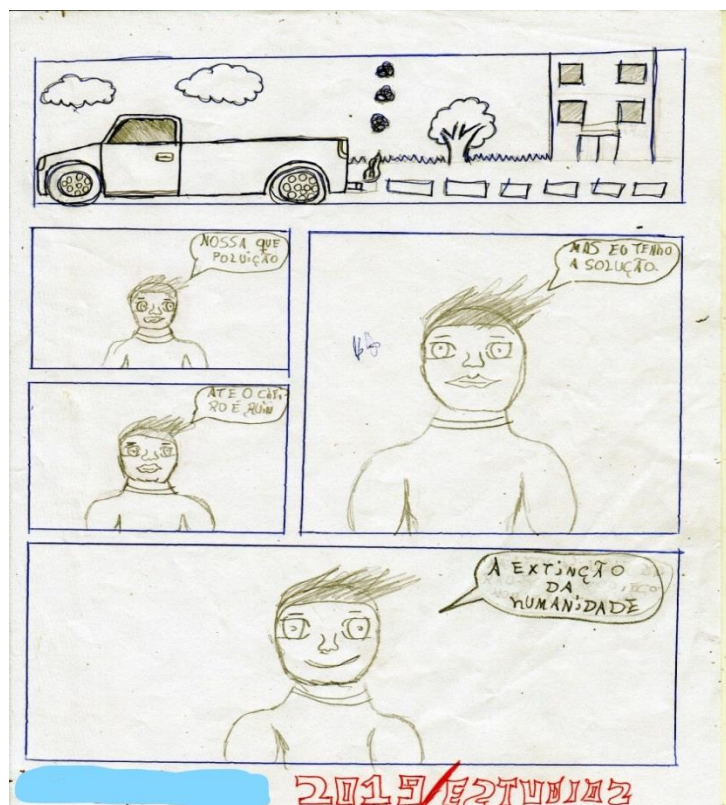
Fotografia 02 – Aluno criando sua história em quadrinhos

Fonte: O autor

A seguir a análise de algumas produções:³⁴

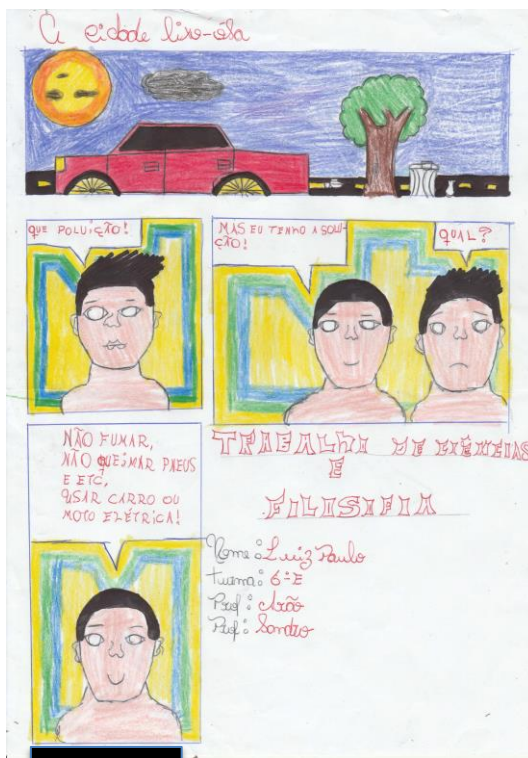
³⁴ Análise Inspirada no método de dialético de MINAYO.(2002).

Figura 13: HQ 1: A solução drástica



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Figura 14 – HQ 2: Uma nova solução



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

As duas histórias acima foram elaboradas pelo mesmo aluno. A primeira tem o seguinte monólogo: *Nossa! Que poluição!!! Até o cheiro é ruim! Mas eu tenho a solução! A extinção da humanidade!(sic)*³⁵

A história em preto e branco demonstra que o aluno compreendeu que somos responsáveis pela destruição ambiental, mas mostra uma solução drástica. Talvez a Terra nos extinga para o bem das demais espécies, talvez isso seja um suicídio lento da espécie humana.

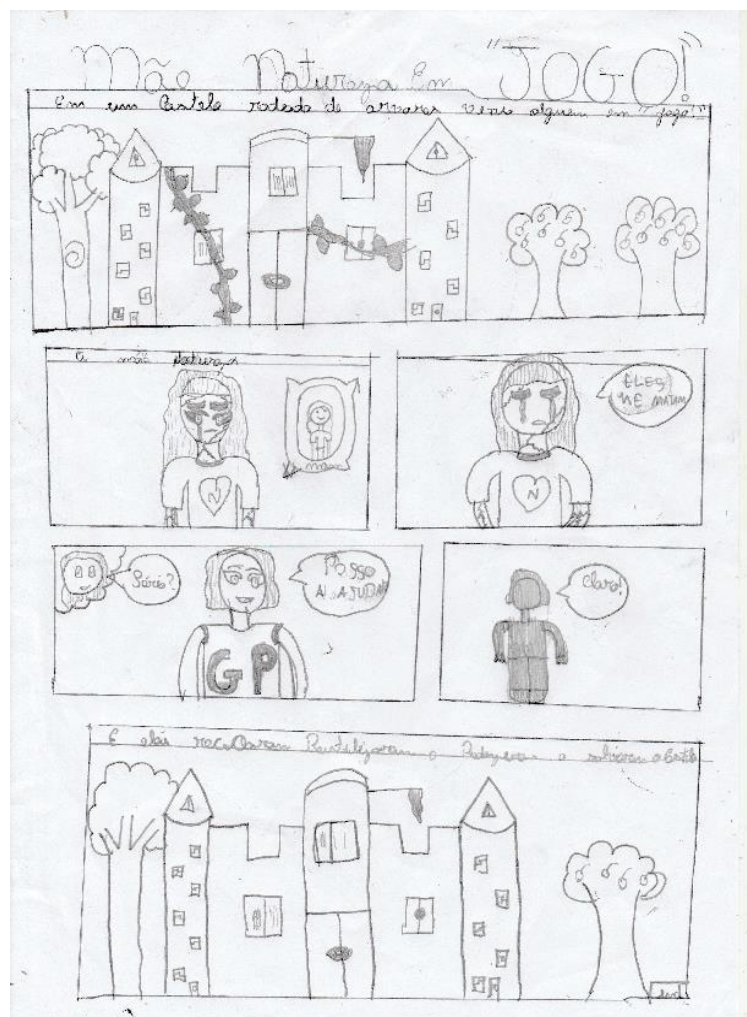
Ao conversar com o aluno perguntei: *Por que essa solução?* Ele ficou em silêncio e, após alguns segundos, me disse que iria fazer outra história. Guardei o primeiro desenho e ao receber o segundo vi que buscou soluções individuais conforme relato abaixo:

Com o título “A cidade lixo-ósa”, o quadrinho colorido tem o seguinte diálogo: *Que poluição!* (Personagem 1); *Mas eu tenho a solução!* (Personagem 2); *Qual?* (Personagem 1); *Não fumar, não queimar pneus e etc. Usar carro ou moto elétrica.* Ao perguntar ao aluno o porquê dessa solução, recebo a resposta de que: *Quando a gente deixa de queimar pneus e fumar a gente diminui a poluição e quando usamos carro ou moto elétrica também evitamos a fumaça.* Eu disse a ele: *Mas ainda é muito caro carro e moto elétrica!* E ele respondeu: *Eu acho que o mundo tem que mudar para diminuir a poluição.*

Em partes, a ideia da solução realizada por indivíduos permaneceu, mas ele fez uma síntese que coincide com o que pretendemos aqui. Essa última fala traz uma noção de totalidade e o título “A cidade lixo-ósa” é uma crítica à sociedade de consumo.

³⁵ Transcrevi os diálogos na íntegra, sem corrigir os erros de português.

Figura 15: HQ 3: Reciclar, reutilizar e reduzir



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Título: Mãe natureza em “Jogo”

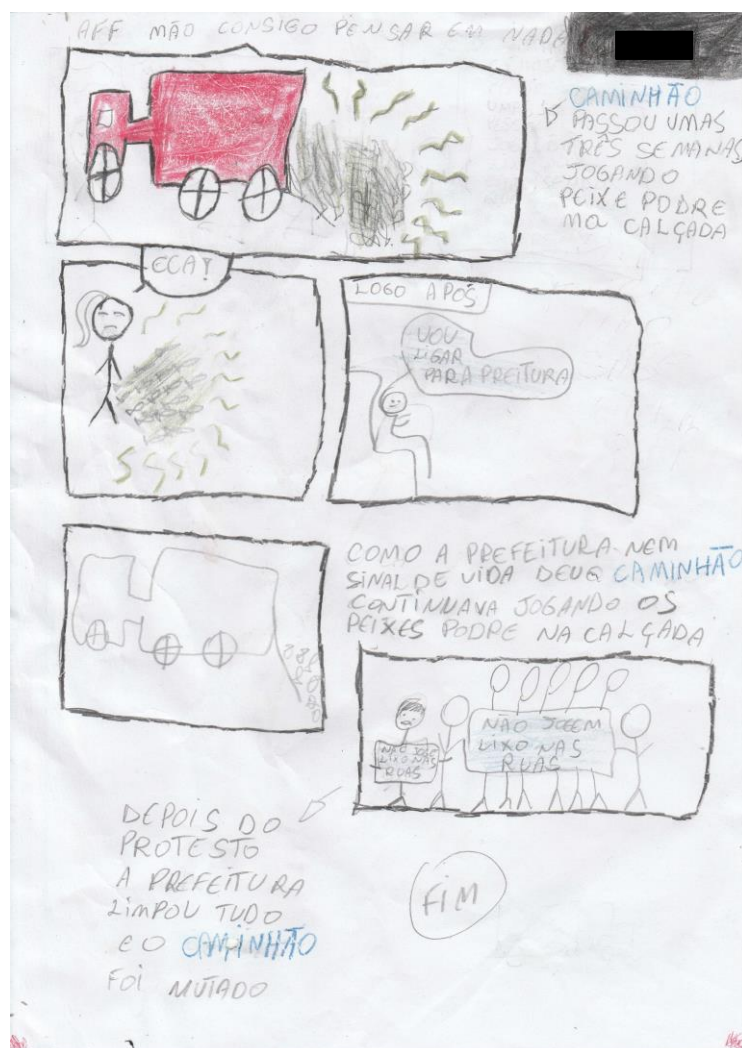
Legenda 1: Em um castelo rodeado de árvores, vive alguém em “jogo”.

Legenda 2: Fala da Mãe Natureza: *Eles me matam*. Uma personagem com as iniciais GP na camisa diz: *Posso ajudar?* A Mãe Natureza responde, surpresa: *Sério? Claro* – Responde a personagem com as iniciais GP na camisa.

Legenda 3 – E elas reciclaram, reutilizaram e reduziram e salvaram o castelo.

Quadrinho criativo com conclusão baseada em dos resultados da ECO 92 no Rio, os 3R's. Perguntei ao aluno o que significava o GP na camisa da personagem e ele disse: “*Greenpeace*”. Isso me fez perceber uma clareza sobre militância ecológica. Além disso, ele também me falou o que entendia sobre os 3 R's: “*É... bom, eu acho que é quando todo mundo diminui as compras, reutiliza o que já usamos, tipo garrafa pet e recicla as coisas.*”

Figura 16: HQ 4: O protesto



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Legenda 1: Caminhão passou umas três semanas jogando peixe podre na calçada: *Eca! Vou ligar para a prefeitura!*

Legenda 2: *Como a prefeitura nem sinal de vida deus, o caminhão continuava jogando os peixes podre [sic] na calçada.* Último quadrinho com multidão com placas dizendo “*Não joguem seu lixo nas ruas*” seguido da última legenda: *Depois do protesto a prefeitura limpou tudo e o caminhão foi mutado [sic]. FIM*

Há muitos quadrinhos produzidos pelos alunos com essa ideia de denunciar na prefeitura. Mas a conclusão difere dos demais por pensar em grupo de pessoas que protesta contra os que não cumprem seus deveres e contra o próprio Estado que não cumpre sua responsabilidade de fiscalizar e fazer a lei ser cumprida. Constatei a ideia de militância e de coletividade presente nesta história em quadrinhos.

Figura 17: HQ 5: Poluição no mar



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

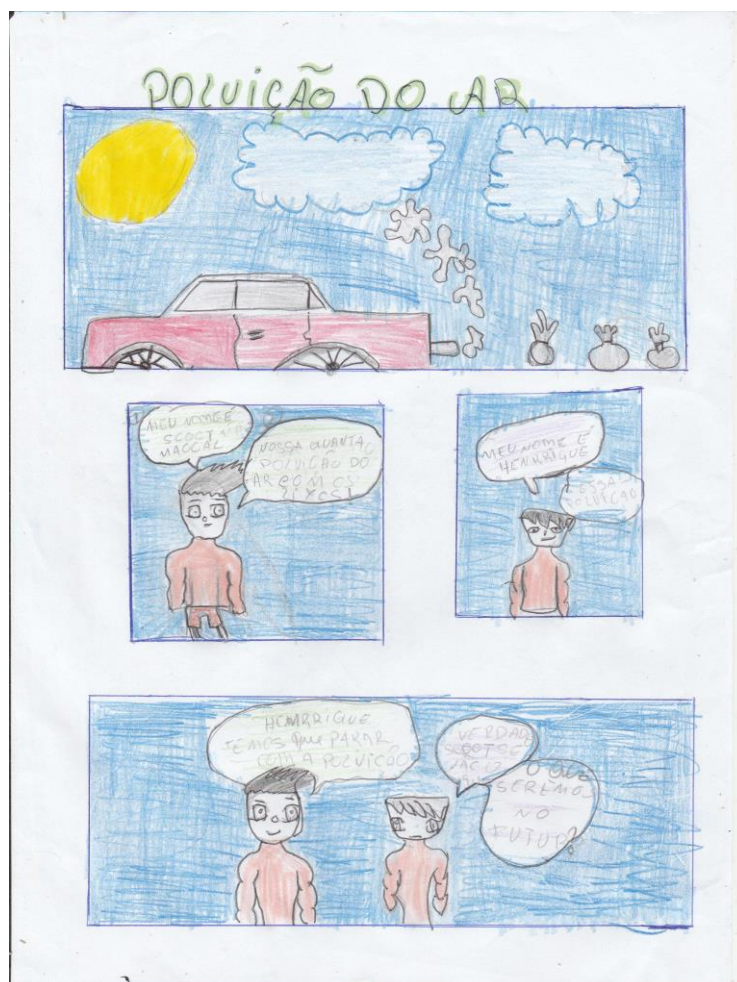
História que não utiliza requadro, o que é uma possibilidade válida, mas o autor não soube organizar o espaço para facilitar a compreensão. Eis a minha descrição:

No fundo do mar surge um diálogo entre peixes e mergulhadores: Peixe 1: *Não aguento mais isso!!* Mergulhador A: *Vou tampar isso.* Peixe 1: *Nossa que tristeza.* Peixe 2: *Pois, é.* Peixe 1: *Esses humanos são porcos mesmo [sic].* Peixe 2 agradece o Mergulhador A por tapar o esgoto e coletar o lixo: *Obrigado.* Mergulhador B: *Dinada. [sic]* Peixe 1: *É só eles para de jogar lixo no mar e só tampar o esgoto.* Grupo de mergulhadores: *Vamos ajuda [sic].* Responde o Mergulhador B: *Sim.*

Apesar da falta de coesão no texto e de ter se inspirado em parte da história em quadrinhos sobre Ecofilosofia lida por nós, o objetivo foi atingido: a

demonstração do problema, a ideia de coletividade, de ação e de solução concreta.

Figura 18: HQ 6: A pergunta



Fonte: Registrado pelo autor (2019)

Título: Poluição do ar

Personagem 1: *Meu nome é Scott Maccal. Nossa quanta poluição do ar com os lixos!*

Personagem 2: *Meu nome é Henrique. Essa poluição!*

Personagem 1: *Henrique temos que parar com a poluição.*

Personagem 2: *Verdade Scott [sic] senão o que seremos no futuro?*

Nessa história simples não há solução direta, mas o aluno autor conclui com uma pergunta que traz em si a consciência de que a poluição deve parar, pois pode atingir o futuro e o nosso ser diante do amanhã.

Essa pergunta pode levar a mudanças. Perguntei ao aluno *como* parar a poluição e ele me falou que, como nos vídeos e na história em quadrinhos (lida em sala de aula), a gente tem que mudar o jeito de usar as máquinas, os carros.

Figura 19 –HQ 7 - Ação política – Ligando para a prefeitura 1



Fonte: Registrado pelo autor

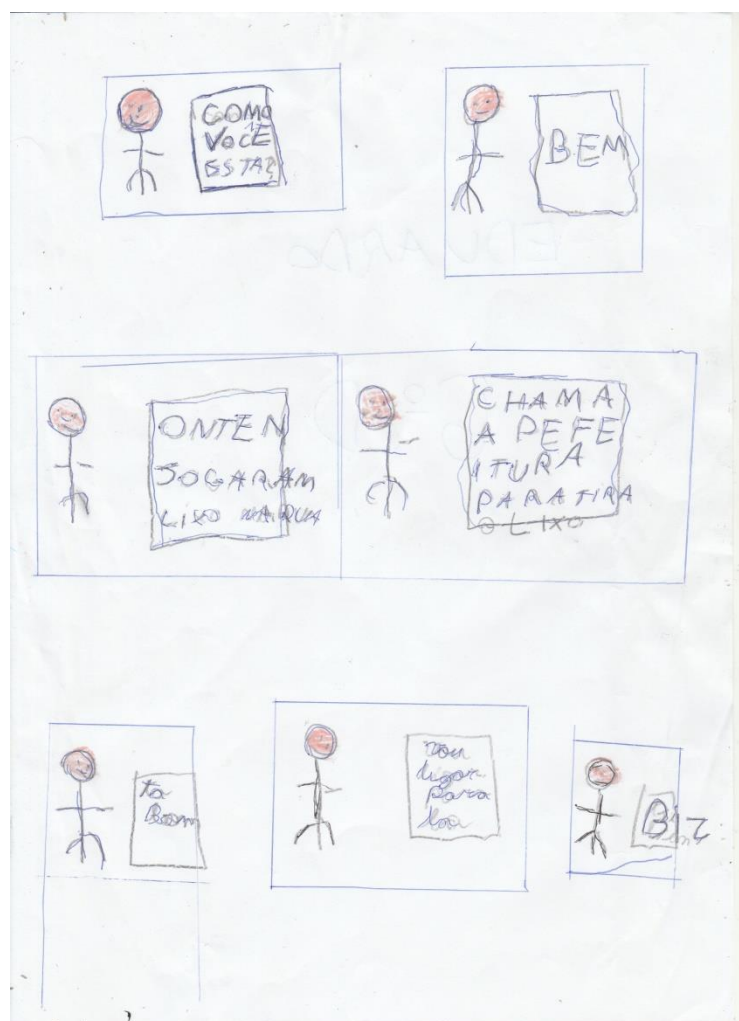
Legenda 1: *Nossa que jardim lindo!! Meses depois. Os personagens diante do lixo no jardim: Mas que mau cheiro. – Concordo. – Temos que ligar para a prefeitura. – Vamos lá ligar.*

Legenda 2 - *Depois de tantos anos ligando. Voutou [sic] o jardim. Verdade, eu amo esse jardim. É fim [sic]*

Nessa narrativa há a constatação da poluição no antes e depois do jardim. Há a ação política de cobrança insistente à prefeitura. O retorno do jardim é comemorado pelos personagens.

A aluna me disse que se inspirou na comunidade (seu Chico, Seu Léo, D. Maria e os quatro protagonistas) dos personagens dos quadrinhos sobre Ecofilosofia. Houve consciência sobre a ideia de cobrar do governo sua responsabilidade. A aluna também teve percepção sobre a necessidade de cuidado representado pelo jardim e pela insistência dos personagens.

Figura 20 – HQ 8 - Ação política – Ligando para a prefeitura 2

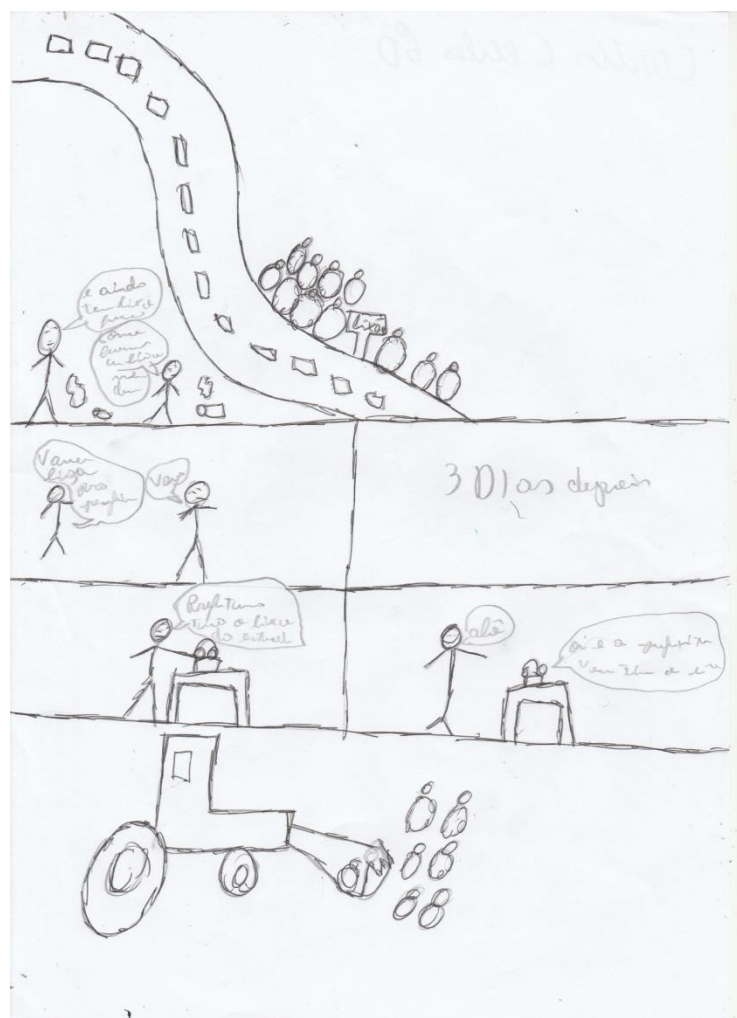


Fonte: Registrado pelo autor

-Oi como você está? - Bem. – Ontem jogaram lixo na rua. Liga para a Prefeitura para tira o lixo. [sic]–Tá bom. –Vou liga [sic] para lá. –Blz.

Novamente “a ligação para a prefeitura”. Nessa história há um roteiro mais simples que o anterior, mas que captou a ideia de agir e cobrar. Algo deve ser feito!

Figura 21 – HQ 9 - Ação política - Ligando para a prefeitura 3



Fonte: Registrado pelo autor

Diante de um lixão, os personagens conversam: *Como vamos levar esse lixo.[sic] Vivem deixando aqui. – Vamos ligar para a prefeitura. –Vamos. Legenda 1 - 3 dias depois. – Prefeitura tira o lixo da estrada. – Alô. – Oi é a prefeitura. Vamos tirar daí.* O último quadrinho mostra um caminhão sugando o lixo, retirando o lixo do local.

Mais um “ligando para a prefeitura”. Essa narrativa traz a percepção da problemática socioambiental (o lixão), a decisão e a ação (ligar para a prefeitura) e a reação (Prefeitura retirando o lixo).

Figura 22– HQ 10 - Ação política - Ligando para a prefeitura 4

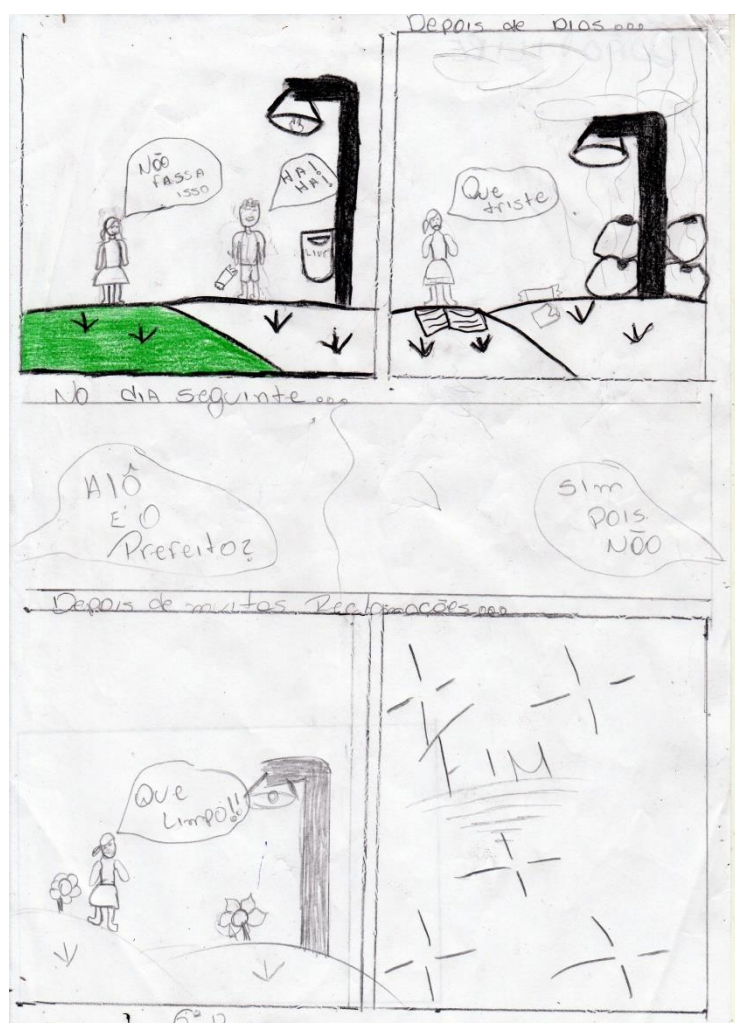


Fonte: Registrado pelo autor

- *Vamos ligar para a prefeitura?* – *Sim.* O segundo quadrinho mostra uma área verde totalmente limpa.

Embora com poucas palavras, a ideia foi transmitida. O contraste do preto e branco do primeiro quadrinho com o colorido do segundo demonstra que a vida voltou àquele lugar.

Figura 23 – HQ 11 – Ação política – Ligando para a prefeitura 5



Fonte: Registrado pelo autor

Não faça [sic] isso! Há Há! (A cena acontece diante de uma pessoa jogando lixo fora da lixeira). Legenda 1 – *Depois de dias...* *Que triste* (Diante do ponto viciado de lixo que surgiu naquele local). Legenda 2 – *No dia seguinte.* – *Alô, é o prefeito? Sim, pois não.* Legenda 3 – *Depois de muitas reclamações...* – *Que limpo! FIM.*

O enredo se repete. A política pode resolver problemas socioambientais.

Figura 24 - HQ 12 – Ação política – Acabei com o lixo do mundo



Fonte: Registrado pelo autor

Título – O Meio Ambiente

Personagem 1: *Oi, eu sou o Zé Limpinho e gosto muito da natureza, mas tenho vários amigos que jogam lixo na rua.* Legenda 1 – Lixão. – *Alô, oi [sic] eu quero um carro de lixo para tirar o lixo da rua.* – *Eba [sic] o carro do lixo chegou.* – *Ufa, acabei com o lixo do mundo.*

A história do Zé Limpinho também é uma história de ação política. O autor deixa uma brecha na história, pois fala dos amigos “sujões” de Zé limpinho, mas não volta a falar deles. A ideia de ligar para um órgão público para resolver o problema aparece novamente, mas sem citar a prefeitura. A frase final, com muita ingenuidade, eleva Zé Limpinho a herói. É possível pensar nisso como utopia de *por fim* ao lixo do mundo, através de gerenciamento inteligente ou da ação de militantes ecológicos, mas essa não foi a intenção do aluno.

Essa sequência de quadrinhos de ação política - *Ligando para a prefeitura* - pode ter acontecido por uma fala minha sobre possíveis soluções socioambientais que podiam ser soluções políticas e uma delas é cobrar soluções para os problemas aos políticos. Outra possibilidade é a de muitos se *inspirarem* em colegas e copiarem a ideia principal.

Lancei vários questionamentos para os alunos sobre a ideia deles: Como a política pode contribuir com a solução de problemas ambientais, além de retirar lixo em excesso? Como governantes e cidadãos podem colaborar conjuntamente para as soluções socioambientais? Por que cidadãos continuam a jogar lixo em local indevido? Por que governos não conseguem solucionar os problemas ocasionados pelo lixo?

Avalio esses quadrinhos positivamente, pois conseguiram pensar na ação política como possibilidade de solução, pelo menos de uma determinada realidade socioambiental. Superaram a ideia de “que só depende de cada um”.

Figura 25 – HQ 13 – O acordo



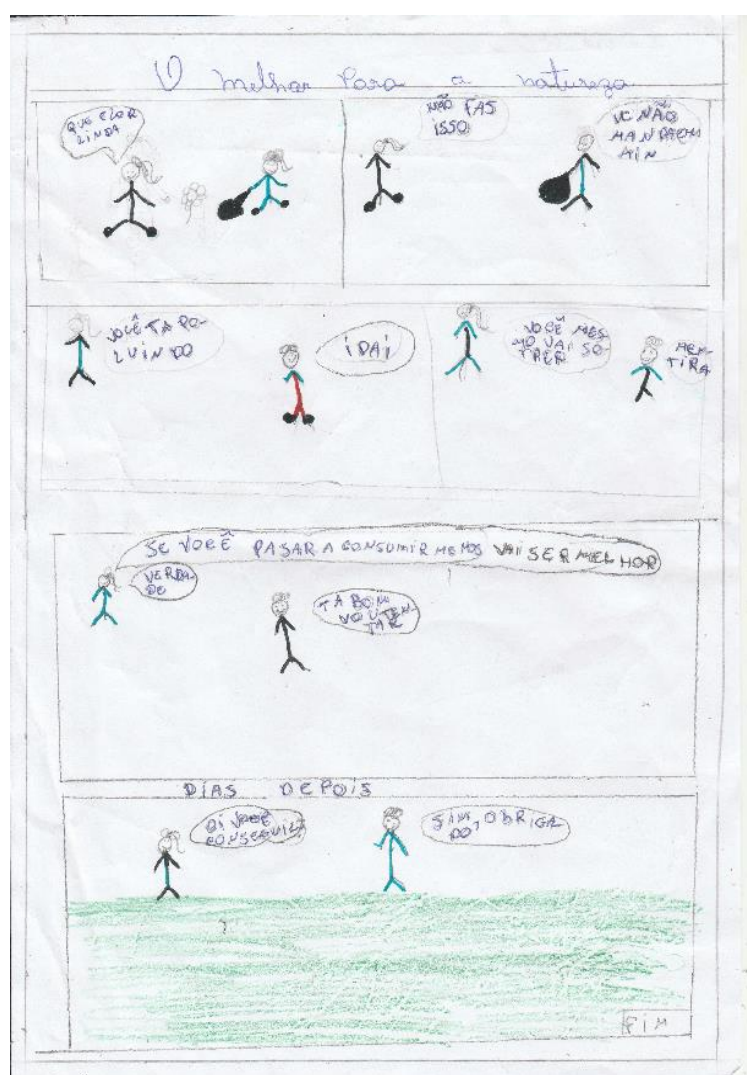
Fonte: Registrado pelo autor

Título: O lixo

Diante de uma fábrica a personagem diz: *Oh, Meu Deus!! - O que o ser humano está fazendo com o planeta? - Vou ir falar com eles. - Boa tarde. Os senhores estão poluindo o nosso planeta! - Hm,[sic] tudo bem senhora, vamos parar. Ambos falam ao mesmo tempo: Fico feliz que entramos em um acordo.*

Nesta história em quadrinhos há compreensão sobre a necessidade de diálogo entre a sociedade e iniciativa privada. Logicamente que a solução não é tão mágica quanto na história, mas considero que houve movimento no pensar sobre ecologia. Saiu de um nível de consciência e passou para outro. Mas é preciso considerar que esse diálogo tem limites, pois o próprio sistema impede avanços profundos, por sua estrutura de colocar o lucro acima de tudo.

Figura 26 – HQ 14 - Conscientização 1 - Consumir menos



Fonte: Registrado pelo autor

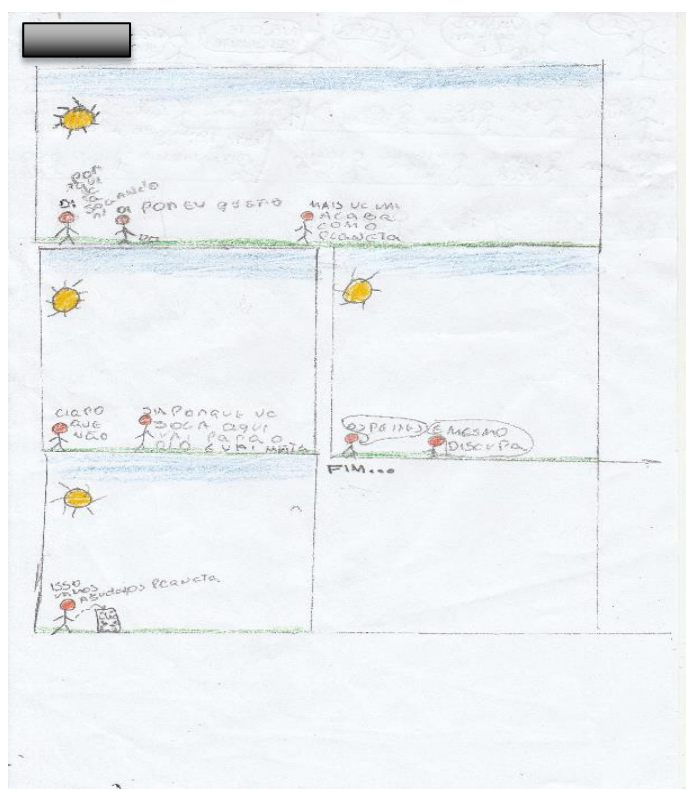
Título: O melhor para a natureza

- *Que flor linda!* Ao ver uma pessoa jogando lixo no jardim o personagem diz: *Não faz isso.*[sic] –Vc não manda em *min.* [sic] – Você tá poluindo. - I daí. [sic] – Você mesmo vai sofrer. – Mentira. Se você passar a consumir menos vai se melhor. [sic] –Verdade. - Tá bom vou tentar. Legenda – Dias depois. – Oi você conseguiu? –Sim, obrigado.

A partir dessa história em quadrinhos, temos uma série de produções sobre conscientização ambiental na representação desses alunos.

Essa história em quadrinhos, apesar da imediaticidade da conscientização, demonstra primeiramente a teimosia de certos interlocutores sobre a questão socioambiental (*Você está poluindo! E daí?!).* O aluno percebeu que há pessoas e instituições que não tem abertura para o discurso ecológico. Em segundo lugar, o aluno demonstra que poluir é prejudicar a si mesmo (*Você mesmo vai sofrer*). Ele tem noção de interdependência entre homem e natureza. Em terceiro lugar, oferece ao interlocutor uma alternativa (*Consumir menos*). O aluno aprendeu alguns aspectos da Ecofilosofia.

Figura 27– HQ 15 - Conscientização 2 – Vamos salvar o planeta

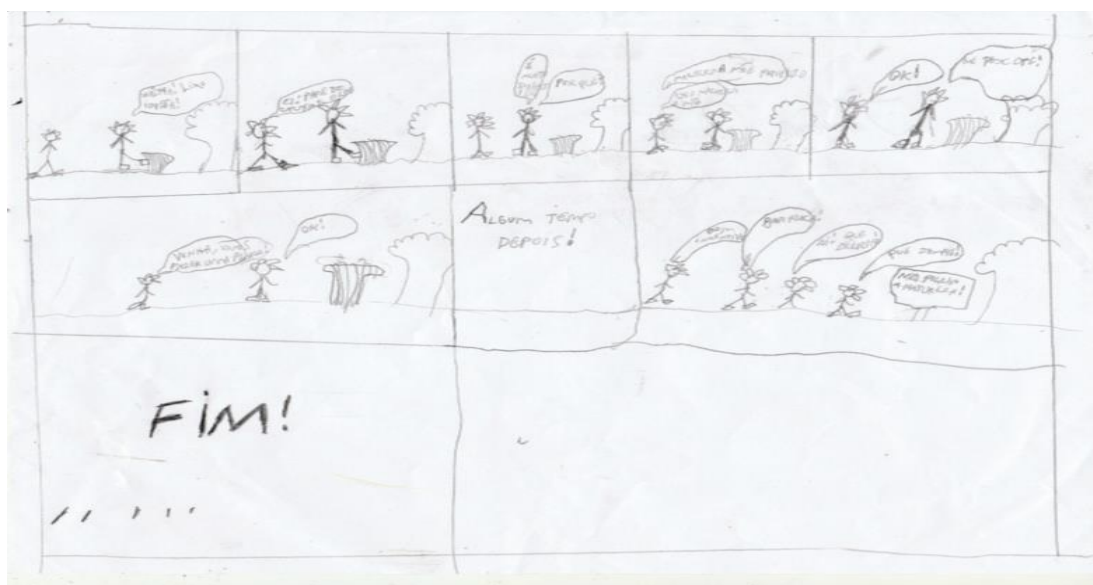


Fonte: Registrado pelo autor

- Oi. Por que você está jogando lixo aí?[sic]
- Oi. Por que eu quero.
- Mas vc vai acaba com o planeta. [sic]
- Claro que não.
- Sim porque vc joga aqui e vai para o rio e vai mata...os peixes[sic]
- É mesmo discupa. [sic]
- Isso. Vamos ajudar o planeta. FIM

Neste quadrinho a conscientização passa pelo diálogo. O diálogo sugere mudança de atitudes, pois jogar lixo acaba com o planeta, já que vai para os rios e mata os peixes. O aluno demonstra saber aquilo que falamos em sala de aula, com a confirmação da história em quadrinhos sobre Ecofilosofia, de que há uma ligação entre os seres do planeta. O caráter mágico de conscientização permanece aqui: o outro muda de ideia rapidamente.

Figura 28 – HQ 16 - Conscientização 3 – Machuca a mãe natureza



Fonte: Registrado pelo autor

- Há há! Lixo idiota! Ei pare de chutar o lixo!! - Por quê? É muito divertido! Isso machuca a mãe. - Machuca a mãe natureza. - Me desculpe. [sic] - OK. - Venha, vamos fazer uma placa. - Ok. Legenda - Algum tempo depois! Diante da placa com a frase Não polua a natureza, a comunidade diz: - Bom incentivo. - Boa placa. - Ai! Que delicia! [sic] - Que demais! FIM.

Um diálogo que demonstra que certos vandalismos podem machucar a natureza, que o autor chama a natureza de mãe (expressão retirada da história

em quadrinhos sobre Ecofilosofia) e que traz uma solução simples de colocar uma placa para “conscientizar” os demais.

Chutar lata de lixo significa espalhar lixo, sujar o ambiente. O diálogo parte de uma ética ambiental onde destruir patrimônio público e sujar o ambiente são agressões ambientais. Chamar a natureza de “mãe” evidencia a percepção da sacralidade da natureza, como uma mãe que nos dá a vida. A placa indica que mudar pensamentos inclui comunicação. No último quadrinho a comunidade elogia a placa indicando com exclamações que gostaram da atitude. O aluno demonstrou compreender a ética da mãe natureza.

Figura 29 – HQ 17 - Conscientização 4 – A turma da natureza



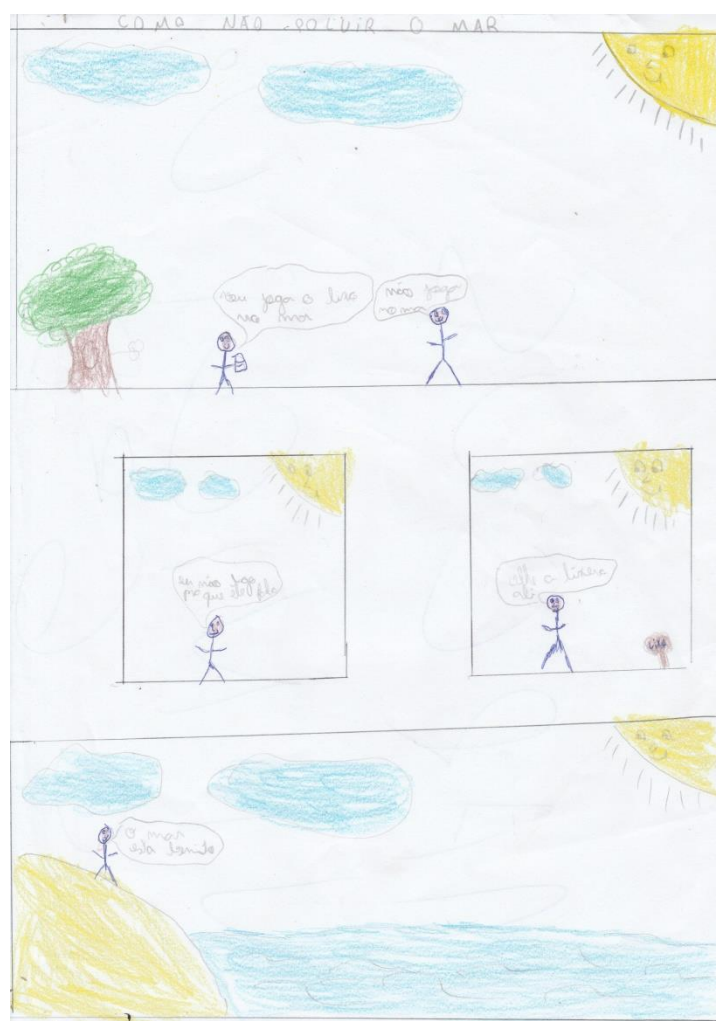
Fonte: Registrado pelo autor

Título: Turma da natureza. Cena de uma pessoa jogando lixo no rio: *Agora vou me livrar de tudo* [sic]. – *Não vou deixar* – *Não, não mesmo.* – *Você vai limpar.* –

Por que. [sic] – Porque pode fazer estragos. – Nossa, eu não sabia. – Agora você cuida da natureza. Legenda – Cuide da nature você também [sic]. FIM.

A história engloba diálogo e mudança de atitude. A indignação das personagens diante da atitude do menino mostra que a autora percebe que é preciso não se calar diante dos crimes ambientais. A frase “Agora você cuida da natureza”, após o menino recolher seu lixo, marca a mudança acompanhada do apelo final “Cuide da natureza você também.”

Figura 30 – HQ 18 - Conscientização 5



Fonte: Registrado pelo autor

Título: Como não poluir o mar. - *Vou jogar o lixo no mar. – Não joga no mar. – Eu não ligo para o que ele fala. – Olha a lixeira ali. - O mar está bonito [sic].*

Quadrinhos com texto curto. O confronto inicial é cortado e a conclusão demonstra que houve conscientização, mas o aluno poderia ter mostrado como o

diálogo acabou. Avalio que o aprendizado aconteceu, mas deveria ter avançado mais.

Figura 31 – HQ 19 - Conscientização 6



Fonte: Registrada pelo autor

Título: Poluição do ambiente. – *Oi Pai! - Oi Milena [sic].- Que dia chato. – Que tal fazer alguma coisa [sic]. – Nss. Que fedor [sic]. - Tanto lixo. –Não podemos deixar assim. Legenda – Não jogue lixo. – Precisamos tomar uma atitude.*

O aprendizado constatado nesta história em quadrinhos é que essa aluna percebeu a necessidade de indignação diante do lixo. Mas ela não fala que atitude é essa, a não ser pela frase de caráter negativo, no penúltimo quadrinho, ou seja, ela mostra o que não fazer, mas não o que fazer. Um passo foi dado, mas a estudante deveria ter ido além.

Figura 32 – HQ 20 – Conscientização 7



Fonte: Registrado pelo autor

Título: Lixo

- Oi, sou João. – E eu sou Caroline – Olha a Placa (não jogue lixo) [sic].
Estou indo para a praia. Legenda – Para acabar com a poluição só gastar menos.
– Credo que cheiro ruim [sic]. – É o lixo.

Apesar da desorganização do roteiro, há a constatação dos problemas e um sinal de que a personagem pensou sobre isso ao apontar a placa “Não jogue lixo” e a legenda que expressa a necessidade de diminuir o consumo para diminuir a poluição. Houve a passagem de um nível de conhecimento para outro nível. Conversei com essa aluna e ela me disse que ao ler a história em quadrinhos sobre Ecofilosofia ela não tinha parado para pensar que consumimos mais do que precisamos. “[...] a gente compra muita coisa, mas não usa”. É necessário que ela aprenda a organizar sua narrativa.

Essa sequência de quadrinhos sobre conscientização mostra que os estudantes captaram a necessidade de ensinar e aprender Ecofilosofia. Há, no entanto, passos a serem dados para que a ideia de conscientizar a sociedade fique mais esclarecida. A primeira delas é fazer com que a comunicação, presente nos diálogos e nas placas das histórias, ganhe um *status* educativo. Depois disso, é mostrar *como* e *por que* o outro mudou de ideia. Tarefa difícil que leva o tempo de toda a formação da educação básica. Se a conscientização é possível, ela passa pela educação e pela consciência da mudança de pensamento, intermediada por experiências dialogais.

Figura 33 – HQ 21 – Ação de um grupo na praia



Fonte: Registrado pelo autor

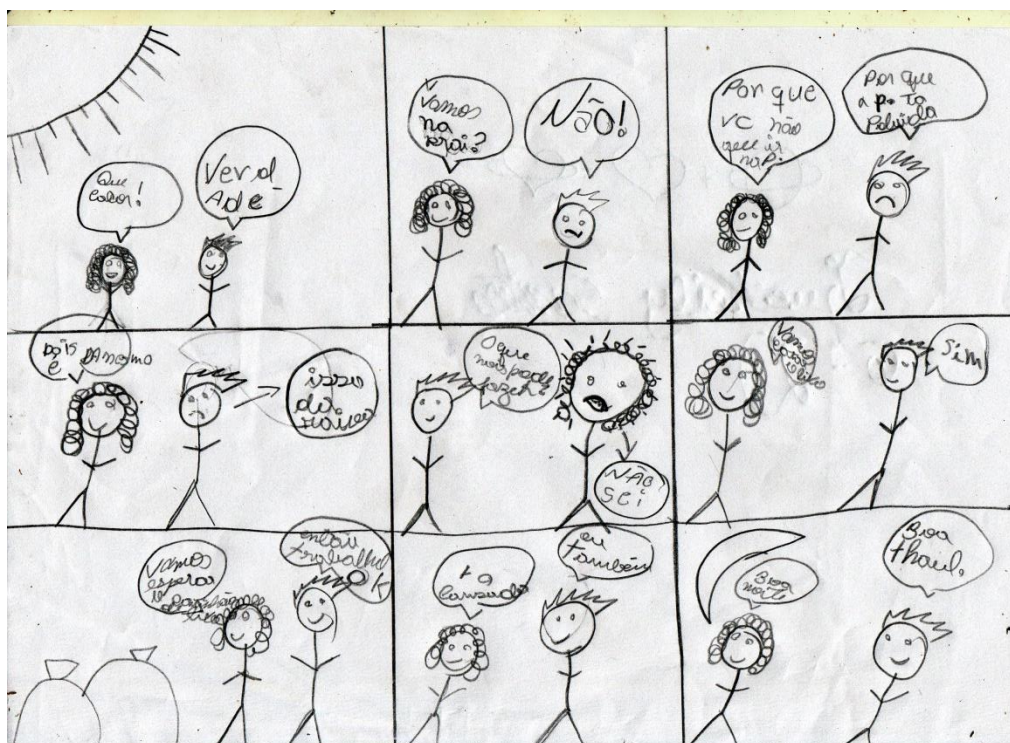
Título: A praia poluída – *Amiga! Que tal irmos na praia amanhã cedo?* [sic] *Amei a ideia! Topo.* – *Ok então.* *Legenda – No outro dia, as amigas vão a praia* [sic]: - *Amg, é impressão minha ou essa praia tá poluída?* [sic] – *Verdade!* – *Acho melhor a gente fazer alguma coisa!* – *Precisamos ajudar o meio ambiente!* – *Tive uma ideia!* – *Você tá com seu celular aí?* – *Sim! Por que?* [sic] – *Vamos fazer uma “multirão”, [sic] vamos chamar a turma para nos ajudar, iremos catar o lixo da areia e jogar nos lixos da praia, pelo menos ajudaremos de alguma forma!*

Essa história demonstra que a aluna passou a pensar na atitude diante do problema socioambiental. O “acho melhor a gente fazer alguma coisa” é a consciência de que algo não está bem e que precisa ser mudado para melhor. Talvez o mutirão para limpar a praia tenha limitações, pois se um grupo limpá-la não garante que as demais pessoas não jogarão mais lixo lá, mas esse gesto feito

por ONG's e outros grupos tem uma função mais educativa para os que fazem e para os que veem a ação *de fora*, do que a solução da poluição na praia.

O mutirão é a ideia que algo não pode ser realizado sozinho, mas coletivamente. Ideia presente na história em quadrinhos sobre Ecofilosofia lida em sala de aula.

Figura 34 – HQ 22 – Ação de um grupo na praia 2



Fonte: Registrado pelo autor

- Que calor! - Verdade. - Vamos na praia? [sic] - Não! - Por que vc não que ir na p.? [sic] - Por que a p. tá poluída? [sic] - pois da mesmo é. - Isso da raiva. - O que nós pode fazer? [sic] - Não sei. - Vamos catá o lixo. [sic] - Sim. - Vamos esperar o caminhão de lixo. - Então trabalhe ok. - Tô cansado. - Eu também. - boa noite. - Boa thaul [sic].

Segue o mesmo raciocínio da história anterior. A pergunta "O que nós podemos fazer?" questiona a postura dos personagens diante do problema. A cena do lixo recolhido demonstra a ação realizada e o cansaço das personagens nos quadrinhos finais mostra o quanto trabalharam. A ação contra o problema do lixo na praia parece demonstrar a necessidade de ação imediata. O aprendizado foi esse: agir diante do problema do lixo na praia.

Figura 35 – HQ 23 – Ação de um grupo na praia 3



Fonte: Registrado pelo autor

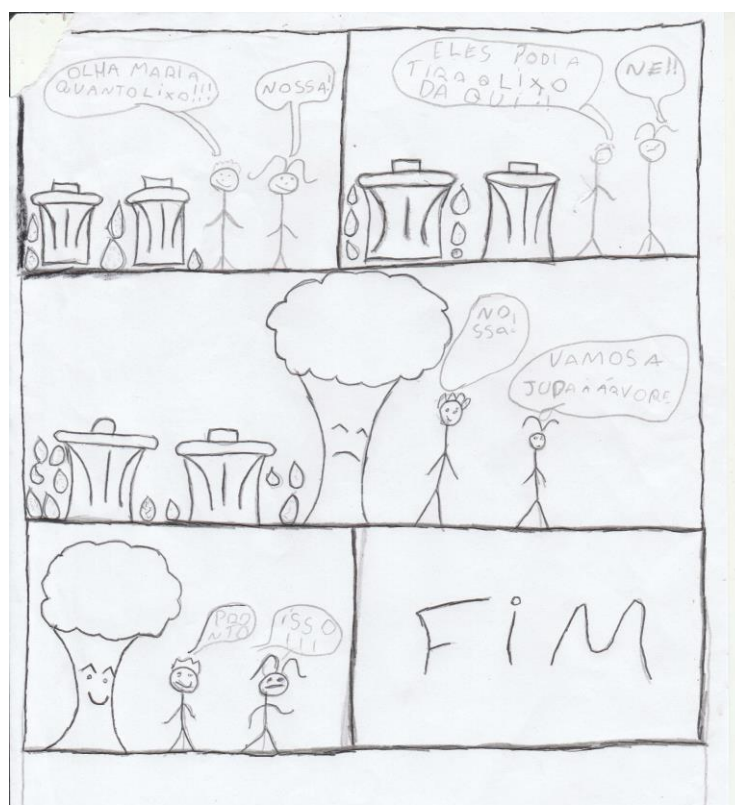
Título: Poluição na praia – *Oi tudo bom? Vamos na praia, amiga? [sic] – Oi, Tudo sim. – Vamos sim. – Eu não vou entrar na água não. – Nossa a água tá muito suja [sic]. – Vamos limpar a praia. Legenda – As meninas limpam a praia, depois de limpar a praia elas percebem que já estava tarde e decidem ir embora. – Vamos embora amiga! Já tá tarde. - Vamos eu estou cansada [sic].*

O destaque para esta narrativa são as imagens. A composição do desenho fala muito, como no último quadrinho que mostra a praia limpa com legenda para cada parte da praia. O processo está presente nos quadrinhos anteriores: Constatação do problema, indignação, proposta de ação, ação e pós-ação.

As histórias de ação de um grupo na praia pode ter origem em alunos que conversavam entre si ou na história em quadrinhos sobre Ecofilosofia (ações coletivas do quarteto) que foi lida em sala de aula e ficou com os alunos na hora de confeccionar sua própria história. A ideia de mutirão, a ideia de luta coletiva

para resolver a problemática ambiental me leva a pensar que houve um avanço no processo.

Figura 36 – HQ 24 – Outras ações

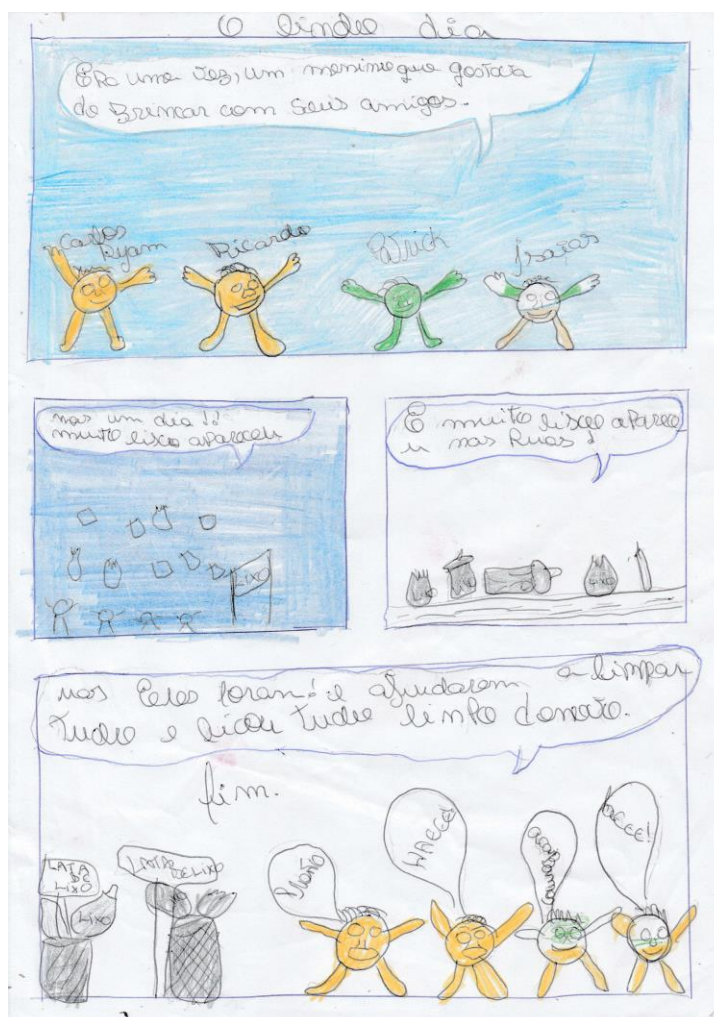


Fonte: Registrado pelo autor

- Olha Maria, quanto lixo. – Eles podia tirar o lixo daqui [sic]. – Nossa! Vamos ajuda a árvore [sic]. – Pronto – Isso!!! FIM

A narrativa chama a atenção porque a estudante tomou consciência da consequência que o lixo pode ter sobre as árvores, ela teve noção de interligação entre os problemas. A expressão de felicidade da árvore demonstra que as personagens tomaram uma atitude. Não está claro se agiram por conta própria ou se convocaram alguém para fazer essa ação, já que há um corte de tempo, ou seja, não há o *durante* somente o *antes* e *depois* da ação. Além do corte de tempo, há a frase do segundo quadrinho “Eles podiam tirar o lixo daqui” que demonstra que há responsáveis pela limpeza e que esses responsáveis devem fazer sua parte. Houve aprendizado sobre a necessidade de ação e de interligação entre a árvore e a limpeza ao seu redor.

Figura 37 – HQ 25 – Outras ações 2

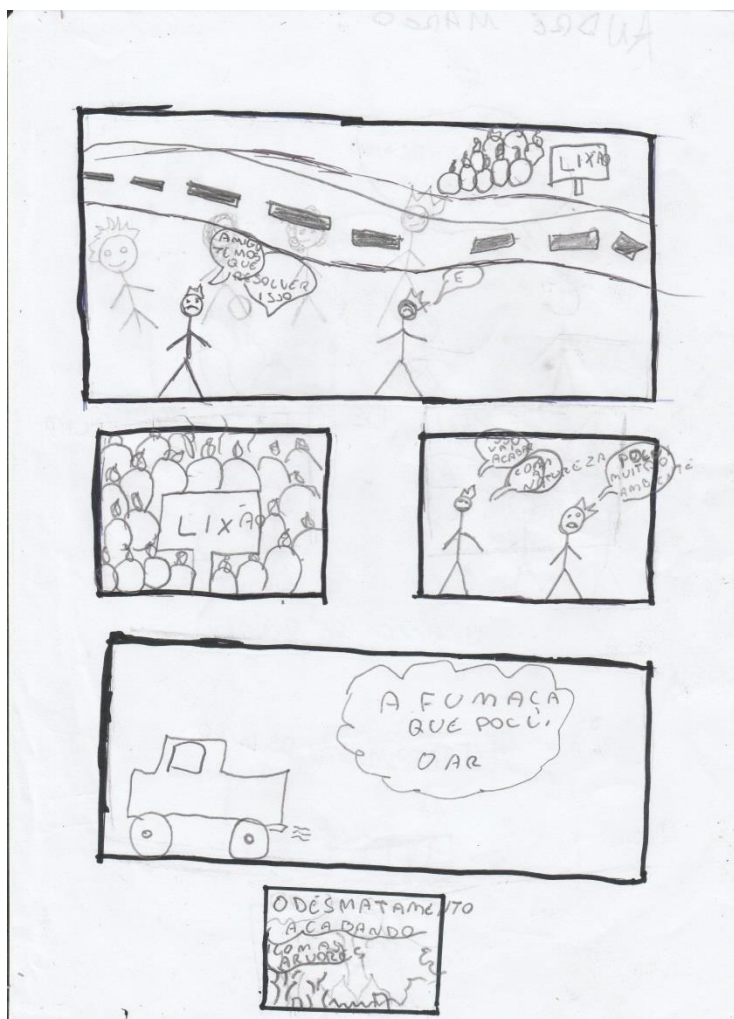


Fonte: Registrado pelo autor

Título: O lindo dia. Legenda 1 – *Era uma vez um menino que gostava de brincar com seus amigos. Carlos Ryan, Ricardo, Patrick e Isaias.* Legenda 2 – *Mas um dia!! [sic] Muito lixo apareceu.* Legenda 3 - *E muito lixo apareceu nas ruas!* Legenda 4 - *Mas eles foram e ajudaram a limpar tudo e ficou tudo limpo de novo [sic]. – Pronto. – Haeeee! – Acabamos – Aeee! FIM*

História quase toda legendada que seguiu o padrão de outras histórias. O quadrinho final mostra que as personagens colocaram a “mão na massa” e comemoram o resultado. Penso que o mutirão deve levar em consideração a função dos governos e dos cidadãos em suas ações. O aprendizado aconteceu, mas poderia ter avançado mais.

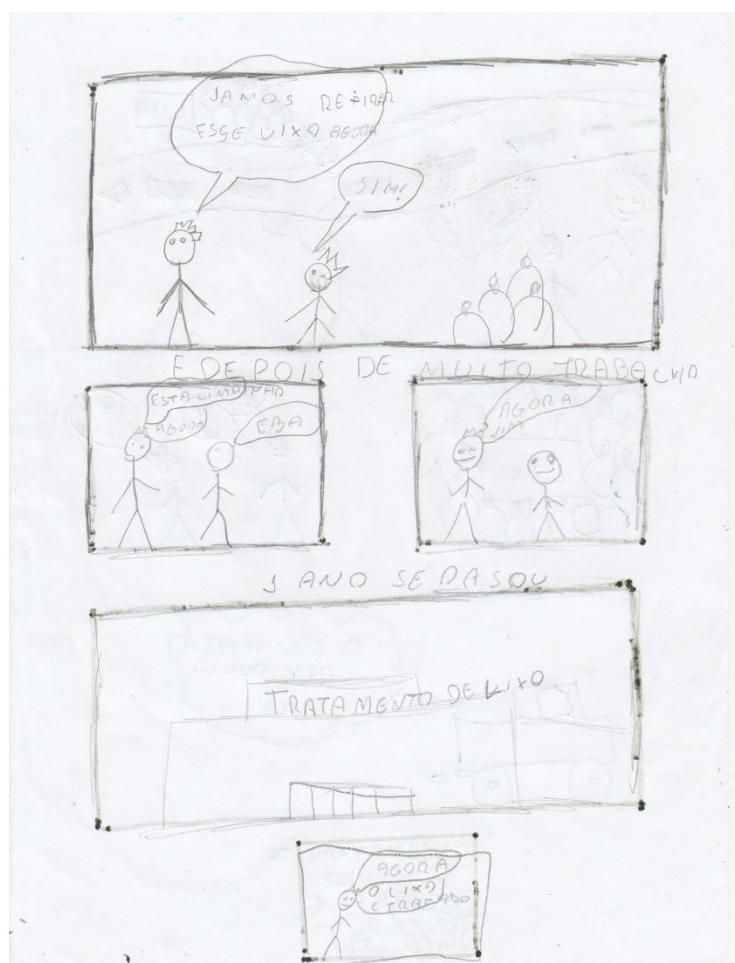
Figura 38 – HQ 26 – O problema



Fonte: Registrado pelo autor

- Amigo temos que resolver isso. – É. Isso vai acabar com a natureza. -
 Polui muito o ambiente. – A fumaça que polui o ar. – O desmatamento acabando
 com as árvores [sic].

Figura 39 – HQ 27– Tratamento de lixo



Fonte: Registrado pelo autor

- Vamos retirar o lixo agora. – Sim. Legenda 1 – E depois de muito trabalho.
 – Esta limpinho agora [sic]. – Agora sim. Legenda 2 – 1 ano se passou [sic].-
 Agora o lixo é tratado (Diante de uma estação de tratamento de lixo).

As histórias em quadrinhos 26 e 27 são do mesmo autor. Na primeira história, ele enfatiza demais os problemas. Somente o primeiro quadrinho – “Temos que resolver isso.” - demonstra preocupação com a solução dos problemas, mas o restante dos quadrinhos só mostra os desequilíbrios ecológicos.

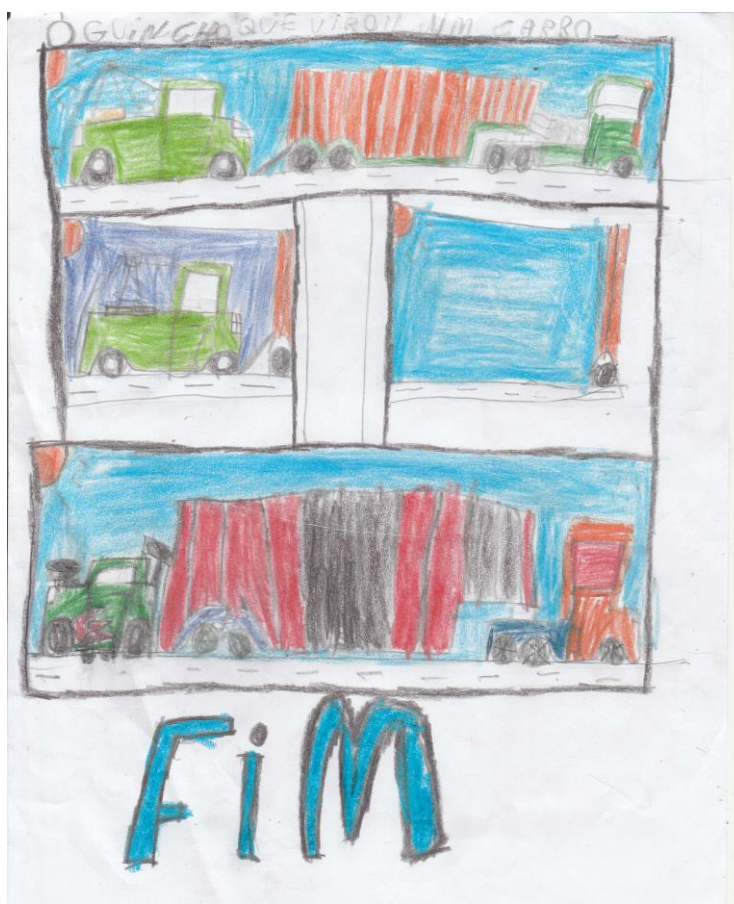
Ele mostrou o desenho e me perguntou o que eu achava. Falei que ele precisava pensar na solução. Ele se propôs a criar outra história. Vi que pesquisava o assunto em seu celular. Me entregou na aula seguinte.

Essa história em quadrinhos tem duas fases de ação. A primeira é a ação da dupla que fez um trabalho de limpeza. A segunda é a mudança na situação do lixo na cidade. O texto não deixa claro se a mudança partiu deles, mas evidencia a

dimensão política e social do lixo. O cidadão faz sua parte e os administradores da cidade fazem a sua. O aluno percebeu a importância das duas fases.

O aprendizado foi justamente ele compreender minha consideração e buscar por si mesmo a solução.

Figura 40 – HQ 28 - O guincho que virou um carro



Fonte: Registrado pelo autor

Título – O guincho que virou um carro

Esta narrativa só com imagens traz a história de um guincho que se transformou em carro, segundo aluno. Ele me disse que falou da reciclagem, mas tentei perceber na ludicidade do aluno algum aprendizado de Ecofilosofia, não consegui encontrar. Não atingiu o objetivo proposto.

Figura 41 – HQ 29 - Não *taca* o lixo no chão



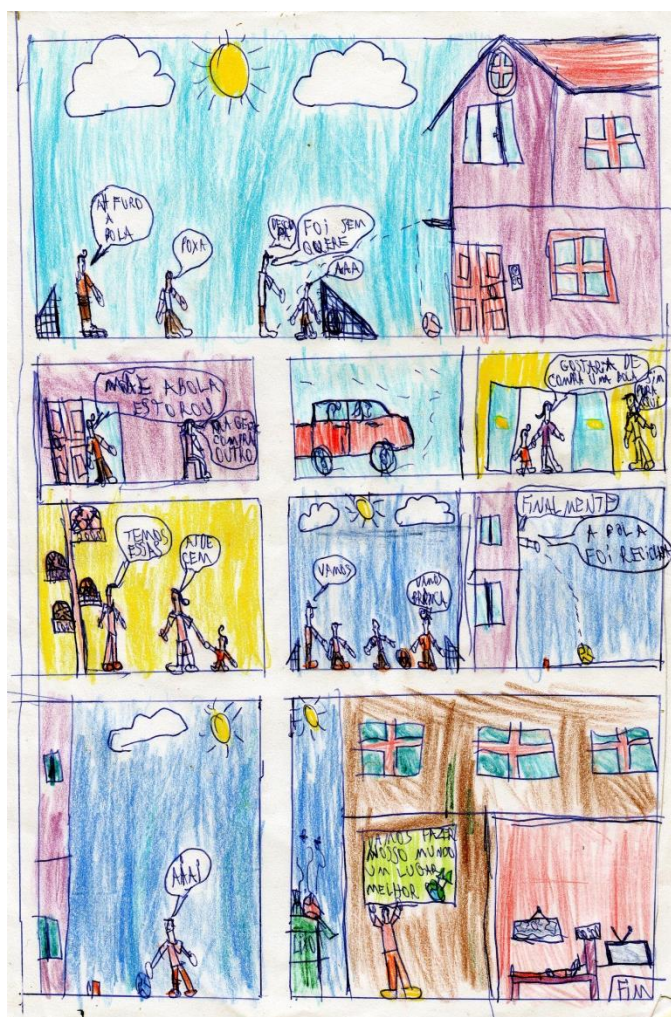
Fonte: Registrado pelo autor

Título: O lixo - Não *taca* o lixo no chão.

–*Tchau.* – *idiota* [sic]. As cenas seguintes mostram a menina retornando com cara de arrependida. O último quadrinho mostra os dois personagens sorrindo.

A tomada de consciência da menina que jogava lixo no chão demonstra que houve percepção da necessidade de mudança. Considero uma ação em nível individual que é válida, ou seja, não jogar lixo no chão como atitude de prevenção de problemas ambientais e de cuidado. Apesar da limitação na linguagem, a aluna compreendeu esses princípios.

Figura 42 – HQ 30 –Bola reciclada



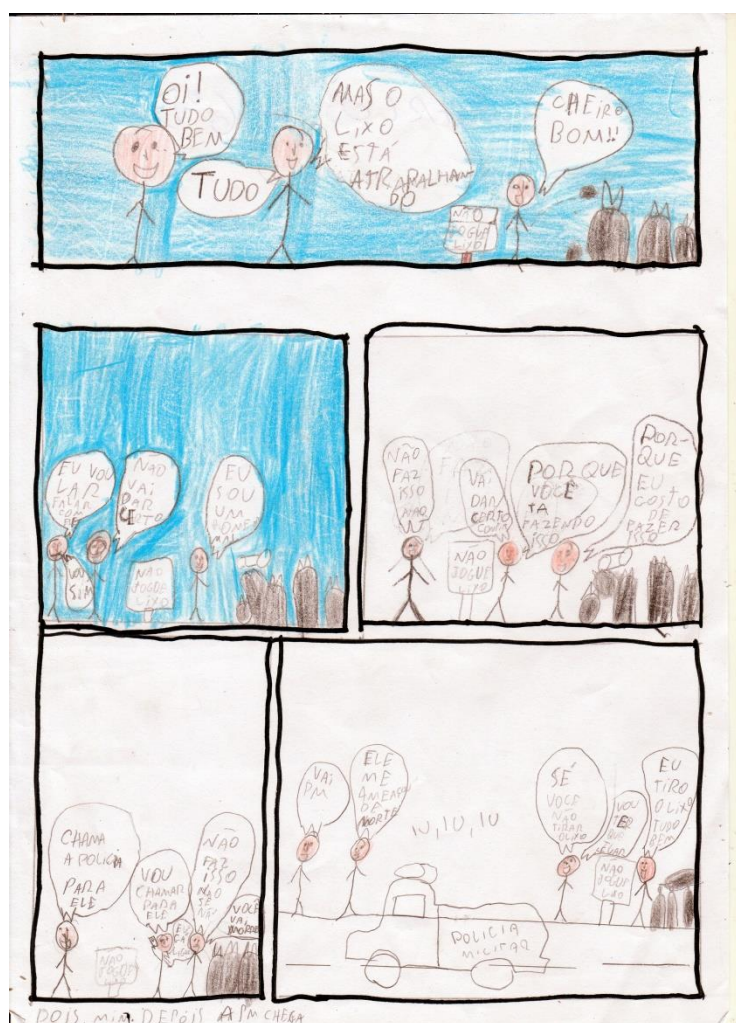
Fonte: Registrado pelo autor

- Ahh *furo* a bola [sic]. – Poxa. – Desculpa. Foi sem *quere* [sic]. -A A A – Mãe, a bola estorou [sic]. –Ama a gente compra outro [sic]. Na loja: - Gostaria de comprar uma bola. – Sim por aqui [sic]. – Temos essas. –As de cem?- Vamos. – Vamos brincar. – Finalmente a bola foi reciclada. – Aí, aí [sic]. Legenda: Vamos fazer nosso mundo um lugar melhor.

A história de uma bola furada e de um grupo de crianças querendo brincar traz a realidade do aluno/autor que gosta de jogar bola e traz a ideia das relações de consumo da história em quadrinhos sobre Ecofilosofia lida por nós em sala de aula. Diante do preço da bola, a mãe do menino decide reciclá-la e as crianças festejam. A reciclagem é vista com ressalvas na história em quadrinhos, pois é uma atividade que não deve depender somente dos indivíduos, mas também da iniciativa privada e dos governos para um trabalho de totalidade. O autor não

conseguiu compreender essa dimensão da reciclagem. O último quadrinho me pareceu, a princípio, fora de contexto, mas ao reler mais uma vez compreendi que o aluno relacionou as relações sociais (jogar bola com os amigos) com a reciclagem (na verdade é reutilizar a bola após reforma) para dizer que não precisamos consumir muito para fazer desse mundo um lugar melhor. O aluno confirmou essa interpretação.

Figura 43 – HQ 31 – Ação policial



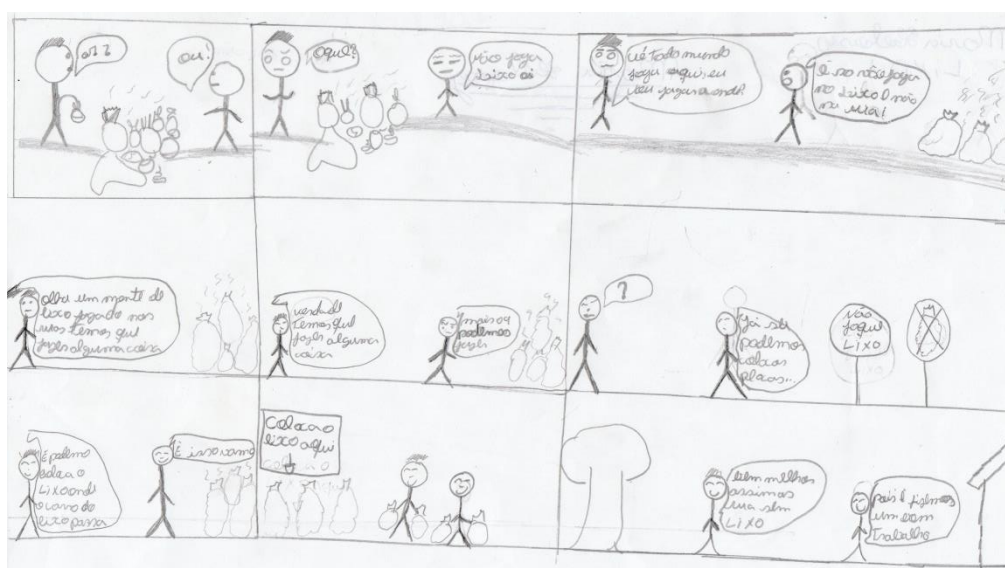
Fonte: Registrado pelo autor

- Oi! Tudo bem? – Tudo. - Mas o lixo está atrapalhando. – Cheiro bom. – Eu vou falar com ele [sic]. – Não vai dar certo. – Eu sou um homem mal. – Não faz isso não. – Vai dar certo confia [sic]. – Por que você está fazendo isso? – Por que eu gosto de fazer isso [sic]. – Chama a polícia para ele. - Vou chamar para ele. - Eu já liguei. – Não faz isso não senão...- Você vai morrer. Legenda - Dois min.

depois a policia chega [sic]. – Vai PM. – Ele me ameaçou de morte. – Se você não tirar o lixo vou ter que te levar. – Tudo bem eu tiro o lixo [sic].

A narrativa traz a força policial como solução para o problema do lixo. A realidade do aluno pode ter influenciado nesta trama com clima de violência. O objetivo não foi atingido aqui, pois a força da polícia ambiental é até necessária em alguns casos, mas não se relaciona diretamente com nossa proposta.

Figura 44 – HQ 32 – Consciência e ação



Fonte: Registrado pelo autor

- Oi. – Não joga o lixo aí. – O que? – Ué todo mundo joga aqui. Eu vou jogar aonde? – É só você jogar no lixo e não na rua! – olha um monte de lixo jogado nós temos que fazer alguma coisa [sic]. – Verdade temos que fazer alguma coisa [sic]. – mais o que podemos fazer [sic]. – Já sei, podemos colocar placas. E podemos colocar o lixo onde o carro do lixo passa. – É isso vamos [sic]. – bem melhor assim as rua sem lixo. pois é fizemos um bom trabalho [sic]. FIM.

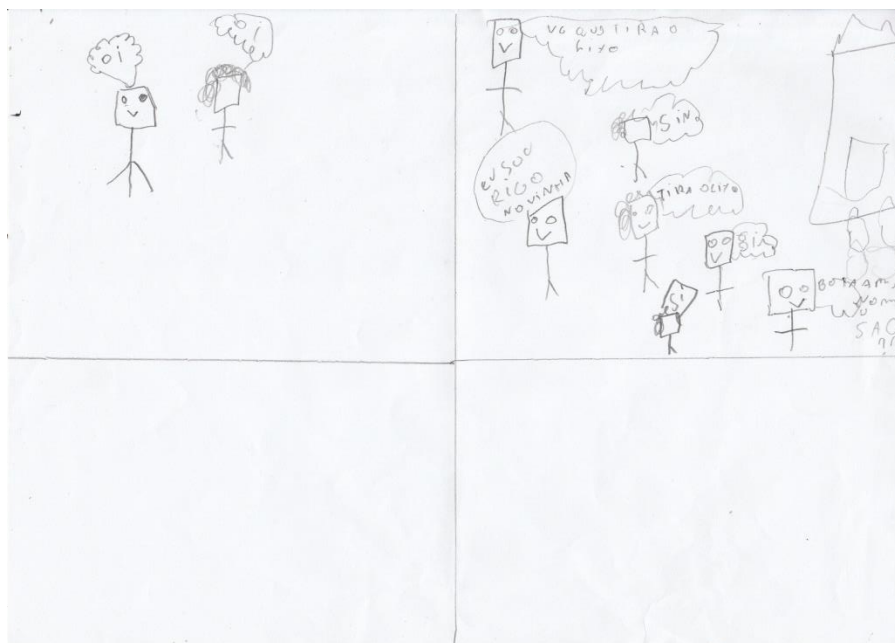
Essa narrativa une conscientização e ação, mas em nível individual. As placas são preventivas e colocar o lixo no lugar correto é fazer sua parte. A aluna atingiu parcialmente o objetivo, pois a dimensão do cuidado foi atingida.

Histórias em quadrinhos incompletas

Alguns alunos não completaram a tarefa, pois vinham em uma aula e na outra não e essas faltas fizeram com que os alunos não conseguissem concluir a tarefa. Dois alunos não terminaram por indisposição, falta de vontade. Isso mostra

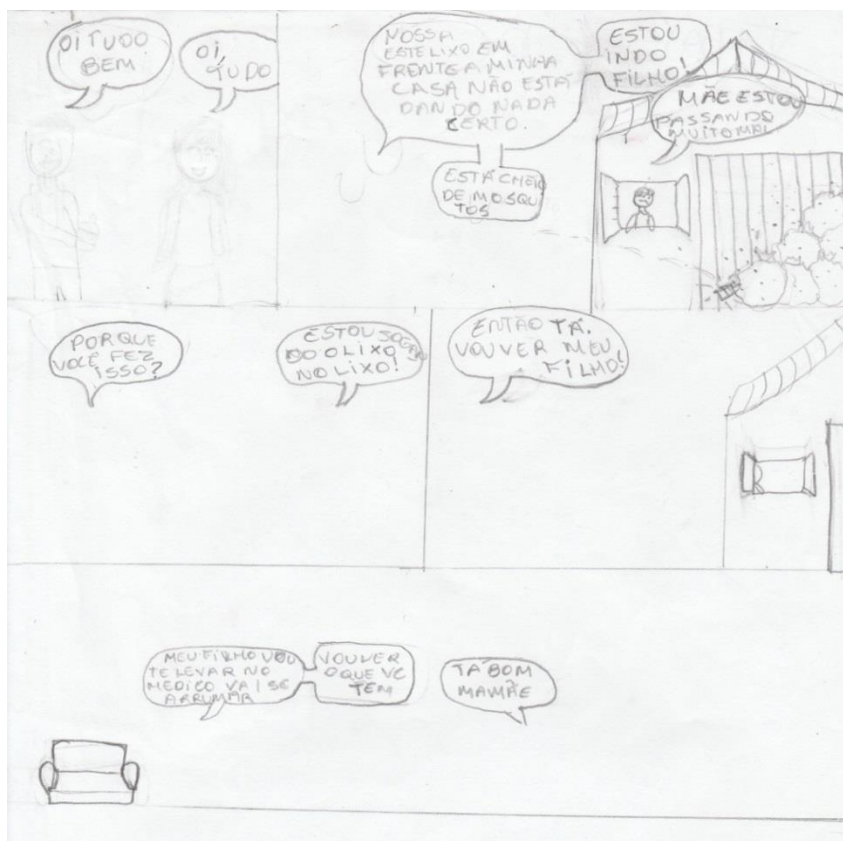
uma das características das turmas dos sextos anos da escola, conforme relato dos professores e minha experiência com eles em outros momentos.

Figura 45 – HQ 33



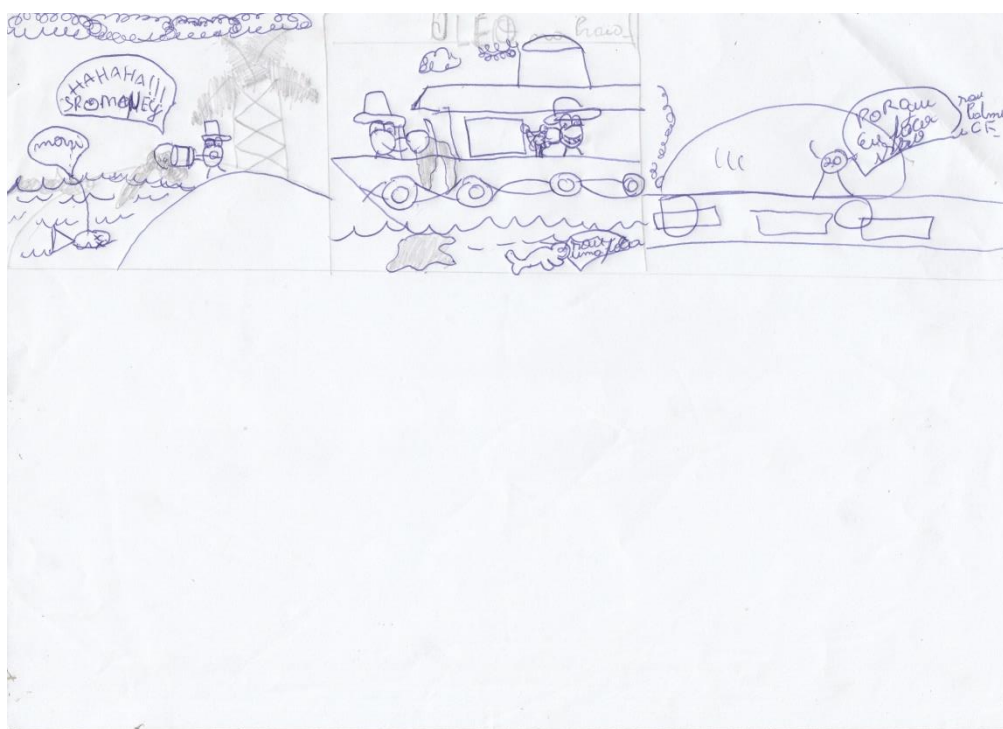
Fonte: Registrado pelo autor

Figura 46 – HQ 34



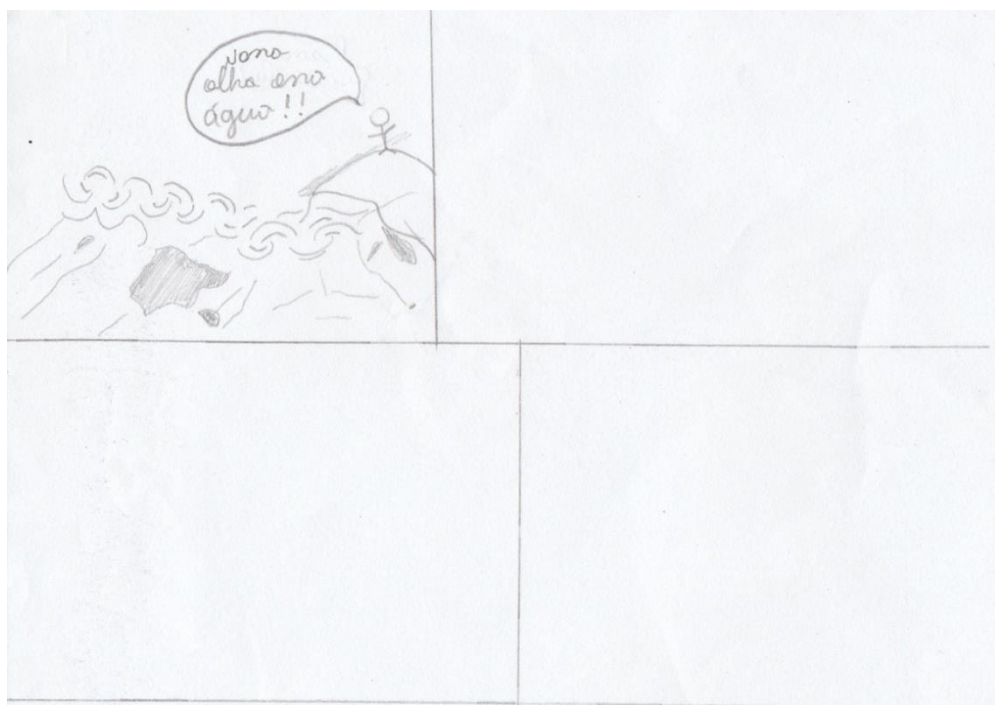
Fonte: Registrado pelo autor

Figura 47 – HQ 35



Fonte: Registrado pelo autor

Figura 48 – HQ 36



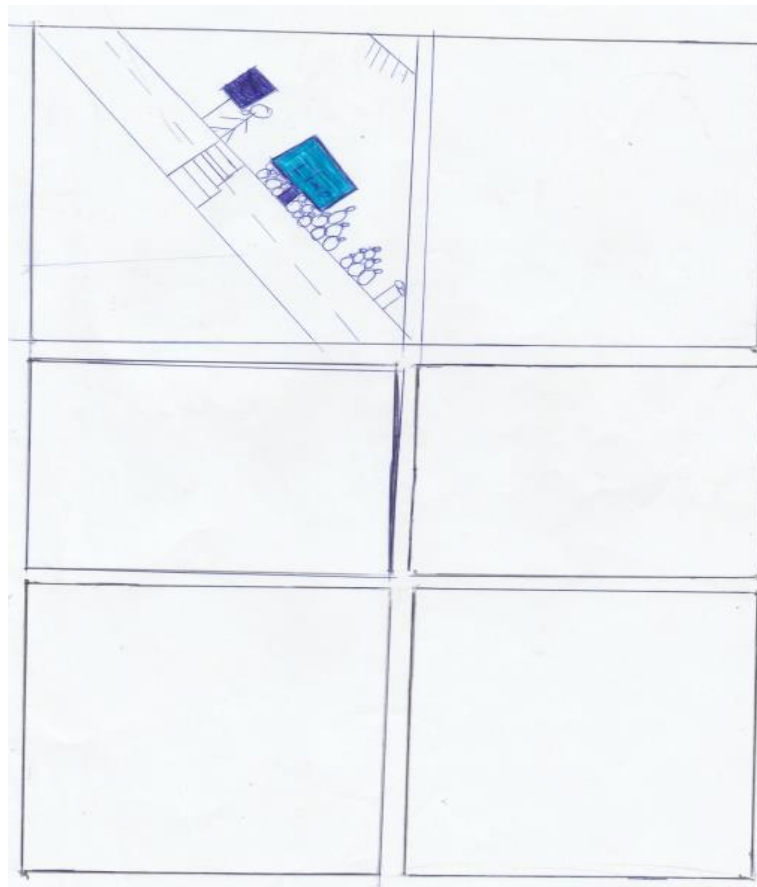
Fonte: Registrado pelo autor

Figura 49 – HQ 37



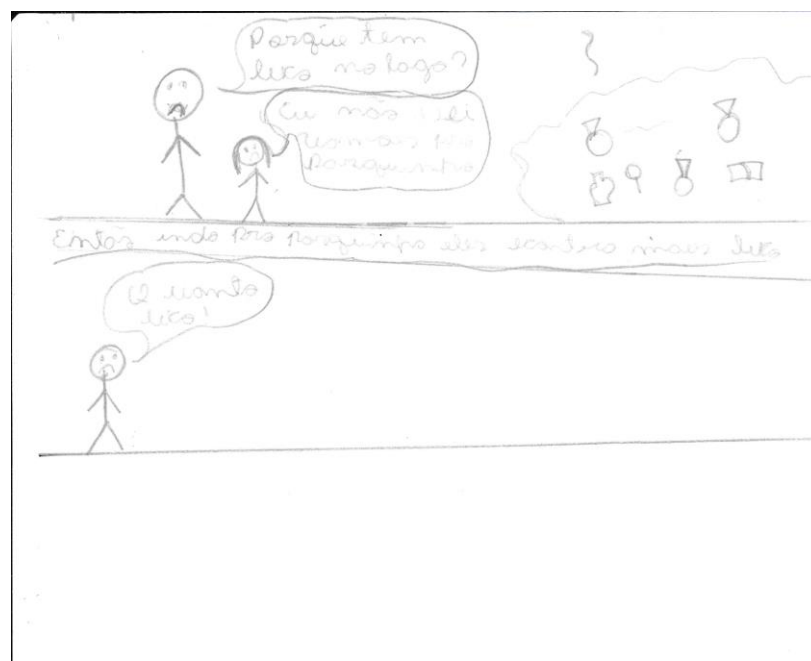
Fonte: Registrado pelo autor

Figura 50 – HQ 38



Fonte: Registrado pelo autor

Figura 51 – HQ 39



Fonte: Registrado pelo autor

Figura 52 – HQ 40



Fonte: Registrado pelo autor

4.3 EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES

A princípio foi pensado expor os trabalhos na biblioteca da escola, mas em novembro o movimento por lá cai e, além disso, muitos alunos pediram para que a exposição acontecesse na sala de aula (muitos não queriam que sua obra de arte fosse vista por outros alunos) e assim o fizemos, com as duas turmas. Alunos e professores (Eu e J. Aarão) organizaram os trabalhos em uma corda de varal.

Houve comentários entre eles sobre o trabalho. Alguns debochavam do trabalho dos colegas, outros, envergonhados, não queriam que seu trabalho fosse exposto. Em contraste, notei que alguns alunos pensavam sobre alguns quadrinhos dos colegas com frases como “Ele deu uma boa ideia!”; “Acho que a gente tem que cobrar da prefeitura mesmo!”; “A história da L. o pessoal protesta e consegue resolver o problema do peixe podre” e “Olha, como eles cuidam do mar!” marcaram a exposição. Outros professores elogiaram o trabalho dos alunos.

4.4 AVALIAÇÃO DO PROCESSO

O processo passou por algumas dificuldades. A primeira delas é ligada ao tempo, pois há muitas atividades e eventos da escola no último trimestre e algumas aulas foram perdidas com isso. Outra dificuldade é com os alunos faltantes e os que não cumpriram a tarefa. A situação pedagógica dos alunos dos sextos anos é um problema da escola e, em conversa com outros professores, constatei ser problema de muitas escolas. Muitos não foram devidamente alfabetizados e tem dificuldades de escrita.

Nenhuma destas dificuldades impediu o processo de atingir o objetivo principal de passar de um nível de conhecimento para outro nível, sair do aparente e avançar para o concreto. Houve avanço e processo de abstração, conforme visto nas produções das histórias em quadrinhos e nos diálogos, mas logicamente que para o nível escolar de pré-adolescentes com certa dificuldade de escrita e totalmente mergulhados no senso comum, é um passo dado.

A metodologia dialética presente nesse processo foi fundamental para chegar a este objetivo. É uma forma de estruturar e conduzir o processo de ensino aprendizagem que traz a mudança planejada pelo educador, mas não definitivamente, pois novas sínteses virão com novas experiências educacionais.

As contradições existentes na produção dos alunos e alunas faz parte do processo dialético. A HQ 31 sobre a ação policial, por exemplo, traz contradições de sua realidade, misturando o pensar/imaginar do aluno e o que ele vive. Ele pensa na solução da força coercitiva, mas mostra o aspecto da denúncia que é um aspecto da Ecofilosofia. Essa contradição traz o germe da possibilidade de mudança no pensar. Outras abstrações virão.

Os quadrinhos produzidos e as rodas de conversa demonstraram que houve mudanças no pensar dos estudantes. Da conversa inicial até as produções e exposição dos trabalhos dos alunos houve um processo interno que culminou nas criações que evidenciou a mudança nos criadores, conforme relatado.

Essa análise é qualitativa, mas os dados numéricos abaixo dão suporte a nossa avaliação.

Tabela 6 - análise qualitativa/dados numéricos

Alunos com quadrinhos completos	32
Alunos com quadrinhos incompletos	8
Alunos que não fizeram a atividade	9
Alunos com muitas faltas ³⁶	8
Total de alunos	57

Fonte: Elaborado pelo autor

Esses números mostram que toda atividade pedagógica deve levar em consideração a realidade escolar. O fato de uma parcela significativa de alunos não cumprirem com a atividade proposta leva a pensar em um tempo maior para criar ações de sedução, de motivação para criarem seus quadrinhos. Oito alunos não concluíram seus desenhos e o principal motivo é a ausência deles em momentos importantes, como na oficina para criar quadrinhos. Esses dados demonstram que é um desafio para projetos e processos pedagógicos se inserirem na realidade escolar, mas que podem fazer a diferença e dar sua contribuição para a mudança dessa realidade. Este trabalho de ensino de Ecofilosofia levou em consideração a faixa etária, a situação social diversa e a característica intelectual dos alunos.

Os 32 (trinta e dois) quadrinhos produzidos e analisados trouxeram resultados, em sua maioria, positivos. Ao comparar as ideias expostas no primeiro momento com as histórias em quadrinhos criadas pelos alunos, há avanços consideráveis. Para alunos de sexto ano com dificuldade de leitura e escrita, isso foi, com devidos limites, um avanço.

³⁶ Alunos que não frequentavam, mas que não cancelaram a matrícula.

5 CONCLUSÃO

Esta dissertação é baseada na noção de totalidade. A prática educativa proposta e executada é integrada com teoria da Ecofilosofia, com a dialética como concepção metodológica de ensino com os quadrinhos como método dialético.

Constata-se que essa totalidade deve contemplar além do conhecimento filosófico acumulado na história e do processo de filosofar, a relação com os conhecimentos científicos. A Ecofilosofia reconhece a importância fundamental dos outros saberes para fundamentá-la. A parceria com o professor de Ciências da escola foi nessa perspectiva, pois ele ajudou a fundamentar a realidade socioambiental com conhecimentos das Ciências da Natureza.

Adotar a dialética como concepção metodológica de ensino de Ecofilosofia, por sua possibilidade de promover mudanças significativas ao buscar criticamente os fundamentos da realidade, por meio da abstração e sair da percepção da aparência para chegar à realidade concreta, foi fundamental para este trabalho e mantém coerência com a visão de totalidade.

A potencialidade dos quadrinhos intensificou-se como método dialético. Além da clareza de como utilizar as histórias em quadrinhos, favoreceu um caminho para um aprendizado filosófico. Isso é comprovado pela maioria dos quadrinhos produzidos pelos alunos.

Houve limites nesse processo pedagógico conforme já demonstrado, mas podem ser superados com adequações pedagógicas.

Ao fazer um balanço de todo o processo desta dissertação, percebi que a teoria de Ecofilosofia vinculou-se didaticamente a prática educativa, pelas histórias em quadrinhos lida e criadas. Houve experiência de Educação Ambiental, experiência de linguagem estética e experiência de pensar filosófico para o nível dos alunos de sexto ano. O diálogo perpassou toda prática e foi elo fundamental para ligar o pensamento Ecofilosófico aos quadrinhos. Considero uma experiência válida para um aprendizado que leva anos, que faz parte de um processo mais amplo.

Se outro professor quiser utilizar este processo pedagógico da forma como foi proposta aqui, é possível chegar a resultados similares. Com as adaptações à sua realidade, o professor de Filosofia pode dispor desta história em quadrinhos sobre Ecofilosofia para ler e dialogar com os estudantes, orientar a criação das histórias e observar os resultados baseados na mudança dialética dos alunos. O que pensavam/sentiam antes e como pensam/sentem depois da prática? Como os alunos abstraem a realidade socioambiental depois da leitura da história em quadrinhos? A criação das histórias em quadrinhos demonstrou essa mudança? Que outras evidências podem ser colocadas como mudança dialética?

Há possibilidade de reaplicação deste trabalho com quadrinhos utilizando outros formatos e outras formas de ensino/aprendizagem. Uma delas é a de utilizar quadrinhos disponíveis no mercado que trazem questões Ecofilosóficas como, por exemplo, tirinhas da *Mafalda de Quino*³⁷, da *Turma do Xaxado* de Antonio Cedraz³⁸, do *Armandinho* de Alexandre Beck³⁹, *Oi! o tucano ecologista* de Fernando Rebouças⁴⁰ e *Bichinhos de Jardim* de Clara Gomes⁴¹. No Brasil, há, ainda, *A turma do Pererê* de Ziraldo e os personagens Chico Bento e Papa Capim de Mauricio de Sousa que tratam de questões ecológicas. No ramo de super-heróis temos o quadrinho nacional *Papo Amarelo* de Moacir Torres⁴²; *O Homem Animal – O Evangelho do Coiote* de Grant Morrison e *O Monstro do Pântano* de Alan Moore.⁴³ A partir das leituras dessas ou outras histórias em quadrinhos, há possibilidades inúmeras de aplicação que vão desde exercício de interpretação até debates sobre a temática de acordo com a faixa etária e série escolar.

Para a criação de quadrinhos também há outras possibilidades como a experiência com fanzines, válida para os alunos que afirmam não saber desenhar ou a atividade de criar o texto nos balões em quadrinhos com desenhos prontos.

³⁷ <https://www.quino.com.ar/>

³⁸ <http://turmadoxaxado.blogspot.com>

³⁹ <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>

⁴⁰ <http://www.oiarde.com/hq.htm>

⁴¹ <http://bichinhosdejardim.com/>

⁴² <http://papo-amarelo.blogspot.com/p/hqs-do-papo-amarelo.html>

⁴³ Sugiro a leitura de ANDRAUS, Gazy. As HQs como leitura imagética de conscientização ecológica e ambiental e para conhecer outros quadrinhos sobre o assunto.

Enfim, é possível fazer readaptações do método, vinculada à concepção metodológica.

A tarefa da Ecofilosofia na educação é, enquanto Filosofia, contribuir para que o educando mude seus valores, suas concepções, sua prática socioambiental diante do sistema econômico e sua racionalidade vigente e, emancipado, empenhe-se em lutar por uma sociedade e meio ambiente que garanta a vida. José Carlos Costa (2004) afirma que:

[...] se a “filosofia ambiental” deseja contribuir efetivamente para a concepção de um movimento prático que seja capaz de reverter o rumo à hecatombe ambiental, ela deve voltar-se mais para a própria filosofia e menos para o ambiente (COSTA, 2004, p. 29).

Isso significa que a Filosofia deve resgatar ou manter a visão de totalidade da realidade e abarcar o meio ambiente e suas relações e pensar na transformação da sociedade e de sua racionalidade.

Toda Filosofia deveria ser Eco. Assim a (Eco) Filosofia questionaria as bases da racionalidade predominante, a racionalidade capitalista e apontaria bases para a mudança e atuaria para que isso acontecesse na totalidade da realidade. Para o bem da sobrevivência do planeta, a Ecofilosofia deve prevalecer. Esta pesquisa é uma semente lançada para que a Ecofilosofia prevaleça e isso significa transformar este mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABDALLA, M. A dialética como método e sua apropriação pela educação popular no Brasil. Vitória: [s.n.], 1994. 104 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

_____. O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Educar para a cooperação: a nova racionalidade e as perspectivas para a educação crítica. Vitória: UFES, v. 1, 2009a. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). 2009a.

_____. Educar para a cooperação: a nova racionalidade e as perspectivas para a educação crítica. Vitória: UFES, v. 2 2009b, 2009b. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

_____. Como ensinar filosofia: o desafio do filósofo-educador. 1ª. ed. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2009c.

ABIPLAST. - Associação Brasileira da Indústria e do Plástico; PLASTIVIDA – Instituto Socioambiental dos Plásticos. Nota sobre o Relatório “Solucionar a Poluição Plástica” (WWF), 2019. Disponível em: <<http://plastivida.org.br/images/releases/2019/NotaPlastividaAbiplastsobreoelatorioWWF>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

ANDRAUS, Gazy. As HQs como leitura imagética de conscientização ecológica e ambiental. 2003. Disponível em <http://copec.eu/congresses/cbpas2003/proc/pdf/T143.pdf> Acesso em 20/03/2020

ARAÚJO, N. M. S.; SILVA, M. D. G. E.; SANTOS, J. S. “Consumo consciente”: o ecocapitalismo como ideologia. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 95-111, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v15n1/a10v15n1>>. Acesso em: 24 dez. 2019.

BADIOU, A. Para uma teoria do sujeito: conferências brasileiras. Tradução de Emerson Xavier da Silva & Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BENDIS, B. M.; PICHELI, S.; PONSOR, J. Homens Aranha 2. São Paulo: Panini, 2018.

BOFF, L. Da Libertação e Ecologia. In ANJOS, Marcio Fabri (org.) Teologia e Novos Paradigmas. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Civilização Planetária Desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. Ecologia: Gritos da Terra, Grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Ecologia Mental, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.biologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=20261>>. Acesso em: 2019. Vídeo de 9min31s.

_____. BOFF, Leonardo. As quatro Ecologias: ambiental, política e social, mental e integral. Rio Janeiro: Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

_____. O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012b.

_____. A água no mundo e sua escassez no Brasil. LeonardoBOFF.com, 2015. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2015/02/02/a-agua-no-mundo-e-sua-escassez-no-brasil/>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. LeonardoBOFF.com. IHU Entrevista de Leonardo Boff pelos seus 80 anos, 2018. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2018/12/16/ihu-entrevista-de-leonardo-boff-pelos-seus-80-anos/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRANDÃO, D. A linguagem dos quadrinhos. Curso quadrinhos em sala de aula. Fascículo 3. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2017.

BRASIL. Matriz de referência para ENEM 2009. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. INEP/MEC.

_____ Base Nacional Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BURKETT, P. O Diário.Info. Marxismo e ecologia: Entrevista com Paul Burkett. Entrevista à João Aguiar, 2007. Disponível em: <<https://www.odiarario.info/marxismo-e-ecologia-entrevista-com-paul-burkett/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

CARTA DA TERRA. A CARTA DA TERRA, 2000. Disponível em: <<https://earthcharter.org/read-the-earth-charter/>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARIACICA. Documento para Consolidação das “Práticas de Filosofia e Ciências Sociais” na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: Desafios e Perspectivas. Cariacica: manuscrito, 2009.

_____ Diretrizes Curriculares do Município de Cariacica-ES — Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano), 2012. Disponível em: <<https://www.cariacica.es.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/DIRETRIZES-FINAL-6%C2%BA-AO-9%C2%BA-ANO.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CEDRAZ, A. Vida & Arte - o Blog do Caderno de Cultura do Jornal da Paraíba. A turma do xaxado, 2014. Disponível em: <<http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/vidaearte/2014/09/11/morreu-antonio-cedraz-cartunista-criador-da-turma-xaxado/>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

CHINEN, N. A academia abre as portas para os quadrinhos. In revista Conhecimento Prático Literatura. nº 51 Ed. Especial Arte-Educação HQs. São Paulo: Escala, 2013. 50 a 53 p.

CIRNE, M. A linguagem dos quadrinhos. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____ Quadrinhos, sedução e paixão. Petrópolis: Vozes, 2000.

CÓ, W.; MARCONDES, K. A. Gaia: Uma semente. Vitória: Edufes, 1999.

COSTA, J. C. Ação ambiental. Filosofia e circunstâncias, Viçosa, v. ano VII, n. 30, p. 27 -29, set./out 2004.

CUTTS, S. Youtube. "Man". Curta de animação, 21 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>>. Acesso em: 01 out. 2019.

DANTAS, G. Esquerda Diário. Marx, Epicuro e a concepção de natureza e dialética [Parte I], 20 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Marx-Epicuro-e-a-concepcao-de-natureza-e-dialetica-Parte-I>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

_____ Esquerda Diário. Marx, Epicuro e a concepção marxista de natureza e dialética [Parte II], 27 jun. 2015b. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Marx-Epicuro-e-a-concepcao-marxista-de-natureza-e-dialetica-Parte-II>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

_____ Esquerda Diário. Marx escreveu sobre meio ambiente?, 11 out. 2017. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Marx-escreveu-sobre-meio-ambiente>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

DODSWORTH-MAGNAVITA, A. A filosofia para questões urgentes. Filosofia Ciência e Vida, São Paulo, n. 72, p. 14-22, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/6703447/Ecosofia_-_A_Filosofia_para_quest%C3%B5es_urgentes>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DRENGSON, A. Ecocentrism. Ecophilosophy, Ecosophy and the Deep Ecology Movement: An Overview, 1999. Disponível em: <<http://www.ecospherics.net/pages/DrengEcophil.html>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DULLEY, R. D. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. Agricultura em São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul/dez 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-2.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

EISNER, W. WillEisner.com. A Contract With God, 1978. Disponível em: <<http://www.willeisner.com/library/a-contract-with-god.html>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

EISNER, W. Quadrinhos e arte sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERNANDES, V.; SAMPAIO, C. A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. DMA - Desenvolvimento e Meio Ambiental, Curitiba, n. 18, jul-dez 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/13427/9051>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FOLADORI, G. Crítica Marxista. O metabolismo com a natureza, São Paulo, n. 12, p. 105-117, maio 2001.

FONSECA, A. et al. Imazon. Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (dezembro de 2018) SAD (p. 1), Belém, 2018. Disponível em: <<https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-dezembro-2018-sad/>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

FOSTER, J. B. A ecologia de Marx: Materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOX, L.; LEONARD, A. YouTube. A história das coisas. (Versão brasileira: Estúdios Gavi New Track) Documentário (21min), 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xBCoc842FV8&feature=emb_title>. Acesso em: 01 out. 2019.

FRANCISCO, P. Laudato Si', Louvado sejas - sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.

FRANCO, A. D. Humana - Aprendizagem Interativa. Uma teoria da cooperação baseada em Maturana, 2001. Disponível em: <<http://humana.social/uma-teoria-da-cooperacao-baseada-em-maturana/>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GUATTARI, F. As Três Ecologias. Campinas: Papirus, 1990.

HENFIL. HQ Memória. Imagem do Fradim in Henfil e Fradim: O Passaporte para a transgressão, 2019. Disponível em: <<http://hqmemoria.com/?p=356#.XIQ8O2hKjIU>>. Acesso em: 21 out. 2019.

HOEFEL, J. L. D. M. Unicamp. Valores e significados: a reflexão de Arne Naess sobre questões ambientais, Campinas- SP, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279951/1/Hoefel_JoaoLuiz deMoraes_D.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

IPCC. Global warming of 1.5°C Summary for Policymakers. IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), 2018. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/2/2018/07/SR15SPMversionstandaloneLR.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

KAWAI, S. D. C. L. Resignificação dos balões das histórias em quadrinhos. Nova Escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/3766/ressignificacao-dos-baloes-das-historias-em-quadrinhos?>>>.

KONDER, L. O Que é Dialética (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2008.

LEONARD, A. A História das Coisas: Da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2011.

LIMA, F. J. G. D. Filosofia, verdade e política em Alain Badiou. Griot : Revista de Filosofia, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/574>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

LÖWY, M. O que é Ecosocialismo? São Paulo: Cortez, 2014. (coleção: Questões de nossa época vol. 54).

MAFFESOLI, M. MATRIMONIUM: Pequeno tratado de ecosofia in MAFFESOLI, Michell. Saturação. São Paulo: Iluminuras, 2010.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Abril Cultural, v. III tomo 2 (coleção Os Economistas), 1986.

_____ Manuscritos econômicos-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____ Manifesto comunista Org. de Osvaldo Coggiola. 4ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2005. (Ed. 4ª reimpressão).

_____ A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Tradução de Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATURANA, H. Ontologia da realidade. 2ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MEDAGLIA, V. R. Sinopse da Filosofia do Meio Ambiente. Contextualização dentro da Filosofia, Principais Problemas e Indicações acerca de Possíveis Soluções. Inga - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais, 2005. Disponível em: <http://www.inga.org.br/docs/sinopse_da_filosofia.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

MELO, L.; CRUDI, L. Cavaleiro da Luz. O Cavaleiro da Luz e a revolução brasileira, 2017. Disponível em: <<https://quadrinhopole.com/comic/cavaleiro-da-luz-volume-1/>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

MOORE, A.; BISSETE, S. A saga do monstro do Pântano. Rio de Janeiro: Pixel Media, 2007.

MOORE, A.; LLOYD, D. V de Vingança. São Paulo: Panini, 2006.

MOYA, Á. D. História das histórias em quadrinhos. São Paulo: L&PM, 1986.

NAESS, A. *The Shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. Inquiry: Na Interdisciplinary Journal of Philosophy*, 1973. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00201747308601682>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____. *The deep ecological movement: Some philosophical aspects. In Deep Ecology for the 21st Century*. Bostom: Shambhala, 1995.

NAESS, A.; SESSIONS, G. *The Anarchist Library. Basic Principles of Deep Ecology*, 1984. Disponível em: <<https://theanarchistlibrary.org/library/arne-naess-and-george-sessions-basic-principles-of-deep-ecology.lt.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

NAESS, A.; SESSIONS, G. *The Deep Ecology Movement: Na Introductory Anthology*. Berkeley: North Atlantic Publishers, 1995.

NAIME, R. Teoria de Gaia, de ideia pseudocientífica a teoria respeitável, artigo de Roberto Naime, in EcoDebate. EcoDebate, 04 jul. 2017. ISSN 2446-9394. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2017/07/04/teoria-de-gaia-de-ideia-pseudocientifica-teoria-respeitavel-artigo-de-roberto-naime/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

NASCIMENTO, A. Entrevista sobre “ética ambiental” com Amalia Safatle. Página 22, Vol. 41- Fundação Getúlio Vargas, São Paulo - Brasil, 13 abr. 2010. Disponível em: <<http://pagina22.com.br/2010/05/09/filosofia-e-natureza/>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. A escassez de água, 2018. Disponível em: <<https://www.unwater.org/water-facts/scarcity/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ORGANON. Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais. Impactos socioambientais no Espírito Santo da ruptura da barragem de rejeitos da

Samarco - Relatório preliminar, novembro/dezembro. Mimeo. 2015. Disponível em: <http://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/relatorio_de_impactos_organon.asd_.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

PONZO, P. Guia essencial de Narrativa Gráfica para quadrinhos. (E-book). [S.l.]: [s.n.], 2019.

PPP. PPP - Projeto Político Pedagógico da Emef Professor Cerqueira Lima. Cariacica, Mimeo: [s.n.], 2015.

REIS, D. Peryc, O Mercenário 03 – Peryc Sketchzine 01 – a Ordem. Tchê: Quadrinhos Independentes desde 1987, 2016. Disponível em: <<https://tchezine.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

RODRIGUES, V. M. D. S. *Deep Ecology*: Princípios, Fundamentos e Fins. FCHS - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Nova de Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/7622/1/Tese%20Mestrado%20-%20Deep%20Ecology.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SAHTOURIS, E. A dança da Terra - sistemas vivos em evolução: uma nova visão da biologia. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS NETO, E. D. 10 considerações para professores que desejam trabalhar com História em Quadrinhos. *In* revista Conhecimento Prático Literatura. Revista Conhecimento Prático Literatura, São Paulo, n. 51. Ed. Especial Arte-Educação HQs, p. 28 a 39, 2013.

SANTOS, R.; NETO, E. S. Narrativas gráficas como expressão do ser humano *In*: NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. (org). Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora? 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015. 15–25 p.

SAVIANI, D. Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica. São Paulo: [s.n.], 2004. Autores Associados.

_____ Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações. São Paulo: [s.n.], 2008. Autores Associados.

_____ Escola e democracia. Campinas: [s.n.], 2012. Autores Associados.

SILVA, M. B. O. D. Crise ecológica e crise(s) do capitalismo: o suporte da teoria marxista para a explicação da crise ambiental. Veredas do Direito, Belo Horizonte,

Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 115-132, 2013. Disponível em:
<<http://revista.domholder.edu.br/index.php/veredas/article/viewFile/313/345>>.
Acesso em: 08 maio 2019.

SOLER, A. C. P.; DIAS, E. A.; VERÁS NETO, F. Q. Breves Comentários Sobre Marxismo e Antropocentrismo em Ecologia Política. *In*: Francisco Quintanilha Verás Neto, Bruno Cozza Saraiva. (Org). Temas Atuais de Direito Ambiental, Ecologia Política e Direitos Humanos, Pelotas, RS. Ed. da FURG, p. 13-31, 2013. Disponível em:
<https://direito.furg.br/images/stories/LIVROS/Temas_Atuais_de_Direito_AmbientaI/03Soler2013_TDA.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

SOUSA, M. D. Turma da Mônica. Tirinhas Turma da Mônica, 2016. Disponível em:
<<http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=20>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

STEIN, D. R.; DA COSTA, R. Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080). Idade Média, 2011. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/tapecaria-de-bayeux-c-1070-1080>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

TOLEDO, A. D. P. Belo Horizonte, Brazil: UFMG in TORRES, Maurício (org.) Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163. Amazônia: Soberania ou Internacionalização, 2005. ISSN 2005. Disponível em:
<http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Livros%20inteiros/Amaz%C3%B4nia%20Revelada.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

UNGER, N. M. Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico. São Paulo: Loyola, 1992. Nancy Mangabeira Unger (Org.).

VASCONCELLOS, T. V. Ciências em Quadros: as Contribuições da Arte Sequencial para a Educação Científica no Ensino de Ciências. IFES - Instituto Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em:
<https://educimat.ifes.edu.br/images/stories/Publica%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2016_Tatiany_Vittorazzy_Vasconcellos.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2020. Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo.

VERGUEIRO, W. Uso das HQS no ensino. *In*: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004a. 07-29 p.

_____ A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. *In*: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004b. 31-64 p.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P.(orgs.). Quadrinhos na educação. São Paulo: Contexto, 2013. 9-42 p.

VIEIRA, S. L. D. S. Do Serviço Social e a questão socioambiental do século XX - Tese (Doutorado em Serviço Social). PUC p Pontifícia Universidade Católica, 2017. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/20118/2/Sergio%20Luiz%20de%20Soza%20Vieira.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

WORD BANK. *What a Waste 2.0: A Global Snapshot of Solid Waste Management to 2050. Urban development series* © Washington: DC. World Bank, 2018.

WWF. Solucionar A Poluição Plástica: Transparência e Responsabilização. Relatório 2019. WWF, 2019. Disponível em: <<http://promo.wwf.org.br/solucionar-a-poluicao-plastica-transparencia-e-responsabilizacao>>. Acesso em: 18 mar. 2019. Preencher os campos para baixar o arquivo. Acesso pessoal em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/51804/1551713488PLASTIC_REPORT_02-2019_Portugues_FINAL.pdf.

ZIMMERMAN, M. E. Entrevista com Michael E. Zimmerman, de Alan AtKisson - Introdução à Ecologia Profunda *In Global Change. Context Institute - Catalyzing a graceful transition to a sustainable planetary future*, 1989. Disponível em: <<https://www.context.org/iclib/ic22/zimrman/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

ZIRALDO. Tirinhas do Menino Maluquinho. Tirinha do dia, 2019. Disponível em: <<http://www.omeninomaluquinho.com.br/paginatirinha/PaginaAnterior.asp?da=24122019>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis da criança/adolescente da turma _____ da Emef Professor Cerqueira Lima, unidade do Sistema Municipal de Ensino de Cariacica– ES, o projeto de pesquisa **Contribuição das Histórias em Quadrinhos como Objeto de Aprendizagem para o Ensino de Ecofilosofia no Ensino Fundamental**, de autoria do mestrando **Sandro Luiz Modesto**, como recomendação para a realização do Mestrado Profissional em Filosofia - Universidade Federal do Espírito Santo.

A pesquisa tem por objetivo verificar o aprendizado do aluno com leitura e produção de quadrinhos Ecofilosóficos. Como instrumentos de pesquisa serão utilizados registros em diário de campo. Solicita-se, ainda, às famílias, consentimento para a participação das crianças na pesquisa. Para garantir o tratamento ético dos dados, os nomes das crianças serão mantidos em sigilo, e, caso seja necessário, serão usado nomes fictícios. Essas atividades serão efetuadas sem comprometimento da ação educativa do professor e dos alunos, preservando, sobretudo, a integridade do grupo.

Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na dissertação e poderão ser utilizados para publicação. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento.

Eu, _____
 _____ responsável pela criança/
 adolescente, _____

_____, da Emef Prof. Cerqueira Lima autorizo sua participação no projeto de pesquisa **Contribuição das Histórias em Quadrinhos como Objeto de Aprendizagem para o Ensino de Ecofilosofia no Ensino Fundamental** de autoria do mestrando **Sandro Luiz Modesto** - Programa PROF - FILO - Universidade Federal do Espírito Santo, concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura:

RG: _____

APÊNDICE 2



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS – CCHN
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CARTA DE ANUÊNCIA DA INSITUIÇÃO

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se ao corpo diretivo e pedagógico da Emef Prof. Cerqueira Lima – Cariacica - ES o projeto de pesquisa **CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ECOFILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**, de autoria do mestrando Sandro Luiz Modesto, como recomendação para a realização do Mestrado Profissional em Filosofia - Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa tem por objetivo Investigar, na teoria e prática, como as histórias em quadrinhos podem contribuir para o ensino de Ecofilosofia em turmas do sexto ano.

Justifica-se a aplicação do projeto na escola epigrafada tendo por premissa ser a escola de atuação do pesquisador como professor efetivo, responsável por práticas de Filosofia nas turmas desta escola.

Como instrumentos de pesquisa serão utilizados os relatórios das aulas e as histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos. Solicita-se, ainda, às famílias consentimento para a participação dos estudantes na pesquisa. Para garantir o tratamento ético dos dados, os nomes dos sujeitos da pesquisa serão mantidos em sigilo, caso seja necessário serão usados nomes fictícios.

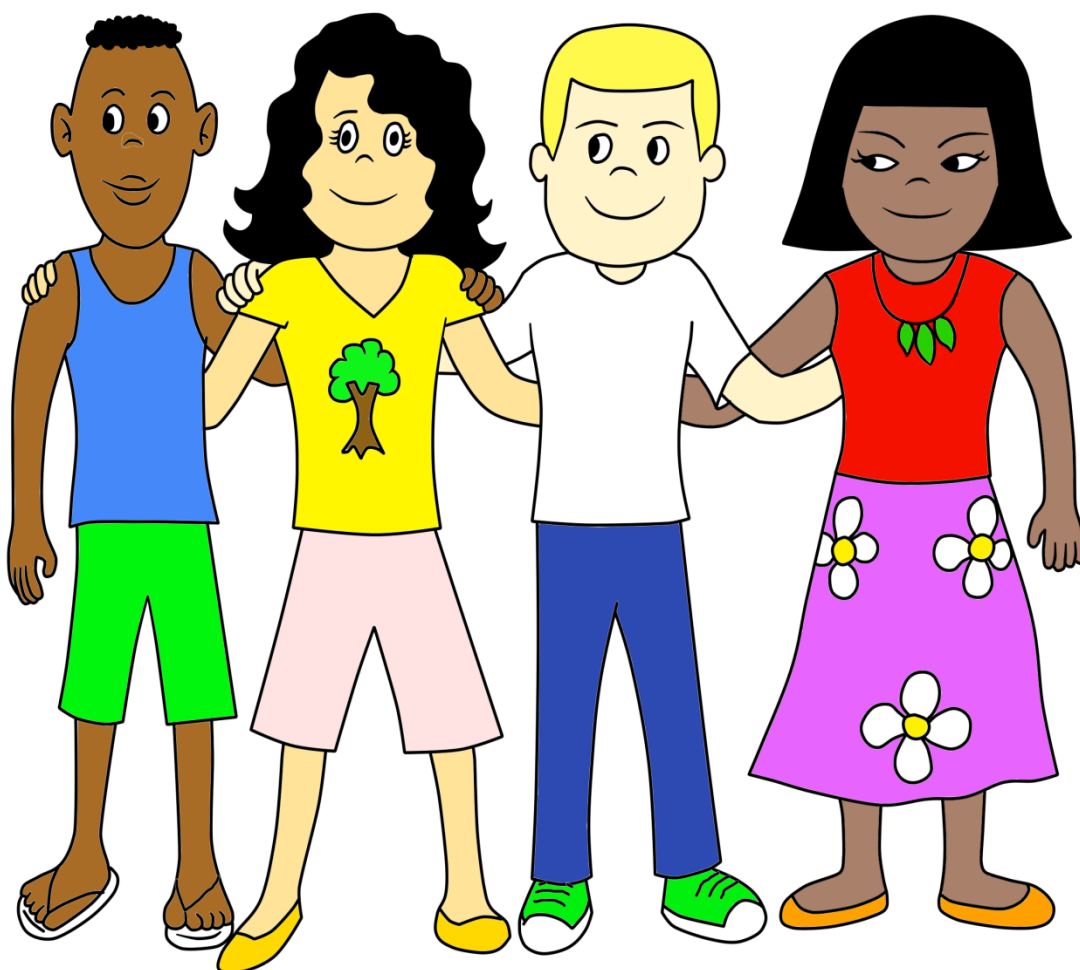
Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na dissertação e poderão ser utilizados para publicação.

A diretora da instituição Maria Inês Libardi se declara ciente e autoriza a pesquisa nos termos desta Carta de Anuência.

Cariacica - ES, _____ de _____ de 2019.

Diretor: Maria Inês Libardi

ECOFILOSOFIA



ENKI, CONHECIDO COMO KIKI, 11 ANOS. ADORA TECNOLOGIA, JOGOS E É APAIXONADO PELA NATUREZA.

SOFIA, 12 ANOS. APELIDADA DE SOSÔ, TEM ESPÍRITO DE LIDERANÇA E É APAIXONADA PELA NATUREZA.

ADÃO, 12 ANOS. INGÊNUO, ATRAPALHADO, ESTUDIOSO E APAIXONADO PELA NATUREZA.

YACI, 11 ANOS. FIEL ÀS TRADIÇÕES DE SUA TRIBO. APRENDEU DESDE CEDO A SER APAIXONADA PELA NATUREZA.


ROTEIRO E DESENHOS - SANDRO LUIZ MODESTO
ORIENTAÇÃO - MAURICIO ABDALLA
PROF. FILO - MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

COLORIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO - WILLIAN GOMES

OS APAIXONADOS PELA NATUREZA VÃO FAZER SUA PESQUISA SOBRE O LIXO

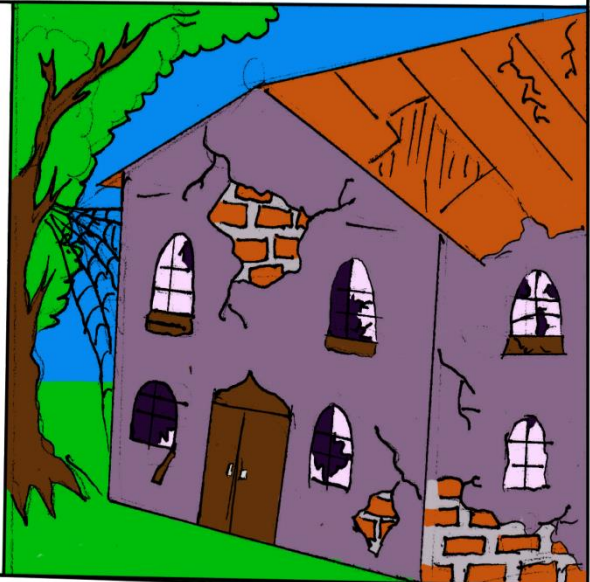


SE QUISEREM SABER MAIS SOBRE O LIXO E TERMINAR A PESQUISA DE VOCÊS, VENHAM ATÉ O CASARÃO ABANDONADO DA RUA DE CIMA, MAS SÓ VENHAM SE ESTIVEREM DISPOSTOS À COOPERAR COM UM MUNDO MAIS LIMPO.





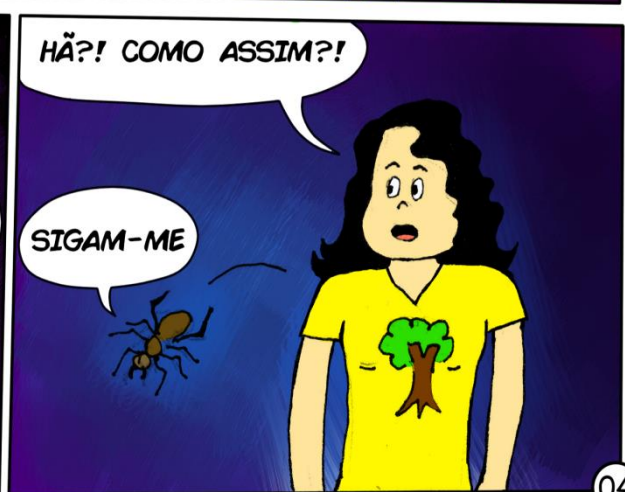
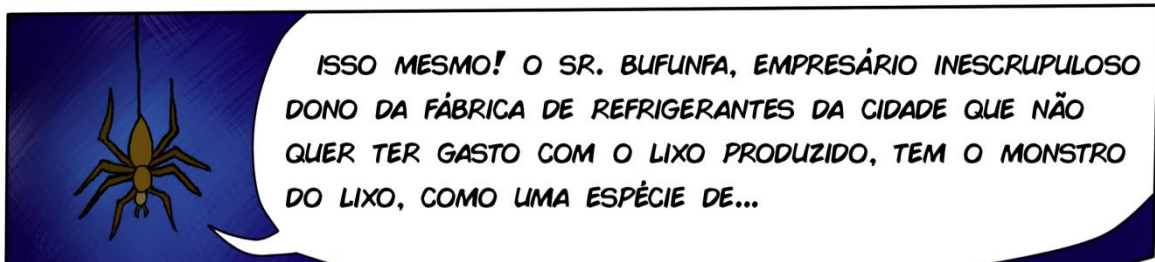
MESMO COM MEDO, O QUARTETO ENTRA NO CASARÃO, QUE ESTÁ TODO EMPOEIRADO, QUEBRADO, COM TEIAS DE ARANHA E MUITO ESCURO.





SIM, NÓS QUEREMOS!!!





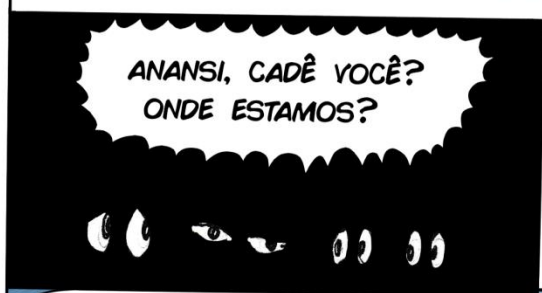


TINHA QUE SER NO PORÃO?!!



QUANDO TODOS DESCEM...

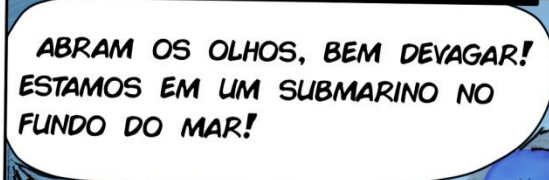
OPS! MEU CELULAR DESCARREGOU.



ANANSI, CADÊ VOCÊ? ONDE ESTAMOS?



A LUZ FORTE E REPENTINA "CEGA" OS AVENTUREIROS.



ABRAM OS OLHOS, BEM DEVAGAR! ESTAMOS EM UM SUBMARINO NO FUNDO DO MAR!



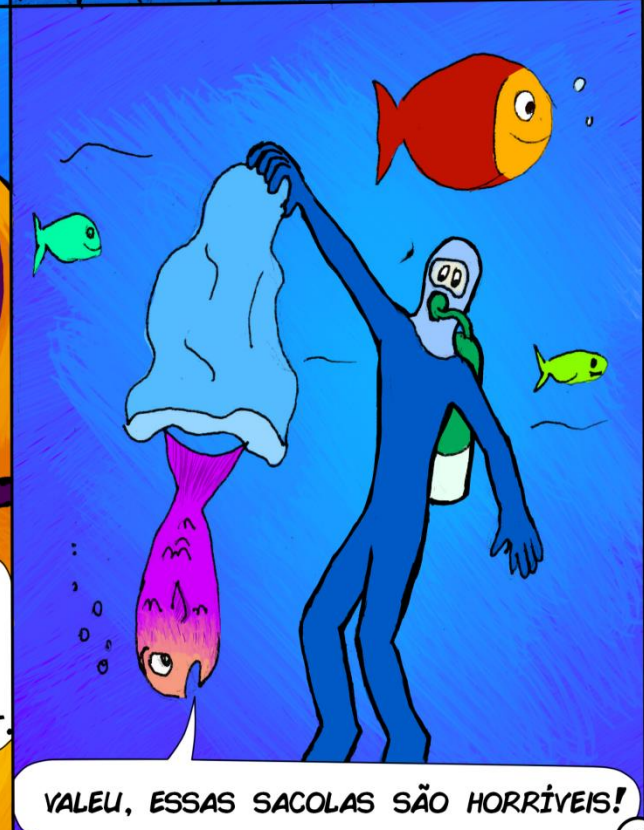
NOOOSSA! ESSA MAGIA DA MÃE NATUREZA É FORTE MESMO!

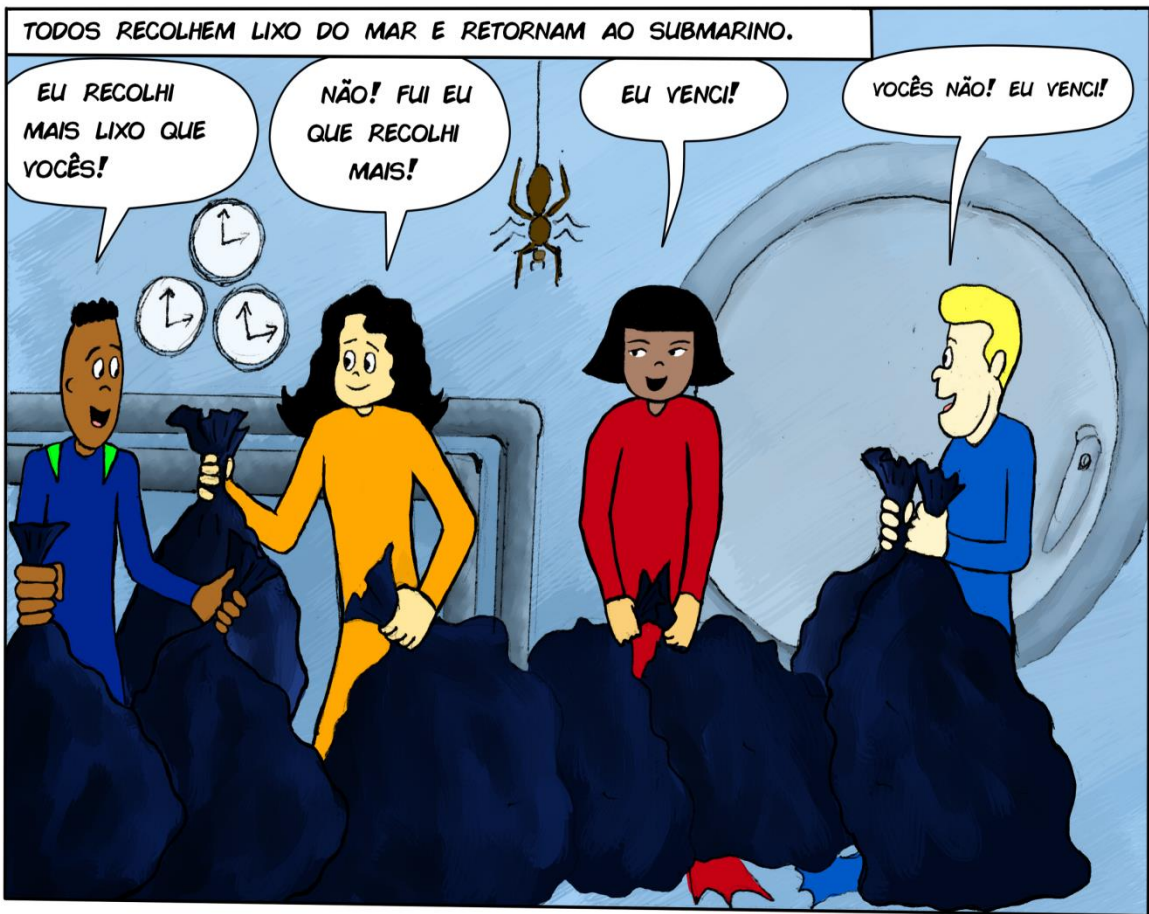


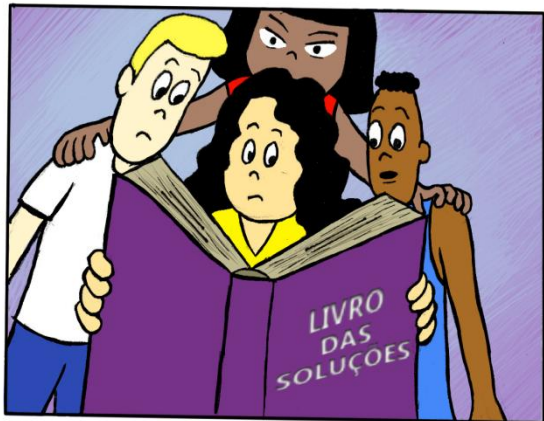
QUE LEGAL!

O JOGO CONSISTE EM SALVAR OS ANIMAIS MARINHOS DOS PERIGOS DO LIXO NO MAR, QUEM CONSEGUIR SALVAR MAIS VIDAS É O VENCEDOR! COLOQUEM SUAS ROUPAS DE MERGULHO!

IMEDIATAMENTE O JOGO COMEÇA E CADA UM SE EMPENHA EM SUA MISSÃO.







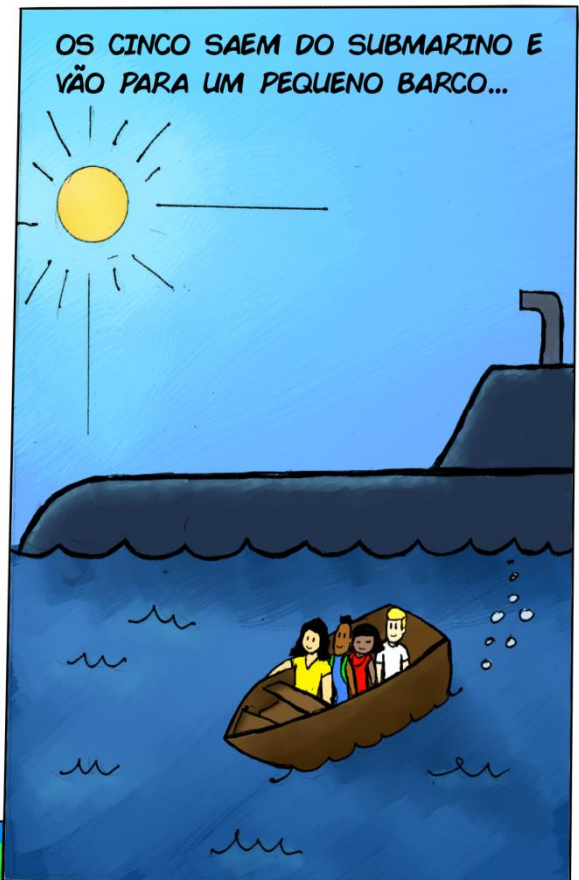
“DEVEM PASSAR PELAS 4 ECOLOGIAS:

ECOLOGIA AMBIENTAL: CUIDADO COM TODO O AMBIENTE

ECOLOGIA POLÍTICA E SOCIAL: COOPERAÇÃO/MUDANÇA NAS RELAÇÕES

ECOLOGIA MENTAL: UMA NOVA FORMA DE PENSAR O MUNDO

ECOLOGIA INTEGRAL: A TEIA”





LUGAR BONITO!
MAS O QUE PODEMOS
APRENDER AQUI?

EU ME
SINTO EM
CASA!



VEJAM AQUILO!

UM COPO DESCARTÁVEL!
QUE HORROR!

POR QUE AS PESSOAS
FAZEM ISSO?

PORQUE SÃO PORCAS!



MAS OS
PORCOS NÃO
FAZEM ISSO!

É VERDADE, DEVE SER DESLEIXO!



O HOMEM SE CONSIDERA O CENTRO
DO UNIVERSO, DESPREZANDO TODOS
OS OUTROS SERES. NA ECOLOGIA
AMBIENTAL DEVEMOS NOS PREOCUPAR
COM TODO AMBIENTE: OS SERES
VIVOS, A TERRA, A ÁGUA, ETC.



O COPO DE PLÁSTICO É UM DESRES-
PEITO, POIS CONTAMINA O SOLO, OS
OCEANOS (COMO VOCÊS PUDEMOS VER COM
SEUS PRÓPRIOS OLHOS), RIOS E ATÉ O AR. O
PLÁSTICO É UM OBJETO ESTRANHO AQUI... E
LEVA CENTENAS DE ANOS PARA SE DECOMPOR.
O AMBIENTE PRECISA SER CUIDADO!





ESTA TRIBO MANTÉM BOA PARTE DAS TRADIÇÕES, TEM UM ESTILO DE VIDA COOPERATIVO, ONDE TODOS TRABALHAM SEM PREOCUPAÇÃO COM LUXO. SÓ CONSOMEM O QUE É NECESSÁRIO. PESCAM, CAÇAM, PLANTAM... MAS COM MUITO RESPEITO À MÃE TERRA.

LÁ EM CASA NÃO GASTAMOS COM SUPÉRFLUOS.

A ECOLOGIA POLÍTICA E SOCIAL DEVE GARANTIR A SOBREVIVÊNCIA DE TODOS.

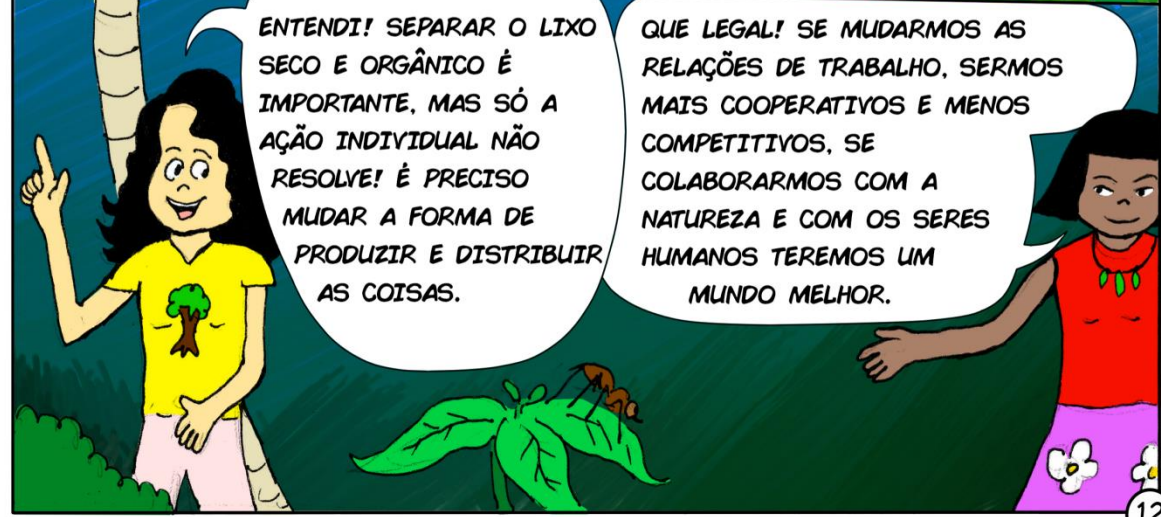
ONDE HÁ COOPERAÇÃO, TODO O PLANETA SOBREVIVE.



A POLÍTICA DEVE ORGANIZAR A CIDADE PARA O BEM DE TODOS. O DINHEIRO NÃO DEVE ESTAR ACIMA DA VIDA!

AGORA ENTENDO O LIVRO DAS SOLUÇÕES

ISSO MESMO, SOFIA! E PARA MUDAR TUDO ISSO É PRECISO MUDAR NOSSO JEITO DE PENSAR, DE AGIR, DE SER... COMO PROPÕE A ECOLOGIA MENTAL.



ENTENDI! SEPARAR O LIXO SECO E ORGÂNICO É IMPORTANTE, MAS SÓ A AÇÃO INDIVIDUAL NÃO RESOLVE! É PRECISO MUDAR A FORMA DE PRODUZIR E DISTRIBUIR AS COISAS.

QUE LEGAL! SE MUDARMOS AS RELAÇÕES DE TRABALHO, SERMOS MAIS COOPERATIVOS E MENOS COMPETITIVOS, SE COLABORARMOS COM A NATUREZA E COM OS SERES HUMANOS TEREMOS UM MUNDO MELHOR.

É IMPORTANTE PENSAR O MUNDO COMO UM TODO: SOMOS INTERLIGADOS, SOMOS DEPENDENTES DE TODO O ECOSISTEMA!

ISSO É FANTÁSTICO! SOMOS TODOS LIGADOS! TODOS OS SERES DA TERRA SÃO LIGADOS COMO UMA TEIA!

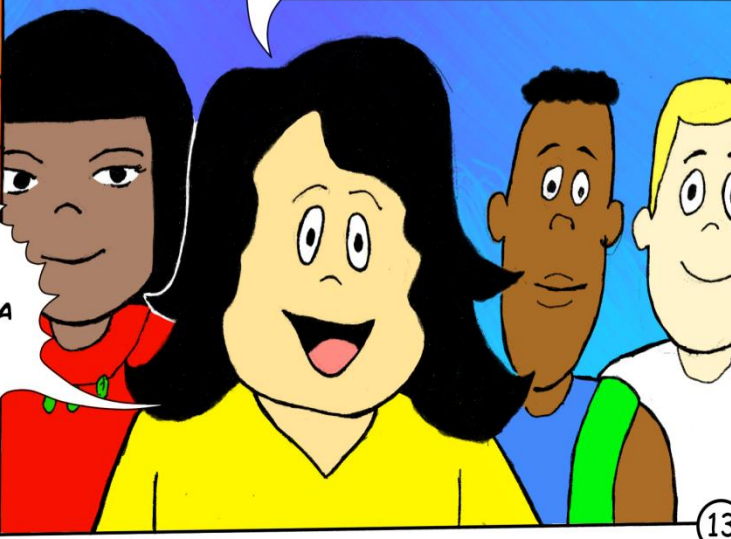
POR EXEMPLO, CERTOS PÁSSAROS COMEM FRUTOS DE UMA ÁRVORE E AJUDAM EM SUA REPRODUÇÃO, LANÇANDO SUAS SEMENTES AO DEFECAR EM DIVERSOS LOCAIS.

AS ABELHAS EM BUSCA DO PÓLEN DAS FLORES CONTRIBUEM EM SUA REPRODUÇÃO.

O PROFESSOR FALOU SOBRE ISSO NA AULA!



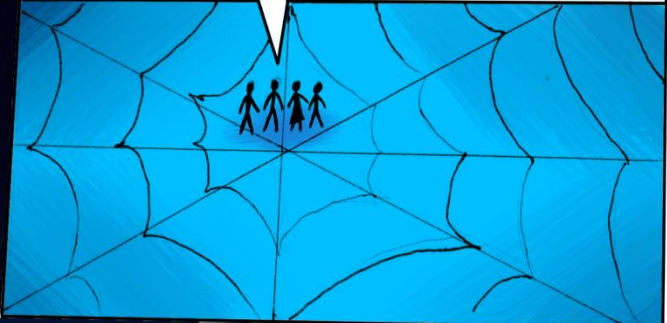
SHOW! SE CUIDARMOS DA ECOLOGIA AMBIENTAL, CUIDANDO DA FAUNA, DA FLORA E DOS MINERAIS E DE TODA NOSSA CASA E SE TIVERMOS CUIDADO COM NOSSAS RELAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS, PARA QUE ELA SEJA JUSTA E IGUALITÁRIA.



...MUDAREMOS A RELAÇÃO DO HOMEM COM A TERRA PELA ECOLOGIA MENTAL, QUEBRANDO VERDADES DESTE MUNDO QUE VALORIZA MAIS AS COISAS MATERIAIS DO QUE AS PESSOAS E A NATUREZA! TUDO ISTO ESTÁ INTERLIGADO - ECOLOGIA INTEGRAL



YAMOS DESCANSAR NA TRIBO, ELES ESTÃO NOS ESPERANDO.

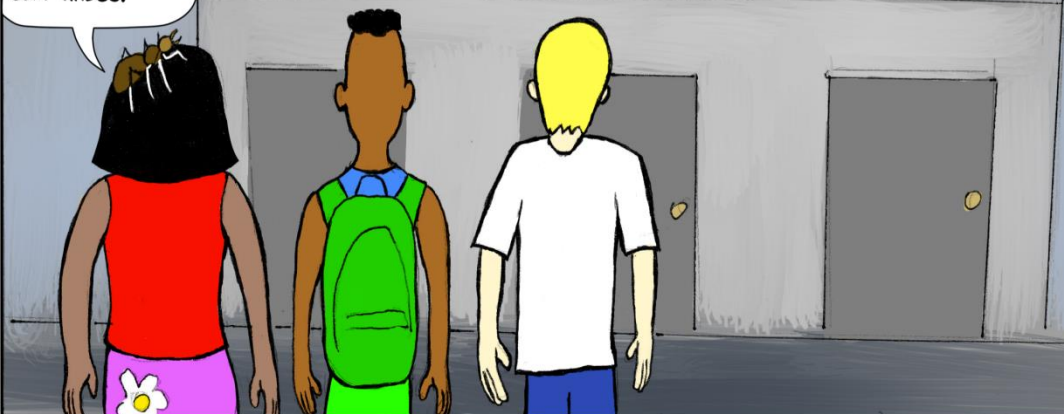


APÓS UMA NOITE AGRADÁVEL NA TRIBO, AO AMANHECER, OS QUATRO E ANANSI VÃO À FÁBRICA DO SR. BUFUNFA.

CHEGAMOS, MAS NÃO ENTRAREI, ARANHAS NÃO SÃO BEM VINDAS POR AQUI!

PRÉ-ADOLESCENTES TAMBÉM NÃO SÃO BEM-VINDOS.

REFRIGERANTES BUFUNFA





POR ISSO SOFIA FOI BUSCAR REPRESENTANTES DA COMUNIDADE... NÃO ESTARÃO SOZINHOS!



YOU PARTIR, MAS TENHO PRESENTES!

QUE LINDAS!

MAS O QUE É ISSO?

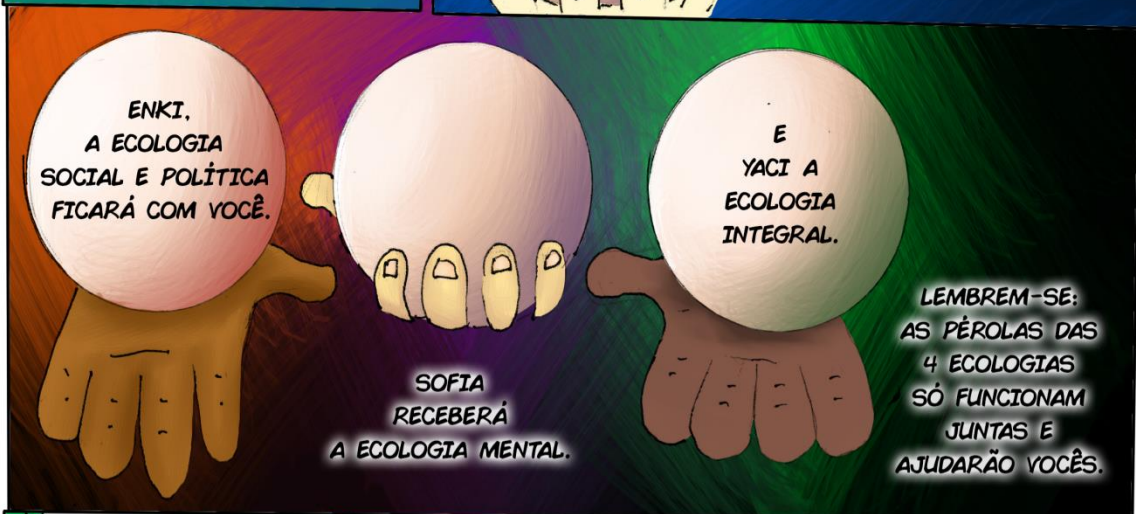


SÃO PÉROLAS GIGANTES. ENQUANTO VOCÊS LIMPAVAM O OCEANO, PEGUEI ESSAS PÉROLAS, PRESENTES DA MÃE TERRA.



CADA PÉROLA REPRESENTA UMA ECOLOGIA

ADÃO FICARÁ COM A ECOLOGIA AMBIENTAL



ENKI, A ECOLOGIA SOCIAL E POLÍTICA FICARÁ COM VOCÊ.

E YACI A ECOLOGIA INTEGRAL.

SOFIA RECEBERÁ A ECOLOGIA MENTAL.

LEMBREM-SE: AS PÉROLAS DAS 4 ECOLOGIAS SÓ FUNCIONAM JUNTAS E AJUDARÃO VOCÊS.



EI! EU TENHO MUITAS DÚVIDAS! ESPERE!

ATÉ A PRÓXIMA!

LOGO DEPOIS, SOFIA CHEGA COM REPRESENTANTES DA COMUNIDADE...



...E APÓS RECEBER SUA PÉROLA, TODOS VÃO SE ENCONTRAR COM O SR. BUFUNFA.

QUEREMOS QUE RESOLVA O PROBLEMA DO LIXO QUE É DESCARTADO DE MODO INCORRETO!



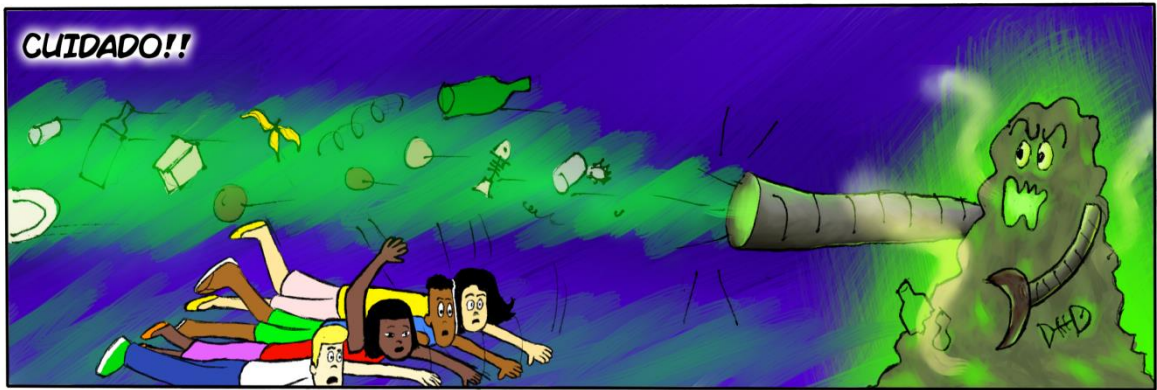
QUE PROBLEMA DO LIXO?! NOSSA EMPRESA GERA EMPREGOS, PATROCINA GRUPOS ECOLÓGICOS, TEMOS CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL, PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM A COMUNIDADE...

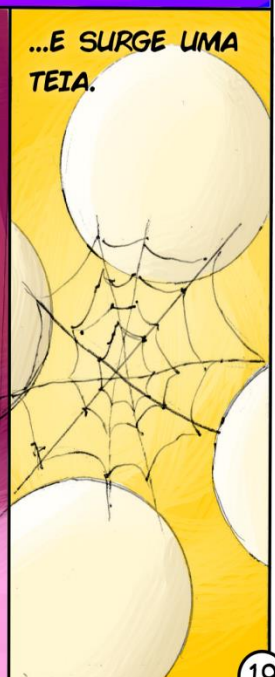
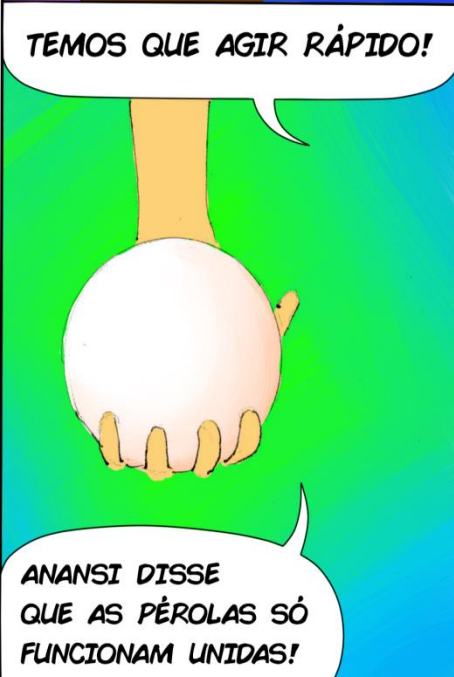
HÁ MAIS DE UM ANO COBRAMOS DO SENHOR E NADA É RESOLVIDO! TODAS AS BOAS AÇÕES DE SUA EMPRESA NÃO ANULAM O PROBLEMA DO LIXO!



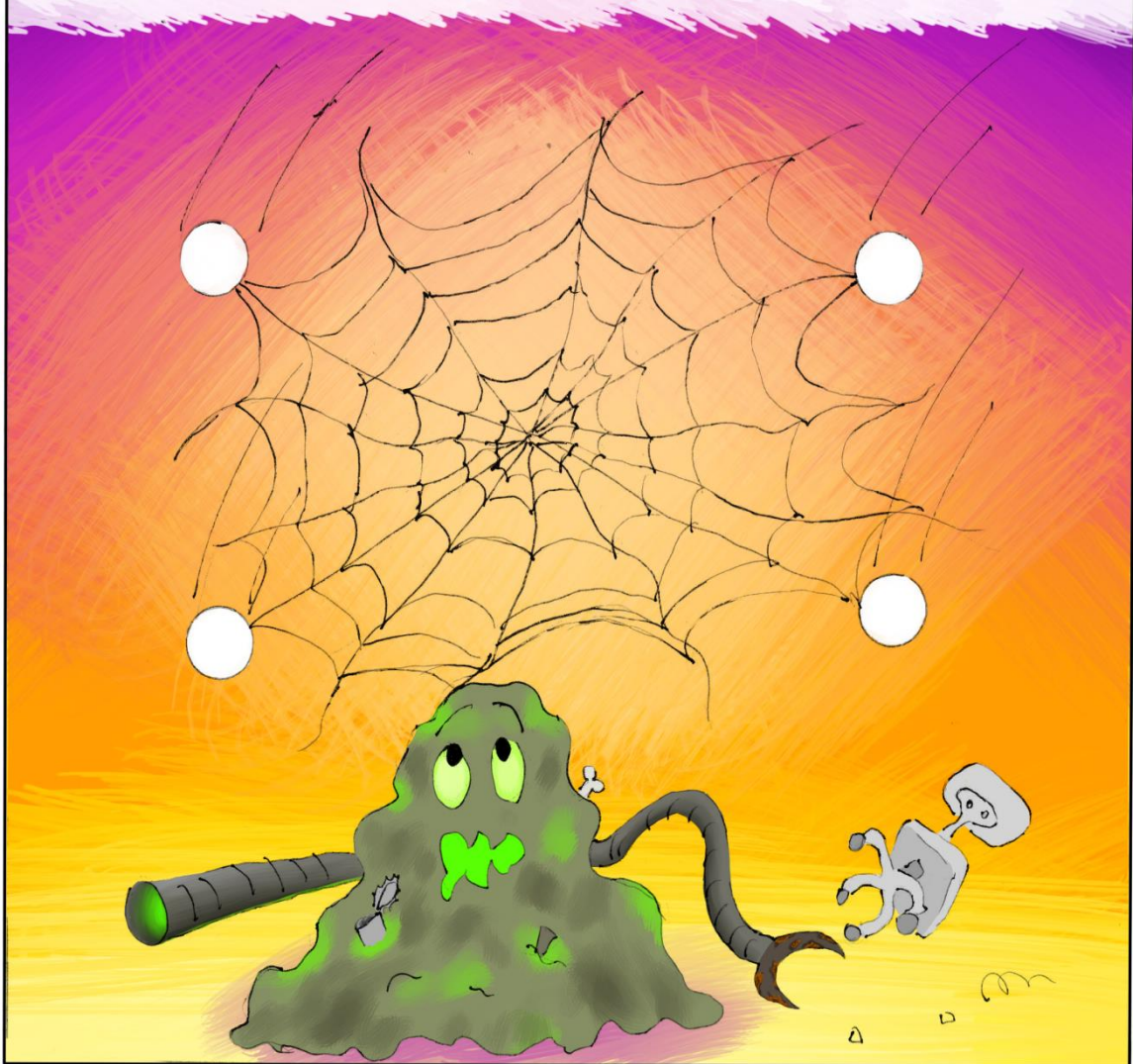
SOLUÇÃO JÁ!







...QUE SE EXPANDE O SUFICIENTE PARA SER LANÇADA SOBRE O MONSTRO DE LIXO...



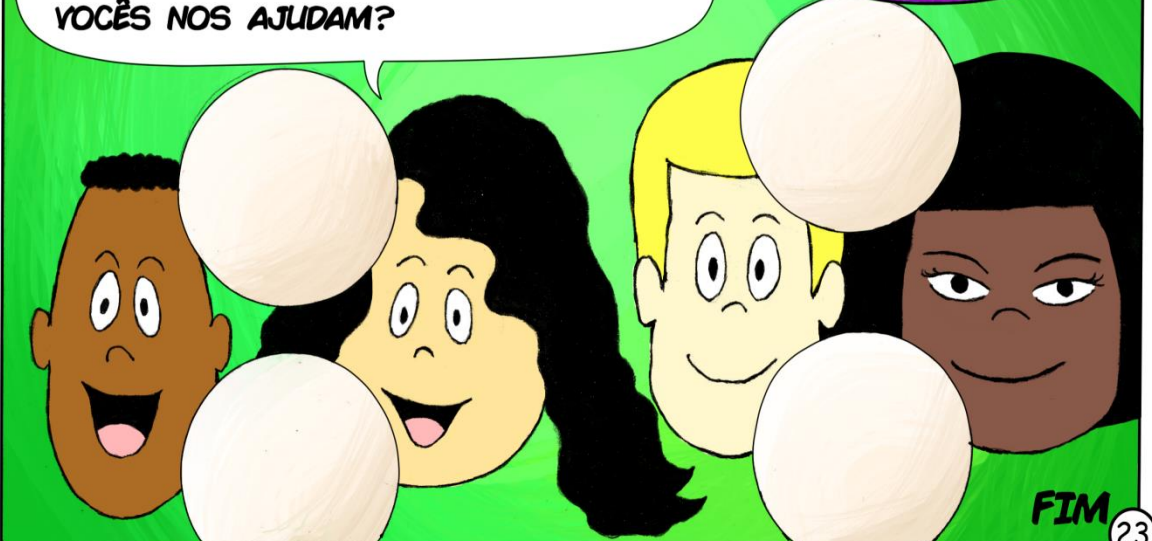
...E O DISSOLVE LOGO EM SEGUIDA.



VIVAA! VENCEMOS!!!







ANEXOS

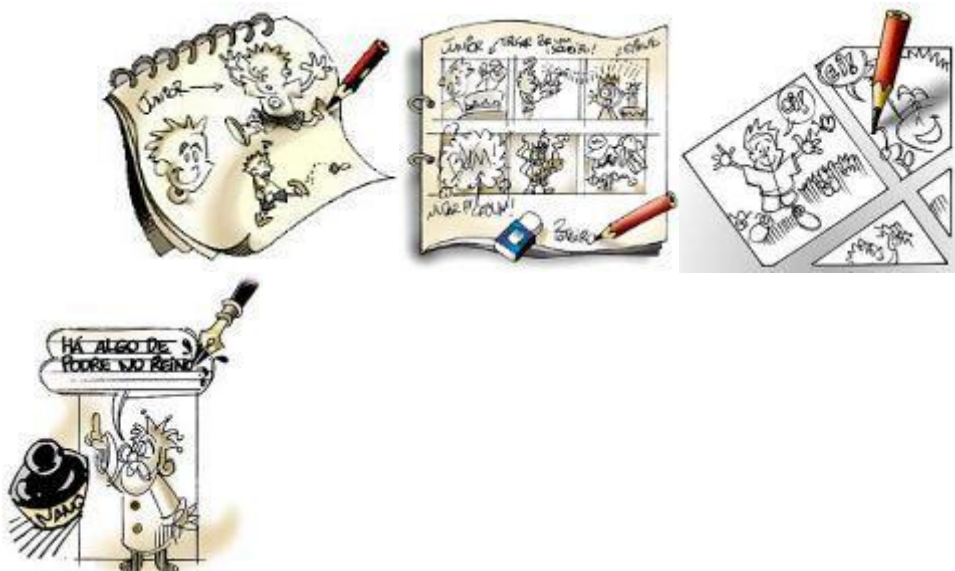
ANEXO 1

Como fazer um gibi

Para desenhar os quadrinhos é preciso, além da inspiração, conhecer algumas técnicas. Se você tem uma ideia incrível para uma história em quadrinhos, já está a meio caminho de conseguir fazê-la. Mas há etapas a serem cumpridas antes de seu gibi ser um sucesso. Veja:

1. Criação dos personagens

Dos protagonistas aos tipos secundários, o autor precisa planejar tudo, para não cair em contradição mais tarde. O ideal é ter em mente cada personagem, com a personalidade, o aspecto físico, o estilo das roupas, os vícios e as virtudes. Nessa fase, o artista deve desenhar cada um dos tipos em posições variadas e em expressões faciais bem marcadas. Treinando o seu traço, não haverá perigo de, ao longo da história, o personagem ficar irreconhecível.



2. Argumento e roteiro

O argumento é a ideia geral da história, com começo, meio e fim. Quando é trocado em miúdos, tem-se o roteiro, que deve ser planejado quadro a quadro.

Nessa fase, as páginas são diagramadas, as cenas descritas e os diálogos finalmente definidos.

3. Desenho

À lápis, as linhas de todos os elementos das páginas são marcadas: personagens, cenários, balões (já no caso dos textos escritos à lápis), onomatopeias (palavras que reproduzem sons naturais, como *Tchibum! Pou! Crás!*) e os contornos dos quadrinhos.

4. Letras

Com tinta nanquim (os alunos podem usar uma caneta hidrográfica preta de ponta fina), o texto dos balões e as onomatopeias são finalizados. Os profissionais trabalham com páginas cujo espaço para letras já vem pré-marcado. Um erro muito comum para quem está começando é entusiasmar-se demasiadamente e desenhar todo o quadrinho antes de decidir o texto que acompanhará a imagem. Quando chega a hora de preencher os balões, descobre-se que o espaço é curto. Aí é tarde. Planeje, então, o desenho e o texto simultaneamente. O melhor modo de fazer isso é checar e recheçar o seu roteiro.

5. Arte-final

Como as letras, os demais elementos gráficos recebem a tinta preta, cobrindo cuidadosamente os traços a lápis e corrigindo eventuais falhas. Você pode optar por usar caneta ou pincel. Para dar efeito de luz e sombra, pode-se hachurar ou pontilhar. Nos quadrinhos de autor, o arte-finalista e o desenhista são a mesma pessoa.

6. Cor

A última etapa antes da impressão do gibi é a colorização dos quadrinhos. Os desenhistas profissionais vêm usando cada vez mais programas gráficos de pintura por microcomputador. Na classe, os alunos podem optar entre os lápis de cor, as “canetinhas” ou outras técnicas de pintura que já tenham sido trabalhadas em sala de aula.

Alguns recursos utilizados nas histórias em quadrinhos:

As onomatopeias

São utilizadas para imitar certos sons ou ruídos, podem aparecer dentro de balões ou não.

As onomatopeias mais comuns são:

BANG, BANG = tiro de revólver.

VRUUN! = motor de carro.

CRACK = quebra de um objeto.

PLA, PLA, PLA = aplausos.

GLUG, GLUG = deglutição de alimento.

BOOM = estouro de uma bomba.

CHUÁÁ!!! = pessoa caindo na água ou água caindo.

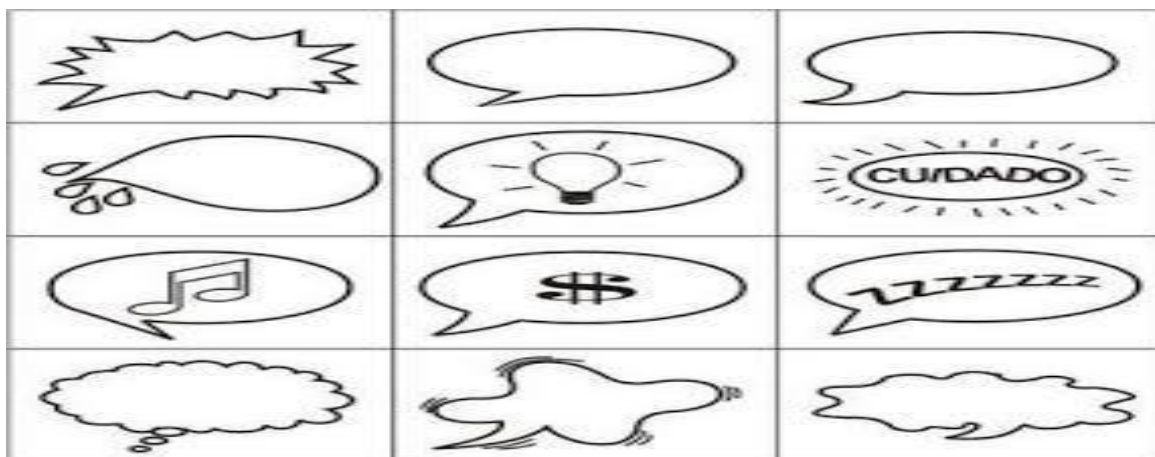
BUÁ!! = choro.

BZZZ = inseto voando.

IC! = soluço.

RÁ! RÁ! RÁ!= risada.

SMACK = beijo.



Os Balões

Os balões contém textos ou imagens que correspondem aos diálogos, pensamentos, sonhos e emoções dos personagens.

As legendas

As legendas apresentam a descrição de um fato ou uma informação importante para a interpretação da história. Podemos dizer que as legendas correspondem ao papel do narrador no rádio ou na televisão.

Agora é com Você!

Crie uma pequena história em quadrinhos. Siga todas as etapas e faça um bom trabalho. Se achar necessário, procure outras fontes de pesquisa para enriquecer seu conhecimento e despertar novas ideias.